

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA**  
**FACULDADE DE COMUNICAÇÃO**

**Leiliane Germano de Souza**

**CRÔNICA E IDEOLOGIA:**

Luis Fernando Verissimo e os debates políticos de 2016

**Juiz de Fora**  
**Julho de 2016**

**Leiliane Germano de Souza**

**CRÔNICA E IDEOLOGIA:**

Luis Fernando Verissimo e os debates políticos de 2016

Monografia apresentada ao curso de Comunicação Social, Jornalismo da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Roberto Figueira Leal.

Co-orientador (a): Profa. Dra. Teresa Neves.

**Juiz de Fora**

**Julho de 2016**

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Germano de Souza, Leiliane.

Crônica e Ideologia : Luis Fernando Verissimo e os debates políticos de 2016 / Leiliane Germano de Souza. -- 2016.

130 p.

Orientador: Paulo Roberto Figueira Leal

Coorientadora: Teresa Neves

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Comunicação Social, 2016.

1. Crônica. 2. Jornalismo. 3. Literatura . I. Figueira Leal , Paulo Roberto , orient. II. Neves, Teresa, coorient. III. Título.

**Leiliane Germano de Souza**

**CRÔNICA E IDEOLOGIA:**

Luis Fernando Verissimo e os debates políticos de 2016

Monografia apresentada ao curso de Comunicação Social, Jornalismo da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Roberto Figueira Leal.

Co-orientador (a): Profa. Dra. Teresa Neves.

Aprovado (a) pela banca composta pelos seguintes membros:

---

Prof. Dr. Paulo Roberto Figueira Leal (FACOM/ UFJF) - orientador

---

Profa. Dra. Teresa Neves (FACOM/ UFJF) - co-orientador (a)

---

Profa. Dra. Lara Linhalis (FACOM/ UFJF) - convidado (a)

---

Profa. Dra. Marise Mendes (FACOM/ UFJF) - convidado (a)

Conceito obtido: ( X ) aprovado (a)                      (   ) reprovado (a)

Observação da

banca: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_.

Juiz de Fora, 3 de agosto, de 2016.

## **AGRADECIMENTOS**

A minha mãe Tânia Aparecida Germano, guerreira e um exemplo de mulher e que fez inúmeros sacrifícios para que esse sonho se realizasse. A minha avó Francisca Manoelina que me criou e me ensinou a ser forte e ter fé.

A Deus por todas as bênçãos.

Ao meu namorado, amigo e parceiro de todas as horas William Barter que me incentivou em cada momento dessa trajetória.

Ao meu orientador e amigo Paulo Roberto Figueira pelos momentos de aprendizagem e confiança. A minha co-orientadora Teresa Neves, pelas lições e atenção.

## RESUMO

O ano de 2016 foi marcado por diferentes debates ideológicos. Questionamentos políticos no Brasil, manifestações, investigações e eleições presidenciais nos Estados Unidos estiveram nas pautas dos veículos de comunicação nacionais e internacionais. A partir desses acontecimentos e do pressuposto de que ideologia é o conjunto de ideias existente em uma sociedade, capaz de interferir na forma como seus habitantes enxergam o mundo, o presente trabalho busca analisar o discurso ideológico presente nas crônicas de Luis Fernando Verissimo, publicadas no primeiro trimestre de 2016. Com a pesquisa, busca-se através da análise de conteúdo, identificar e compreender quais valores ideológicos estiveram presentes nas discussões levantadas pelo escritor.

**Palavras – chave:** Crônica. Ideologia. Jornalismo .Literatura. Luis Fernando Verissimo.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2. MÍDIA, POLÍTICA E IDEOLOGIA .....</b>	<b>12</b>
2.1. O QUE É IDEOLOGIA? .....	13
2.3. ESQUERDA E DIREITA: AS DIFERENTES PERSPECTIVAS .....	18
2.4. O PAPEL DA COMUNICAÇÃO NA PROPAGAÇÃO IDEOLÓGICA.....	22
<b>3. FILHA DO BRASIL.....</b>	<b>28</b>
3.1. DO FOLHETIM PARA OS LIVROS: A VIDA COMO ELA É .....	32
3.2. LUIS FERNANDO VERISSIMO: O OLHAR ALÉM DO ÓBVIO .....	39
<b>4. O DISCURSO IDEOLÓGICO NAS CRÔNICAS DE VERÍSSIMO .....</b>	<b>42</b>
4.1. ANÁLISE DE CONTEÚDO.....	43
4.2. O OLHAR IDEOLÓGICO DE VERISSIMO SOBRE A POLÍTICA NACIONAL .....	46
4.3. VERISSIMO E A POLÍTICA NORTE-AMERICANA.....	52
4.4. CRÍTICA AO CAPITALISMO DESENFREADO.....	57
4.5. UM OLHAR ATENTO AOS PRECONCEITOS.....	61



4.6. O CRONISTA SENSÍVEL AOS TEMAS BANAIIS .....	65
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>75</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>79</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>83</b>

## 1. INTRODUÇÃO

É da natureza do ser humano comunicar-se um com o outro. Dos desenhos rupestres aos aplicativos de celular que permitem acessar a notícia em tempo real, a troca, publicação e divulgação de informações contribui para a construção da opinião pública.

O jornalismo opinativo abre espaço para a materialização de gêneros literários caracterizados pela presença do texto autoral marcado pela subjetividade do escritor. Esses gêneros são representados nessa pesquisa pela crônica. A história da crônica brasileira se mistura a do jornalismo contemporâneo.

Desde os rodapés nos folhetins até os dias atuais, esses textos possuem o caráter de entretenimento e ganham destaque ao narrar o cotidiano de sua época. Enquanto a maioria das notícias brasileiras é marcada pelos princípios da objetividade e imparcialidade, as colunas opinativas abordam de forma leve fatos de destaque no momento, ou não, a partir de um olhar crítico. Assim surge a crônica, criando uma interseção entre o jornalismo e a literatura, carregando consigo a efemeridade como uma de suas principais características.

O principal objetivo dessa pesquisa é compreender o discurso ideológico presente nos textos do cronista Luis Fernando Verissimo. A partir da análise, busca-se compreender o tratamento dado aos temas discutidos. Capaz de provocar o riso através de seus textos, o gaúcho acarreta a suas crônicas argumentações críticas, ironia e bom humor.

O início de 2016 foi marcado por intensas movimentações políticas no Brasil. Operação Lava Jato, investigações, trocas de cargos políticos, delações, corrupção e uma intensa crise de representatividade dentro do polo governamental foram algumas das pautas das conversas entre os brasileiros e das manchetes dos jornais. A partir desse estudo, pretende-se trabalhar as seguintes questões: como Verissimo trabalhou de forma crítica e literária os principais assuntos políticos-sociais desse período? Houve um teor ideológico presente nesses textos? Para isso, serão analisadas as crônicas veiculadas no jornal **O Estado de S. Paulo**, no primeiro trimestre de 2016. O material foi retirado do site do periódico paulista mas também foi publicado no jornal **O Globo**.

O trabalho foi dividido em três capítulos. O primeiro apresenta o significado de

política e ideologia. Para isso recorreremos às teorias de Hannah Arendt (1998), sobre a origem da política como um fenômeno social, e Pierre Bourdieu (2001) abordando o cenário político como um campo de forças pessoais e comunitárias. Entre os autores escolhidos para definir ideologia, destacam-se os estudos de Karl Marx e Friedrich Engels (1980) e Marilena Chaui (1980). Também serão definidos os conceitos de esquerda e, direita e a partir daí, o papel da comunicação na propagação de discursos ideológicos.

Em um segundo capítulo, apresenta-se a história e o conceito de crônica desde os folhetins franceses às colunas dos jornais. Serão abordadas suas características documentais, literárias e jornalísticas. Nesse estágio, também será apresentado o autor aqui estudado, Luis Fernando Verissimo, a partir de uma breve biografia.

No terceiro e último capítulo, será apresentada a metodologia da análise de conteúdo, proposta por Laurence Bardin (2011). Também será apresentado um breve histórico do jornal O Estado de S. Paulo, veículo onde são publicadas as crônicas aqui estudadas. Após as apresentações, as publicações serão agrupadas em categorias e será realizada a análise dos textos selecionados para formar o corpus deste trabalho, usando como base teorias e autores apresentados anteriormente.

## 2. MÍDIA, POLÍTICA E IDEOLOGIA

A proposta desta pesquisa é compreender o discurso político presente nos textos de Luiz Fernando Veríssimo. Para realizar a análise proposta, é preciso primeiro conceituar política, ideologia e a influência de ambas na imprensa brasileira. Para isso, é necessário apresentar as origens dos termos aqui citados.

Antes de falar sobre posicionamentos políticos, é preciso compreender o significado de política. Como explica Hannah Arendt (1998, p. 124), a política apresenta-se como um fenômeno social e cultural. Ela é uma criação humana, trabalhada no nível organizacional, pois nasceu para tratar de assuntos sociais. Segundo a autora, só é possível se fazer uma política pura quando existe pluralidade e liberdade entre os homens que a praticam. Arendt afirma que os homens se organizam politicamente para discutir pontos de vista em comum ou para resolver situações presentes em um momento de caos absoluto.

Para Pierre Bourdieu (2001, p. 60), o cenário político pode ser compreendido como um campo de forças, onde diferentes agentes atuam impondo não apenas os interesses públicos, mas também os particulares. Cada decisão tomada nesse setor gira em torno da intensa disputa por poder e dominação.

Já para Zygmunt Bauman (2000, p. 12), fazer política, em uma sociedade democrática, consiste em desmontar "os limites à liberdade dos cidadãos". A política também se mostra como a arte da auto-limitação, pois liberta o indivíduo para que ele possa se capacitar e traçar, sozinho ou em grupo, suas próprias limitações de convivência.

A ação política é movida por fatores ideológicos e sociais. Ao falar em ideologia política, logo vem à cabeça os conceitos de esquerda e direita. Mas o que seria exatamente um discurso ideológico? O que poder ser considerado um posicionamento esquerdista ou direitista?

## 2.1. O QUE É IDEOLOGIA?

Ao explicar a origem do termo ideologia, Marilena Chauí (1980, p. 41) aponta que sua primeira aparição aconteceu em 1801 no livro de Destutt de Tracy, *Eléments d'Idéologie*. Conforme ressalta a autora, o termo aparece como a gênese das ideias que exprimem a relação do corpo com o meio em que ele vive. O estudo de Tracy elabora uma teoria sobre as faculdades sensíveis, responsáveis pela formação das ideias humanas: vontades, julgamentos de valores, sentimentos e recordações. Dessa forma, a ideologia passa a ser um sistema de ideias que desconhecem suas verdadeiras relações com o real.

Para Karl Marx e Friedrich Engels (1980, p.25), a ideologia sobrepõe-se à consciência individual. Sendo assim, cada pessoa interpreta a organização social em que vive e seu posicionamento dentro dela a partir do que os autores chamam de consciência pura. Porém, esta interpretação ainda se apresenta de forma presa à consciência coletiva, que de alguma forma influencia este pensamento.

Marx e Engels (1980, p. 25) definem ideologia como uma tentativa de explicar qualquer relação humana a partir da consciência social cristalizada. De acordo com os estudiosos, não é a consciência que define o que o homem é, mas sim o ser social que delimita sua capacidade consciente.

E se em toda sua ideologia os homens e suas relações nos surgem invertidos, tal como acontece numa câmara escura, isto é apenas o resultado do seu processo de vida histórico, do mesmo modo que a imagem invertida dos objetos que se forma na retina é uma consequência do seu processo de vida diretamente físico. (MARX E ENGELS, 1980, p. 25)

Para esclarecer o significado do termo ideologia, José Luiz Fiorin (2007, p. 28) discorre sobre dois níveis de realidade. No nível fenomênico, a realidade se coloca invertida. Nesse estágio as relações de exploração aparecem como trocas, a opressão apresenta-se como igualdade e a sujeição como liberdade. Já as relações no nível superficial, acontecem entre classes sociais, onde uma se apropria do valor do trabalho de outra e não paga devidamente por ela. E outra vende sua força trabalhista por uma remuneração abaixo do que

ela realmente vale.

É a partir desse nível fenomênico que surgem as ideias dominantes para justificar a realidade. São estas ideias que os sistemas de direita se apropriam e utilizam para explicar a desigualdade natural dos homens. Fiorin (2007, p. 30) destaca que, se há inversão da realidade, a ideologia se mostra presente no social e não apenas na consciência. Para o estudioso, a ideologia é formada por representações que servem para explicar a hierarquia social, as condições de vida dos homens e as relações mantidas em uma sociedade.

Chauí (1980, p. 108) ressalta que a ideologia se dá em três etapas. Ela se inicia como um conjunto de ideias produzidas por pensadores de uma dada classe social que esteja em ascensão. Essa categoria apresenta-se como representante dos interesses das massas daquela sociedade. É nesse momento que a ideologia cria uma base real para legitimar as lutas da nova classe.

Em um segundo momento, a ideologia continua denominando-se como o senso comum, levantando ideias e pensamentos que, segundo aqueles que dominam, são aceitos por todas as outras classes do sistema. Como destaca Chauí (1980, p. 108), esse momento se torna essencial, pois é durante ele que os valores da classe dominante são interiorizados pela consciência de todos aqueles que permanecem em condição de dominação.

Uma vez aceita, a ideologia mantém-se como um símbolo representante da vitória da classe emergente. É nesse estágio em que a classe dominadora converte seus interesses pessoais em interesses de todos.

Ou seja, mesmo que a classe dominante seja percebida como tal pelos dominados, mesmo que estes percebam que tal classe defende interesses que são exclusivamente dela, essa percepção não afeta a aceitação das ideias e valores dos dominantes, pois a tarefa de ideologia consiste justamente em separar os indivíduos dominantes e as ideias dominantes, fazendo com que apareçam como independentes uns dos outros. (CHAUÍ, 1980, p. 109)

Ao falar sobre o campo das ideias e ideologia, Chauí (1980, p. 13) explica que as ideias podem parecer estar em contradição com as relações humanas. Porém, essa contradição não se estabelece de fato entre as ideias e o mundo, já que ela apresenta-se como consequência de que a sociedade já é essencialmente contraditória. A autora chama atenção

para seu entendimento sobre ideologia que consiste em um sistema ordenado de ideias e normas independentes das condições materiais.

(...) um dos traços fundamentais da ideologia, consiste justamente, em tomar as ideias como independentes da realidade histórica e social, quando na verdade é essa realidade que torna compreensíveis as ideias elaboradas e a capacidade ou não que elas possuem a explicar a realidade que as provocou. (CHAUÍ 1980, p. 13)

Como afirma Mikhail Bakhtin (2006, p. 29), a ideologia é um fenômeno de consciência produzido pelo aspecto exterior do signo. Esse fenômeno acontece interiormente na pessoa que interpreta o signo e pode ser chamado de compreensão. Segundo o autor, a consciência individual pode ser considerada um fato sócio-ideológico. Em seus estudos, Bakhtin chamou de ideologia do cotidiano, a totalidade da atividade mental centrada na vida cotidiana, distinguindo-a dos sistemas artísticos, morais, entre outros.

Um produto ideológico faz parte de uma realidade (natural ou social) como todo corpo físico, instrumento de produção ou produto de consumo; mas, ao contrário destes, ele também reflete e refrata outra realidade, que lhe é exterior. Tudo que é ideológico possui um significado e remete a algo fora de si mesmo. (BAKHTIN, 2006, p. 29)

A ideologia do cotidiano apresenta diferentes níveis destinados a medir as atividades mentais e expressões sociais. Essas atividades acontecem no nível inferior, deslizam e mudam rapidamente, apresentando pensamentos confusos. Já as atividades que ocorrem no nível inferior estão em contato com os sistemas ideológicos, apresentando caráter de responsabilidade. De acordo com Bakhtin (2006, p. 29), esses são capazes de repercutir mudanças sociais e econômicas de forma mais rápida.

Fiorin (2007, p. 31) lembra que todo conhecimento está ligado a algum tipo de interesse social. Diante disso, o conceito de ideologia torna-se mais amplo, já que aborda diferentes pontos de vista de variadas classes sociais. O estudioso afirma que a ideologia é constituída pela realidade.

Embora haja, numa formação social, tantas visões de mundo quantas forem as classes sociais, a ideologia dominante é a ideologia da classe dominante. No modo de produção capitalista, a ideologia dominante é a burguesa. (FIORIN, 2007, p. 31)

Para Jeanne Hersch (1956, p. 6), a ideologia pode ser explicada em diferentes linhas de pensamento político. A ideologia fascista concentra a autoridade toda em um chefe, capaz de levar à população de uma nação prestígio político e felicidade. Por outro lado, a ideologia comunista concentra o poder em um líder ou entidade coletiva que seja capaz de proporcionar aos trabalhadores e à sociedade justiça e boas condições para viverem.

De acordo com a autora, a ideologia liberal conservadora visa à livre opinião política, como também à maior liberdade econômica no sistema de oferta e procura de mercado. A mesma linha defende a democracia, mas com distinções entre patrões e a classe assalariada. Outra vertente apontada por Hersch (1956, p. 6) é a ideologia democrática progressista que prega a manutenção da democracia política, esperando uma divisão econômica capaz de beneficiar os assalariados, porém sem distinguir patrões e empregados.

Por fim, Hersch (1956, p. 6) discorre sobre a ideologia socialista, também voltada para o sistema social democrático. Essa linha ideológica discorre sobre o fim da hierarquia econômica, abolindo qualquer relação de abuso de poder entre as classes de maior poder aquisitivo e a classe trabalhadora.

Em contrapartida a estas ideologias que atendem posicionamentos extremistas surgem às ideologias de reforma que recusam a rigidez e o conservadorismo, ao mesmo tempo em que se opõem à drástica mudança social. Esta linha de pensamento nasce do conflito social entre as outras vertentes ideológicas.

Como aponta John Thompson (1995, p. 73), as concepções ideológicas apresentam-se em diferentes vertentes; entre elas, destacam-se as concepções neutras e críticas. As posições neutras buscam desassociar o conceito ideologia de referências negativas. De acordo com o autor, as formas simbólicas só podem ser consideradas ideológicas se estiverem imersas em um contexto social e apresentarem funções de dominação.

Diferentemente das concepções neutras, as concepções críticas implicam que o fenômeno caracterizado como ideologia - ou como ideológico - é enganador, ilusório ou parcial; e a própria caracterização de fenômenos como ideologia carrega consigo um ceticismo implícito ou a própria condenação desses fenômenos. (THOMPSON, 1995, p. 73)



Seja ela revolucionária ou extremamente conservadora, a ideologia exerce um forte papel social. Como afirma Bakhtin (2006, p. 44), a recepção e o meio de vinculação dos fatos sociais podem ser os mesmos, porém cada um terá sua própria interpretação, acarretando assim interpretações sociais distintas.

O tema ideológico possui sempre um índice de valor social. Por certo, todos estes índices sociais de valor dos temas ideológicos chegam igualmente à consciência individual que, como sabemos, é toda ideologia. Aí eles se tornam, de certa forma, índices individuais de valor, na medida em que a consciência individual os absorve como sendo seus, mas sua fonte não se encontra na consciência individual. O índice de valor é por natureza inter-individual. (BAKHTIN, 2006, p. 44)

Fiorin (2007, p. 55) destaca que o discurso não é um resultado da consciência, mas a consciência é formada pelo conjunto de discursos acumulados por uma pessoa ao longo da vida. Segundo o pesquisador, o indivíduo vê o mundo a partir daquilo que ele assimila e reproduz em seus próprios discursos. Segundo Fiorin, a confusão dessas ideias radica-se no próprio conceito de indivíduo, porque o homem não é apenas uma individualidade que reside no espírito. É também e principalmente produto de relações sociais ativas e inteligentes.

Serge Hurtig (1962) aponta três funções de destaque: referência, fator de coesão e veículo de ação. De acordo com o autor, a ideologia fornece para a sociedade referenciais que auxiliam na compreensão da realidade a qual ela se aplica. Em segundo lugar, as lembranças e as diferentes interpretações dos acontecimentos são construídas através de um processo ideológico. Pessoas enxergam as mesmas situações cotidianas, recordam de um mesmo momento da história e sentem os fatos de forma diferente.

Em terceiro lugar, Hurtig (1962, p. 358) discorre sobre o poder de ação da ideologia. O conjunto de comportamentos, ações e enlaces sociais permite que líderes políticos mobilizem massas a ponto de influenciar reações e pensamentos da população. Um exemplo disso são as revoluções e os sistemas ditatoriais. Porém, a ideologia também pode se tornar importante ferramenta em uma alavancada econômica, servindo de motivação para que um povo busque mudanças no setor.

O processo ideológico também contribui para manter a coesão entre os grupos sociais. Linguagem, comportamento e certos fatores culturais acabam por criar uma

afinidade entre os membros de uma comunidade. Sendo assim, um pensamento ideológico acaba por construir uma unidade dentro do contexto social.

### 2.3. ESQUERDA E DIREITA: AS DIFERENTES PERSPECTIVAS

A partir do momento em que se compreende política e ideologia, é possível discutir os conceitos de esquerda e direita e quais os seus reflexos nos discursos veiculados hoje através da mídia.

Segundo Gabriela da Silva Tarouco e Rafael Machado Madeira (2013, p. 151), ambas as terminologias surgiram na Revolução Francesa em 1789 ao iniciarem a elaboração da primeira constituição do país. A divisão se constitui a partir do posicionamento dos políticos no plenário. No decorrer desse processo, os participantes sentados à esquerda se mostraram interessados em discutir a reforma social, ao mesmo tempo em que os políticos do lado oposto se mostravam aristocratas com visões mais conservadoras. Assim, o que era antes apenas uma organização espacial se tornou uma divisão conceitual política e social.

De acordo com Norberto Bobbio (1995, p. 32), os conceitos se excluem, pois nenhuma doutrina pode defender ambas as ideologias ao mesmo tempo. Para o autor, os termos nascem de uma interpretação concebida a partir de lados divergentes. O autor esclarece que ambos os conceitos ultrapassam o sentido de ideologia, expandindo para o cenário político-social, divergindo entre o entendimento e tratamento da própria sociedade.

Reduzi-las a pura expressão de pensamento ideológico seria uma indevida simplificação. 'Esquerda' e 'direita' indicam programas contrapostos com relação a diversos problemas cuja solução pertence habitualmente à ação política, contrastes não só de ideias, mas também de interesses e de valores a respeito da direção a ser seguida pela sociedade [...]. (BOBBIO, 1995, p. 33)

De acordo com Bobbio (1995, p. 33), seis grandes ideologias surgiram após a Revolução Francesa; três seguem a linha clássica, o conservadorismo, o liberalismo e o socialismo científico. As que restam aproximam-se de valores românticos; são essas o anarco-liberalismo, o fascismo (e o radicalismo de direita) e, por fim, o tradicionalismo.

Bobbio (1995, p. 33) também aponta que se chegou a acreditar que os conceitos haviam reduzido suas capacidades conotativas diante da sociedade, a ponto de dizer que a esquerda então era uma das palavras menos pesquisadas nos dicionários políticos. A derrota da antiga União Soviética e dos antigos regimes socialistas pode ter contribuído para a crença sobre o enfraquecimento dos conceitos devido ao enfraquecimento do movimento comunista, considerado esquerdista. Para o estudioso, os antigos termos podiam ser substituídos por progressistas e conservadores.

Como lembra Bobbio (1995, p. 35), num contexto político cada vez mais diferenciado, dentro de uma estrutura democrática, torna-se inadequada a velha e ferrenha divisão entre esquerda e direita. Segundo ele, há uma necessidade de se maquiar essa separação política transparecendo uma pluralidade política.

Sociedades democráticas são sociedades que toleram, ou melhor, que pressupõem a existência de diversos grupos de opinião e de interesse em concorrência entre si; tais grupos às vezes se contrapõem às vezes se superpõem, em certos casos se integram para depois se separarem; ora se aproximam, ora se dão as costas, como num movimento de dança. (BOBBIO, 1995, p. 35)

Em alguns casos, surge no ambiente político o que o pesquisador italiano chama de Terceiro Incluído, que pode caracterizar-se como partidos que não se encontram nem nos ideias esquerdistas como nos de direita. Bobbio (1995, p. 35) destaca que a combinação triádica nasce em momento de crise política, justamente para evitar o desgaste da tradicional disputa esquerda versus direita.

Assim, os partidos tornam-se organizações, com táticas de disputas eleitorais. Segundo Bourdieu (2001, p. 175), as instituições em busca da conquista do poder, passaram a elaborar a sua representação social a fim de conseguir o maior número de adesão dos eleitores. O autor também levanta a concorrência entre as pautas políticas capazes de conquistar a simpatia dos leitores.

Ao explicar os critérios adotados para distinguir ambos posicionamentos, Bobbio (1995, p. 100) aponta que o fator mais utilizado para essa diferenciação se torna a postura que os homens assumem diante do ideal de igualdade. Para o estudioso, o conceito é relativo. Para os esquerdistas, a pobreza se dá a partir da desigualdade no número de oportunidades

oferecidas. A criminalidade pode ser explicada através do contexto social em que viveu imerso o indivíduo que praticou o ato criminoso. Já para os seguidores das ideias de direita, a pobreza vem do pouco empenho de alguém na tentativa de melhorar suas condições financeiras. A responsabilidade criminal se torna estritamente daquele que cometeu o crime.

Uma coisa é a doutrina igualitária ou um movimento nela inspirado, que tendem a reduzir as desigualdades sociais e a tornar menos penosas e as desigualdades naturais; outra coisa é o igualitarismo, quando entendido como 'igualdade de todos em tudo'. (BOBBIO, 1995, p. 100)

Bobbio (1995) destaca que o conceito de igualdade não é absoluto. Para o pesquisador, ao menos três variáveis devem ser levadas em consideração ao se discutir o assunto. É preciso se levantar "os sujeitos entre os quais se trata a repartir os bens e os ônus; os bens e os ônus a serem repartidos e o critério com base no qual os repartir". (BOBBIO, 1995, p. 96) O autor lembra que é preciso diferenciar status de desigualdade natural, que está relacionada ao nascimento em uma família de menores condições, por exemplo, da desigualdade que depende de outras variáveis.

A esquerda representa um conjunto de ideologias que visam à transformação social diferente da ordem capitalista. Já a direita prega a manutenção da ordem social, buscando conservar valores políticos e morais. Bobbio (1995, p. 96) utiliza o termo igualdade para delimitar o movimento esquerdista e liberdade para conceituar a direita que segundo ele, luta para manter a desigualdade entre os cidadãos, a definindo como uma condição natural.

Para Marx (1980, p. 25), os conteúdos que os discursos ideológicos transmitem carregam consigo representações dos ideais das classes que dominam. Para o autor, os pensamentos das classes dominantes dentro sociedade são também são as potências dominantes.

De acordo com Chauí (1980, p. 53), a sociedade civil é construída por três classes. A primeira é constituída pelos aristocratas e proprietários de terra. Na segunda encontra-se a classe formada por aqueles que vivem da indústria, do comércio e de seu trabalho próprio. Por fim a terceira classe, conhecida como classe média, reúne funcionários do Estado, magistrados e funcionários públicos. Chauí lembra que, através desta divisão, a sociedade nega o indivíduo isolado e o enxerga como membro de um coletivo, no caso a classe. Nesse

sistema, o Estado constitui-se como uma unidade final, sintetizando os interesses públicos, privados e sociais.

As classes sociais não são coisas nem idéias, mas são relações sociais determinadas pelo modo como os homens, na produção de suas condições materiais de existência, se dividem no trabalho, instauram formas determinadas na propriedade, reproduzem e legitimam aquela divisão e aquelas formas por meio das instituições sociais e políticas, representam para si mesmas o significado dessas instituições através de sistemas determinados de idéias que exprimem e escondem o significado real de suas relações. (CHAUÍ, 1980, p. 53)

A autora chama atenção para o que se chama de ideologia burguesa que, segundo a mesma, apresenta ideias capazes de convencer os homens de que eles são desiguais por natureza, por motivos sociais ou por desejo próprio por não trabalharem honestamente em busca do enriquecimento. Chauí (1980, p. 53) esclarece que, além disso, a ideologia também os faz crer que, perante a lei e o Estado, todos são iguais, escondendo que essa mesma lei foi feita por pessoas pertencentes às classes dominantes e que o Estado é um instrumento para exercício do poder.

Bobbio (1995, p. 35) ressalta que ideologias revolucionárias e contra-revolucionárias pertencem, respectivamente, às linhas de pensamento extremistas e moderadas. O extremista, seja de esquerda ou de direita, carrega consigo uma característica em comum: a anti-democracia. Estes, em muitos momentos, usam de apoio em seus discursos ideológicos a tradição e a religião.

A anti-democracia, porém, é apenas um dos pontos de acordo entre os 'opostos extremos'. Filosoficamente, isto é, de um ponto de vista bem mais geral, do ponto de vista da visão geral do mundo e da história, toda forma de extremismo político existe uma forte veia de antiluminismo. (BOBBIO, 1995, p. 53)

De acordo com o autor, os extremistas mantêm sob suspeita o conceito de democracia, levantando dúvidas quanto aos seus pontos de vista e valores que ela alimenta. Bobbio (1995, p. 35) destaca a comparação feita pelos fascistas abordando democracia como sinônimo de mediocracia, que significaria domínio dos medíocres ou, no caso, da classe média. Como aponta o estudioso, o conceito de mediocridade é associado ao reformismo e à resolução pacífica dos conflitos.

Chauí (1980, p. 103) explica que as ideias da ideologia não são invenções arbitrárias, mas sim conservação de pensamentos que já foram reais em um dado momento da história. A autora levanta a questão de a ideologia ser um instrumento de dominação social. Seu papel é impedir que a dominação das classes dominantes sobre as demais passem despercebidas na realidade concreta.

Para tanto, é função da ideologia dissimular e ocultar a existência das divisões sociais como divisões de classes, escondendo, assim, sua própria origem. Ou seja, a ideologia esconde que nasceu da luta de classes para servir a uma classe na dominação. (CHAUÍ, 1980, p. 103)

A preocupação com a ideologia, muitas vezes, supera o próprio método de liderança política. Bobbio (1995, p. 35) lembra que o contraste com respeito aos valores é muito maior do que com o respeito ao método que eles são empregados. O que, segundo o pesquisador, pode explicar porque em determinadas situações de crise histórica abre-se espaço para alianças entre extremistas e moderados de direita. Alianças desse tipo foram firmadas durante os regimes fascistas.

## 2.4. O PAPEL DA COMUNICAÇÃO NA PROPAGAÇÃO IDEOLÓGICA

Outra questão importante para a discussão proposta neste trabalho é a origem da relação entre jornalismo e política. Para argumentar sobre ideologia e jornalismo, é preciso resgatar os primeiros passos da imprensa política em solo nacional. Desde seus primeiros anos de vida, o jornalismo brasileiro possui vínculos com o setor político.

A imprensa foi introduzida no país quando o primeiro jornal brasileiro foi fundado no Rio de Janeiro, em 10 de setembro de 1808. O chamado **Gazeta do Rio de Janeiro** atuou em seus primeiros anos focado nos noticiários. A partir de 1823, mudou-se de nome e passou a chamar-se **Diário do Governo**.

Mas o jornalismo criado por brasileiros já vinha antes do **Gazeta**. Como lembra Afrânio Coutinho (1986, p. 65), em junho de 1808, Hipólito José da Costa Pereira Furtado de Mendonça colocou para circular em Londres o **Correio Brasiliense**. O autor ressalta as influências do estilo de vida de Hipólito, que era um monarca constitucional, no teor das informações vinculadas no jornal.

A parte do noticiário no Correio Brasiliense era realmente limitada. Em compensação, a contribuição para o enriquecimento do pensamento político brasileiro é das mais importantes de toda a nossa história. [...] Coerentemente manifestou-se contra os movimentos de tendência republicana e separatista. [...] Aplaudiu o Fico e pôs-se ardentemente a favor do Império. (COUTINHO, 1986, p. 65)

Desde essa época, o jornalismo nacional caminhou ao lado da ideologia e dos discursos políticos. Como afirma Coutinho (1986, p. 65), o progresso da política no país seguiu à medida em que a imprensa tornou-se elemento crucial no acompanhamento dos atos e acontecimentos envolvendo o primeiro reinado. Nessa época, os jornais dividiam-se em posicionamentos de apoio ao governo ou de ferrenha oposição.

Coutinho (1986, p. 65) chama de jornais partidários, aqueles que explicitam compromissos e angulações voltadas para um determinado posicionamento político. Ao levantar matérias e assuntos tendenciosos, tornam-se porta-vozes de ideologias específicas. O que pode levantar suspeitas quanto ao grau de veracidade e objetividade das informações veiculadas em dado meio de comunicação.

Para o crítico literário, os jornais especializados voltam-se para a divulgação de matérias temáticas como, por exemplo, cultura, esporte, entretenimento, etc. O público-alvo desses veículos acaba por ser seletivo, pessoas interessadas especificamente em tais assuntos. Esses podem ser chamados de jornais alternativos.

Por fim, o autor chama de jornais populares, que também podem ser chamados de grande imprensa, aqueles que são voltados para um público de menores poderes aquisitivos. Ganham espaço de destaque nesses veículos matérias que abordem temas como violência, tragédias e acidentes impactantes. Já notícias sobre política e o cenário internacional ficam em segundo plano, tendo um espaço limitado.

Marialva Carlos Barbosa (2007, p. 3) destaca que com o surgimento do jornal Aurora Fluminense, fundado por Evaristo da Veiga, em 1827, o jornalismo produzido no país passou a efetivamente construir e fundamentar seus discursos e temas políticos tendo-os como base editorial. O jornal já era um elemento imprescindível para a sociedade brasileira da época. Segundo Barbosa (2007, p. 3), a partir de 1870, o contexto político nacional passou por debates envolvendo questões abolicionistas e republicanas. A imprensa acompanhou essas mudanças construindo materiais de cunho opinativo.

A década de 1880 encontra palco adequado para os grandes debates. A política ganha às ruas, em agitações populares, que conduz também para as vias públicas as questões do momento. No cenário de uma cidade que vive uma nova cultura política, a imprensa passa a ampliar essas discussões, construindo ideias dominantes num jornalismo de viés exclusivamente opinativo. É nessa conjuntura que se instaura a imprensa abolicionista. (BARBOSA, 2007, p. 3)

Segundo Coutinho (1986, p. 87), os negros no país tiveram um forte apoio da imprensa abolicionista. O autor destaca como os mais relevantes personagens em defesa da abolição Nabuco, Patrocínio, Luís Gama, Ferreira de Meneses e Joaquim Serra. Para Barbosa (2007, p. 4), quem mais obteve destaque nesta questão foi José do Patrocínio que ao fundar a **Gazeta da Tarde**, em 1881, trouxe como pauta a luta contra a escravidão.

As notícias editadas por esses jornais contribuem para disseminar ideias antiescravistas entre diversos segmentos da população, seja através de suas leituras, seja pelas manifestações públicas que promovem. Com isso atraem também pessoas que têm acesso às suas matérias, incluindo-se aí os analfabetos. (BARBOSA, 2007, p. 4)



O cenário político e os debates levantados na mídia nacional durante o século XIX demonstram o quão antiga é a relação do jornalismo nacional com a política. Com o passar do tempo e a transição para o período republicano só aumentaram o poder de disseminação ideológica desses veículos.

De acordo com Marialva Carlos Barbosa (2006, p. 220), os veículos de imprensa assumiram um papel importante durante muitos momentos políticos no Brasil. Durante o Estado Novo, a mídia mostrou-se porta-voz da ideologia do governo. Durante os primeiros quinze anos do Governo Vargas, os meios de comunicação difundiram discursos voltados para a construção de um ideal de nação na qual "prevalecia a ideia de direcionamento político e intelectual dos que ocupavam posição dominante face ao restante da população". (BARBOSA, 2006, p. 220)

Ao falar de propagação de ideologia, principalmente no Brasil, é importante também se pensar no período ditatorial. Afinal, é nesse período que vemos a explícita atuação dos veículos alternativos denunciando torturas, prisões e a censura em cima da mídia. Um exemplo de veículo atuante nesse momento histórico é o **Pasquim** que, nas décadas de 60 e 70, usou das publicações satíricas para fazer oposição ao governo. De acordo com Bernardo Kucinski e Sue Branford (1987, p. 13), os jornais alternativos serviram de oposição à grande imprensa, sem precisar levar em consideração o número de tiragem.

Em contraste com a complacência da grande imprensa para com a ditadura militar, os jornais alternativos denunciavam sistematicamente as torturas e violações dos direitos humanos e faziam a crítica do modelo econômico. Na origem de cada grande projeto alternativo, havia invariavelmente um episódio específico de fechamento de espaços na grande imprensa. (KUCINSKI, BRANFORD, 1987, p. 13)

Conforme aponta o Código de Ética do Jornalista, é (teoricamente) papel do jornalismo ser objetivo e totalmente imparcial. Porém ao longo dos anos observa-se que veículos de comunicação tendem a expressar seus posicionamentos partidários. Tanto esses jornais como aqueles mais especializados, alcançam um público limitado. Os jornais tentem a apresentar-se como neutros, livres de contextos ideológicos, sempre prestando serviços à comunidade. Produtos criados por profissionais que também deveriam compartilhar do ideal de imparcialidade.

Barbosa (2006, p. 225) destaca que o conceito de imparcialidade torna-se uma ferramenta útil aos jornais, tendo em vista que estes buscam mostrar-se ao leitor como veículos autônomos e sem nenhuma influência partidária. Dessa forma, é possível construir com o público a relação de confiança, tão importante para a difusão de ideias.

Percebendo como fundamentais para a sua existência três elementos básicos - o público, a força coerciva, centralizadora e disciplinadora, e o elemento de articulação que possibilita o contato moral e intelectual -, é possível ver, pois, as ações no sentido de construir uma imprensa moderna (cuja técnica a faz objetiva e neutra) como movimentos de um partido orgânico, cuja principal função é promover a articulação entre os grupos dominantes, que centralizam, disciplinam e organizam ideologicamente as ideias, e o público para qual deve ser difundida. (BARBOSA, 2006, p. 225)

Os interesses dos jornais na política voltam-se para as oportunidades de geração de discursos, opiniões, comentários e ideias. Barbosa (2006, p. 226) também ressalta que o desejo de estar entre os intelectuais que mais possuem influência aproxima o jornalismo de políticos.

Como destaca Barbosa (2006, p. 226), quanto maior a audiência que um meio possui maior seu poder de conquista. Quem compra informação não recebe em sua residência apenas o produto em si, mas também todo aquele discurso, toda subjetividade e, claro, ideologia impregnada dentro dela. Todo este complemento da mercadoria já vem com uma prévia interpretação dos fatos.

Ao abordar comunicação social e as interpretações que ela causa, Chauí (1980, p. 14) explica que a alienação é a fase inicial da consciência e, portanto, torna-se a manifestação inicial da própria consciência. Assim, esse poder ideológico difundido através da mídia influencia a ação dos receptores da mensagem.

Fiorin (2007, p. 74) esclarece que quando um enunciador comunica-se ele busca não somente interagir, mas também interferir no mundo ao seu redor. Ele deseja que o receptor daquela informação acredite naquilo em que ele diz e de alguma forma mude seu comportamento influenciado por aquela mensagem. É a partir dessa análise que o autor aponta que a linguagem pode ser instrumento tanto de libertação e revolução como também é possível ser usada para oprimir.

Ao comunicar, age no sentido de fazer-fazer. Entretanto, mesmo que não pretenda que o destinatário aja, ao fazê-lo saber de alguma coisa, realiza uma ação, pois torna o outro detentor de certo saber. Comunicar também é agir num sentido mais amplo. Quando um enunciador reproduz em seu discurso elementos da formação discursiva dominante, de certa forma, contribui para reforçar as estruturas da dominação. (FIORIN, 2007, p. 74)

Para Barbosa (2006. p. 225), os jornais brasileiros "nunca mantiveram distância o suficiente dos personagens políticos". Os jornais no país mostram-se desde os seus primórdios partidários, sejam os veículos de oposição como os de apoio aos governantes. Ainda que em segundo plano, os meios propagam em suas publicações posicionamentos ideológicos. Outra questão que se faz relevante é o fato de que no país existem poucos veículos de grande extensão e audiência, o que gera uma maior limitação de discursos a serem difundidos. Muitos desses discursos tendem aos posicionamentos de direita. As ideologias nacionais limitam-se a poucas vozes, estabelecendo uma hegemonia midiática.

Jesús Martín-Barbero (1997, p. 130) relaciona ideologia com hegemonia a partir da relação entre Estado e construções sociais. O autor afirma que a figura do Estado está ligada à centralização do poder e conseqüentemente da cultura. Com o passar do tempo, essa estruturação vai se enraizando, centralizando as produções culturais, midiáticas e até mesmo o saber. A demanda passa a moldar o processo cultural através da cultura de massa.

E é a massa que está diretamente ligada às classes de baixo poder aquisitivo. É nesse contexto que surgem as produções que atendem as demandas de maior interesse populacional. Entre os exemplos desses produtos estão os jornais populares e as crônicas que trazem consigo uma linguagem de fácil entendimento, teor crítico e agradam diferentes públicos sociais.

### 3. FILHA DO BRASIL

A palavra crônica está diretamente relacionada à palavra grega *chronos*, que significa tempo, especificamente tempo cronológico, aquele que é linear. O mesmo serviu de inspiração aos cronistas, que relatam fatos ocorridos em seu tempo. Na crônica, o registro é feito a partir das ações do cotidiano, que ficam marcadas como se fossem relatos históricos.

Do grego *chronikós*, relativo a tempo (*chrónos*), pelo latim *chronica*, o vocábulo “crônica” designava, no início da era cristã, uma lista ou relação de acontecimentos ordenados segundo a marcha do tempo, isto é, em seqüência cronológica. Situada entre os anais e a história, limitava-se a registrar os eventos sem aprofundar-lhes as causas ou tentar interpretá-los. (MOISÉS 2003, p. 101)

Como explicam as autoras Flora Bender e Ilka Laurito (1993, p.11), a crônica representa um recorte temporal possuindo um sentido etimológico em si. Ela ilustra um determinado momento da época à qual pertence, de forma narrativa e documental.

[...] tanto em relação ao sentido tradicional do termo quanto em relação ao sentido moderno, é que a crônica, pela sua própria origem, está sempre ligada a idéia contida no radical do termo que a designa: assim, seja um registro do passado, seja um flagrante do presente, a crônica é sempre um resgate do tempo (BENDER e LAURITO. 1993, p. 11)

Quando os portugueses decidiram apostar nas grandes navegações, deram o passo inicial que mudaria a forma de registrar o cotidiano brasileiro. Ao chegar ao Brasil, em 1550, a viagem foi narrada em forma de carta. O relato da descoberta se tornou o que, segundo Jorge Sá (1985, p. 5), pode ser considerada a primeira crônica nacional.

A carta de Pero Vaz de Caminha a el-rei D. Manuel assinala o momento em que, pela primeira vez, a paisagem brasileira desperta o entusiasmo de um cronista, oferecendo-lhe matéria para o texto que seria considerado a nossa certidão de nascimento. Se a carta inaugura o nosso processo literário é bastante discutível. (...) Indiscutível, porém, é que o texto de Caminha é criação de um cronista no melhor sentido literário do termo, pois ele recria com engenho e arte tudo o que ele registra no contato direto com os índios e seus costumes naquele instante de confronto entre a cultura européia e a cultura primitiva. (SÁ, 1985, p. 5)

Para Sá (1985, p. 6), os relatos de Caminha recriam o primeiro contato entre os

nativos e os visitantes, além de conseguir narrar todo o cenário da terra de Santa Cruz de forma lírica. De acordo com Jorge Sá, a descrição é fiel às circunstâncias, o que se tornou decisivo para a narração da história do Brasil. O autor destaca que a literatura nacional e a história do país nasceram de uma crônica.

Segundo Afrânio Coutinho (1986, p. 121), as primeiras crônicas carregavam consigo um teor de relato histórico. José Marques de Melo (1994, p. 55) afirma que a produção dos cronistas foi legitimada pela literatura quando o gênero firmou-se como documento narrativo de uma época. Para este último, o cronista que recorre a sua consciência poética é "aquele que mantém vivo o interesse do seu público e converte a crônica em algo desejado pelos leitores". (MELO, 1994, p. 155) Nesse momento, o escritor torna-se ponte entre o fato narrado e a atenção de seu público.

Já Coutinho (1986, p. 118) estabelece uma relação entre a crônica e o ensaio. De acordo com o crítico literário, os gêneros dividem-se em dois grupos. O primeiro é formado por aqueles textos em que os autores criam seu discurso voltado diretamente para o leitor. Já o segundo grupo, reúne os textos em que as visões e opiniões dos escritores, são repassadas através de ferramentas de linguagem, para que cheguem indiretamente aos leitores. O ensaio e a crônica encaixam-se no primeiro grupo já que trazem diretamente os pontos de vista de seu autor.

Coutinho (1986, p. 118) explica que o ensaio tem uma relação com a palavra falada. Seu estilo aproxima-se da forma oral de se expressar o pensamento. Ele é um breve discurso aonde estão presentes observações, relatos, experiências e opiniões. Dessa forma, o ensaio caminha "a passo com o pensamento e o traduz, como num orador, sem nenhum intervalo, diretamente, do pensamento à palavra, sem precisar de qualquer artifício intermediário". (COUTINHO, 1986, p. 118)

Conforme esclarece Coutinho (1986, p. 118), pode-se creditar à iniciação do gênero a Montaigne, com a obra *Os Essais*, de 1565, em que há uma "dissertação curta e não metódica, sem acabamento sobre assuntos variados em tom íntimo, coloquial e familiar". Antes, no Brasil, o ensaio possuía o sentido de estudo. Segundo o autor, com o tempo este sentido deteriorou-se e tornou-se crônica.

Massaud Moisés (2003, p. 251) aponta que a subjetividade é uma das principais características da crônica e do ensaio. Sendo assim, o cronista elabora seus textos em forma de um monólogo, causando o efeito de um relato íntimo. De acordo com o pesquisador, a crônica pode ser considerada a própria poetização do cotidiano. Ela surge a partir do momento em que um fato chama a atenção do cronista e este sente a necessidade de narrá-lo.

Ao falar sobre o gênero, o cronista Luis Fernando Verissimo associa a definição da crônica com a discussão baseada na dúvida sobre quem nasceu primeiro: o ovo ou a galinha. Para o cronista, os leitores são os únicos capazes de decidir se aquele texto pode ou não ser considerado uma crônica.

Da mesma forma o escritor diante do papel em branco (ou, hoje em dia, da tela limpa do computador) não pode ficar se policiando para só 'botar' textos que se enquadrem em alguma definição técnica de 'crônica'. O que aparecer é crônica. [...] O cronista também precisa respeitar certas convenções e limites, mas está livre para produzir seus ovos em qualquer formato. (VERISSIMO, 1996, p. 3-4)

Moisés (2003, p. 251) destaca o foco autoral da crônica. O autor lembra que, por mais que o texto seja espontâneo e direto, ele ainda carrega consigo uma forte bagagem lírica e metafórica. Para Moisés, o cronista oferece alimento para o consumo imediato, de fácil ingestão. Entre os pré-requisitos da crônica estão ambiguidade, brevidade, subjetividade, diálogo, estilo entre oral e literário.

Diferentes autores buscaram classificar o gênero. Seja pelo tema ou pela abordagem, a crônica se mostra ambígua, o que torna complexa a sua definição. Moisés (2003, p. 250) estuda o gênero relacionando-a com o conto e a poesia. Coutinho (1986, p. 133) também acredita na relação entre a crônica e o conto e a poesia, porém aponta uma terceira categoria capaz de estimular reflexões no leitor: a crônica metafísica.

Dentre muitas classificações, o presente trabalho destaca a abordagem de Luiz Beltrão (1980, p. 68), em razão da relação direta entre o objeto estudado e as crônicas de Luis Fernando Verissimo. Para o pesquisador, a crônica pode ser classificada quanto à natureza do tema e pelo tratamento dado a ele. Ao classificar quanto ao tema, o autor faz três subdivisões:

1) Crônica Geral: Segundo Beltrão (1980, p. 68), esse tipo de crônica encontra-se em

um espaço fixo no jornal, onde o escritor aborda assuntos variados. Um exemplo recente dessa classificação são as colunas, que podem ser semanais ou até mesmo diárias, veiculadas nos grandes jornais.

2) Crônica Local: descrita por Beltrão (1992, p. 68) como urbana. As crônicas que se encaixam nessa categoria abordam temas cotidianos da cidade à qual o veículo pertence. Escolhemos para exemplificar a subdivisão de Beltrão o texto "Conversinha mineira", onde Fernando Sabino (1962, p. 144) narra o ambiente simples do interior de Minas Gerais ao longo do texto, envolvendo uma conversa entre dois homens em um estabelecimento.

[...] - Quando é que tem leite?  
 - Quando o leiteiro vem.  
 - Tem ali um sujeito comendo coalhada. É feita de quê?  
 - O quê: coalhada? Então o senhor não sabe de que é feita a coalhada?  
 - Está bem você ganhou. Me traz um café com leite sem leite. Escuta uma coisa: como é que vai indo a política aqui na cidade?  
 - Sei dizer não senhor: eu não sou daqui. (SABINO, 1962, p. 144)

3) Crônica Especializada: nesse caso, Beltrão (1992, p. 68) destaca que o cronista é um especialista na área discutida e por isso seus textos discorrem sobre assuntos específicos, como, por exemplo, política, cultura, saúde ou tecnologia.

Em relação às classificações de tratamento, Beltrão (1992, p. 68) novamente estabelece três sub-categorias:

- 1) Crônicas analíticas: quando os fatos são expostos e analisados objetivamente.
- 2) Crônicas Sentimentais: textos em que o cronista apela à sensibilidade do leitor usando temas comoventes e de grande interesse popular.
- 3) Satírico-humorística: os textos possuem um forte teor crítico, irônico, ridicularizando fatos e pessoas com a finalidade de advertir o público quanto ao assunto.

Coutinho (1986, p. 134) destaca que, independente de sua classificação, a crônica deve se basear na linguagem de sua época. Só assim ela poderá refletir o contexto histórico que pretende traduzir. Essa linguagem é o "tempero importantíssimo na confecção de uma crônica" (COUTINHO, 1986, p. 134). Em relação à reportagem, o crítico literário aponta que enquanto um fato é um fim para o repórter, para o cronista é um pretexto, tornando-se fagulha

para um processo criativo.

### 3.1. DO FOLHETIM PARA OS LIVROS: A VIDA COMO ELA É

O jornalismo e a literatura caminham lado a lado desde que a imprensa adquiriu sua feição moderna na segunda metade do século XIX. Desde então, ao mesmo tempo em que a forma do texto evoluía dentro dos jornais, era exigido dos jornalistas um maior conhecimento e aprimoramento das técnicas de construção da mensagem. Segundo Juarez Bahia (1990, p. 222), o jornalismo ocupa dois lugares na sociedade.

Com o duplo papel que desempenha na sociedade moderna – como veículo de notícias e de opinião -, o jornalismo, de modo geral, não pode prescindir das responsabilidades éticas, dos deveres morais básicos que estão implícitos na natureza da comunicação social e que se exprimem pela sua função informativa e formativa. (BAHIA, 1990, p. 222)

De acordo com Coutinho (1986, p. 123), no século XIX as crônicas eram reconhecidas como folhetim e vinham impressas nos rodapés dos jornais. Os folhetins abriram as portas para os mais variados assuntos dentro dos veículos. Os textos que naquela época não se enquadrassem nas normas jornalísticas eram veiculados no folhetim. Conforme aponta Juan Gargurevich (1982, p. 109), os textos com maior teor literário influenciaram de forma direta a imprensa da época.

A crônica é a antecessora imediata do jornalismo informativo. Quando a indústria da informação não havia alcançado ainda a vigor que lograria em meados do século passado, os próprios jornalistas davam às notícias a denominação de crônicas, influenciados pelo gênero histórico-literário que tem o mesmo nome. (GARGUREVICH, 1982, p. 109)

Segundo Marlyse Meyer (1996, p. 96), o termo *feuilleton* era utilizado para nomear a parte inferior dos jornais, onde eram publicados os textos de entretenimento como, por exemplo, críticas culturais, piadas e até mesmo receitas culinárias.

[...] suscita todas as formas e modalidades de diversão escrita: nele se contam piadas, se fala de crimes e monstros, se propõem charadas, se oferecem receitas de cozinha e beleza; aberto às novidades, nele se criticam as últimas peças, os livros recém saídos [...]. (MEYER, 1996, p. 96)

Como explica Meyer (1996, p. 97), por volta de 1836, o termo passou a denominar os



romances-folhetim, que eram publicados em pequenos capítulos nos veículos. Com essa técnica, os jornais ganharam público, já que incentivavam a curiosidade do leitor. Meyer ressalta que o folhetim era o que se chama hoje de segundo caderno ou caderno especial. Assim como nos veículos franceses, os brasileiros utilizaram o espaço para testar as narrativas de ficção, mas também as não ficcionais.

Torna-se tão importante esse espaço de liberdade e da recreação que, ao lançar depois da Revolução Burguesa de 1830 as bases da moderna revolução jornalística, Émile de Girardin e seu ex-sócio e pirateador, Dutacq, logo perceberam as vantagens financeiras que dele tirariam. Dão ao *feuilleton* o lugar de honra do jornal [...] . (MEYER, 1992, p. 97)

À medida que os donos dos jornais lucravam com as vendas, os escritores, em geral os cronistas, viam naquele espaço uma oportunidade de divulgar seu trabalho, sem precisar arcar com as despesas de uma publicação literária. Com isso, os autores também adquiriam *status*, dinheiro e reconhecimento.

Contudo, mesmo com todas as aproximações entre jornalismo e crônica, é preciso ressaltar que existem fatores que também os distinguem. Enquanto o repórter preocupa-se com a apuração rigorosa, o cronista possui uma maior liberdade para abordar um fato de forma ficcional, sem precisar prender-se a datas e nomes, por exemplo. O cronista também lança sobre seu trabalho um olhar crítico, a fim de criar um texto argumentativo. Em uma redação, a liberdade do jornalista é limitada.

De acordo com Moisés (2003, p. 256), o jornal pode ser considerado um espaço de informação, mas também cultural. Dividem espaço dentro dele dois tipos de texto: aqueles que precisam cumprir as funções informativas sobre assuntos diários e aqueles que não se predem às regras gerais. Sendo assim, segundo o autor, as notícias, editoriais e reportagens, apesar de morrerem todos os dias à medida que outros fatos tomam a atenção dos leitores, ainda eram o atrativo principal do público. Já os textos mais literários, ao serem publicados nos jornais da época, conviviam com o constante risco de não conquistarem a atenção do leitor habitual das notícias.

Conforme destaca Sá (1985, p. 9), nos folhetins eram publicados os contos, os ensaios e os poemas. Essas narrativas variavam desde os acontecimentos de mera importância local,

aos assuntos de interesse nacional que passaram a ser noticiados semanalmente pelos veículos. Aos poucos, os folhetins deixaram de ser meros espaços de entretenimento e abriram espaço para os assuntos rotineiros da vida real a partir do olhar literário.

Moisés (2003, p. 257) ressalta que a crônica oscila entre a reportagem e a literatura, trazendo um relato pessoal sobre um acontecimento e recriando de forma lírica aquela situação. De acordo com Coutinho (1986, p. 121), o jornal cresceu no Brasil influenciado pelo Romantismo, e com isso as crônicas produzidas aqui beberam do lirismo, tendo-o como principal característica em suas primeiras manifestações. Nessa época, assuntos que permeavam o universo feminino ganhavam destaque. As crônicas eram escritas de forma suave e criavam ambientes refinados.

Segundo Coutinho (1986, p. 121), a crônica só passou a ter ligação com a grande imprensa no Brasil em meados do século XIX, quando os jornais cresceram, tornando-se grandes empresas. Para Beltrão (1980, p. 67), com o início da Revolução Industrial na imprensa, os veículos tornaram-se *big business*, deixando de ser propriedade privada e tornando-se grupos econômicos.

Sendo assim, as lógicas de produção foram afetadas diretamente. Aos poucos, o teor pessoal dos jornais foi perdendo espaço para a objetividade e a necessidade de informações rápidas e precisas. Para Luiz Beltrão (1980, p. 67), a falta de tempo da maioria das pessoas fez com que os leitores passassem a procurar no jornal aquelas matérias e assuntos que realmente lhe interessassem.

A preferência do leitor pelas opiniões individuais, sua escassez de tempo para ler todas as matérias publicadas, levando-o a procurar aquelas seções que dissessem respeito aos seus interesses profissionais ou respondessem aos reclamos imediatos do seu espírito, juntamente com a variedade de temas que exigia pessoal habilitado em cada setor da atividade humana para atender a demanda da audiência foram motivos predominantes, econômica e socialmente falando, do retorno dos cronistas ao jornalismo. (BELTRÃO, 1980, p. 67)

Neiva (2005), afirma que a notícia transformou-se em bem de consumo, atendendo a demanda do público para o qual aquele veículo se voltava. A estrutura do jornal também passou por várias modificações, dividindo-se em seções específicas. Os rodapés deram espaço às colunas, implicando, conseqüentemente, em inovações nas crônicas publicadas.

Conforme discorre Roberta Scheibe (2008, p. 19), as mudanças fizeram com que a crônica ganhasse um espaço de maior destaque.

Nessa época, os jornais diários das grandes cidades, ao tomarem as feições de empresas, precisavam conquistar mais leitores para vender um número maior de exemplares. Logo, precisavam diversificar seus conteúdos e incorporar novas sessões, voltadas à informação e ao entretenimento, a fim de tornarem-se mais atraentes e dinâmicos. Desse modo a crônica ganhou destaque, convertendo-se em porta-voz das mutações que aconteciam na sociedade brasileira. (SCHEIBE, 2008, p. 19 - 20)

De acordo com Melo (1994, p.153), a crônica produzida no país pode ser considerada um gênero genuinamente brasileiro. Como afirma o autor, o estilo produzido aqui não é encontrado em nenhuma outra produção jornalística do mundo. Era de costume que a crônica abordasse fatos e ideias do momento. Estes serviam de combustível para descrições literárias e davam ao leitor a sensação de que suas histórias estavam sendo representadas naquelas páginas de jornal.

Já a crônica moderna, como destaca Melo (1994, p. 154), "assume uma palpitação e a agilidade de um jornalismo em mutação. Ela figura no corpo do jornal não como objeto estranho, mas como matéria inteiramente ligada ao espírito da edição noticiosa". A crônica exige a presença da vida mundana registrada através dos jornais. Para Regina Rossetti e Herom Vargas (2006, p. 8), a produção da crônica só é autônoma no país porque permite que existam várias personalidades criativas atuando em um só texto.

[...] podemos dizer que existiram dois modos de se fazer crônica. O mais primitivo, e ainda atuante em alguns países, é a crônica no tempo linear e ordenado historicamente pela justaposição dos acontecimentos. O segundo modo de se fazer crônica é em um tempo criador que reinventa os fatos para narrá-los de forma poética, para traduzir verdades que a mera reprodução dos fatos não poderia expressar. (ROSSETTI, VARGAS, 2006 p. 8-9)

A vida, os problemas e os assuntos de interesse do homem no século XX serviram de fermento para as crônicas. O foco dos textos sai da notícia, do factual e dirige-se para a vida além dos fatos em destaque. Davi Jr. Arrigucci (1987, p. 63) acredita que a crônica tornou-se um importante meio de narração da realidade brasileira.

Segundo a tendência do momento e de outros gêneros, a crônica se convertia num

meio de mapear e descobrir um país, heterogêneo e complexo, largamente desconhecido de seus próprios habitantes, caracterizado pelo desenvolvimento histórico desigual, de modo que o processo de modernização podia ser acompanhado pelos contrastes entre os bolsões de prosperidade e vastas áreas de miséria, e o próprio mundo moderno parecia nascer de mistura com traços remanescentes de velhas estruturas da sociedade tradicional. (ARRIGUCCI, 1987, p. 63)

As produções literárias, como outras produções culturais, caminham junto com as transformações sociais no meio o qual pertencem. Dessa forma, as obras modificam, mesmo que indiretamente, a visão de mundo daqueles que as consomem, reafirmando ainda mais o teor social da arte.

Como afirma Beltrão (1980, p. 55), as pressões sociais manifestam-se na imprensa desde que ela ganhou seu primeiro veículo; desde a tipografia, passando pelos livros e chegando aos jornais. Como lembra o autor, mesmo carregando consigo todo o compromisso social, com as transformações de mercado, o jornalismo cedeu às interferências políticas e econômicas, deixando, assim, deteriorar sua função de informar os fatos para a orientação pública.

Uma das principais responsabilidades da crônica, em um jornal ou em um livro, é o comprometimento com a sociedade. Conforme aponta Melo (1994, p. 155), o cronista atua como uma espécie de mediador literário entre os fatos noticiados e o interesse coletivo. Sendo assim, aqueles que se arriscam a trazer em seus textos apenas temas de outros momentos históricos correm o risco de cair na banalidade ou perder a atenção do público.

Considerada filha do jornal, há quem diga que a crônica precisa respirar os ares da imprensa. Para Melo (1994, p. 154), a crônica depende da expressão pública e da visibilidade que o jornal proporciona. A crônica prende-se a três condições básicas que são oferecidas através do jornalismo. São elas: a atualidade, a oportunidade e o poder de difusão.

As notícias possuem um espaço de destaque nos jornais, sendo a razão da competição entre os veículos. Mesmo com o passar do tempo, os jornalistas ainda vivem a perseguição diária do furo de reportagem. Enquanto alguns repórteres cobrem o factual, outros profissionais dentro do jornal se preocupam com matérias mais "frias". São essas que trazem

textos mais elaborados e com maior descrição, visão e interpretação sobre o fato que ocupam os cadernos especiais. Entre essas publicações se encaixa a crônica.

Os cronistas incorporaram aos jornais características próprias da literatura, como a descrição de cenas. Fábio Lucas (1970, p. 75) afirma que a produção ficcional nacional é capaz de traduzi-las demandas que a sociedade brasileira possui.

Do nosso ponto de vista, o caráter social da ficção brasileira somente aparecerá quando as personagens e as situações criadas possam constituir expressão viva de relações entre grupos sociais. Como é sabido, os problemas e as ideias somente começam a se mostrar quando os precedem condições materiais capazes de suscitá-los. Assim a consciência moral a respeito da miséria, da desigualdade, da opressão, começa a geminar a partir de condições materiais que a consagram num processo histórico que gera simultaneamente o seu contrário. (LUCAS, 1970, p. 53)

Beltrão (1980, p. 14) afirma que o jornalismo é essencial para que a sociedade não entre em estado de ignorância. O autor baseia-se na ideia de que a informação, seja ela veiculada de forma noticiosa e objetiva ou literária, através da crônica, é educadora e orientadora. Beltrão destaca que sem informações sobre a atualidade, mesmo que por horas, a vida social mergulharia no caos.

Para Sá (1985, p. 45), o que interessa mesmo ao cronista é a precedência de um fato sobre aqueles que o vivem. Em um primeiro momento, o cronista atribui importância ao acontecimento em si. No decorrer do texto, ele discorre sobre seus atores e abre o olhar do leitor para todas as histórias que giram em torno de um mesmo fato. A vida urbana e banal torna-se um cenário promissor para o escritor.

Ludicamente, o cronista percorre a cidade. Ouve conversas, recolhe frases interessantes, observa as pessoas, registra situações - tudo através do olhar de quem brinca e, pelo jogo da brincadeira, reúne forças para superar a realidade sufocante. É nesse contexto que o fato em si ganha mais importância do que os personagens. (SÁ, 1985, p. 45)

Sá (1985, p. 45) também associa ambos a partir do interesse sobre a atualidade. Como afirma o autor, a essência do jornalismo é a informação baseada na atualidade. A partir do fato, o jornalista busca atingir o maior número de pessoas, a quem o crítico chama de alvos indefesos diante dos efeitos da ação desencadeada. Para Beltrão (1980, p. 16) o jornalismo,

assim como a crônica, são atividades essencialmente sociais por dirigirem-se não apenas a uma pessoa ou círculo pré-determinado, mas sim a toda a sociedade. Ambos carregam consigo uma outra característica latente: a crítica.

Uma das principais características que difere a crônica brasileira das outras é o olhar crítico e analítico do cronista em relação a alguma situação que chamou sua atenção. Seja uma pedra na rua, uma fila de banco ou uma eventualidade dentro de um transporte coletivo, às vezes a situação já é tratada de forma tão banal pela maioria, que exige uma maior sensibilidade do cronista para enxergá-la em sua própria rotina. Sob o olhar do cronista, política, violência ou até mesmo as relações humanas podem se tornar ferramentas para levantar questões mais aprofundadas.

Lucas (1970, p. 75) afirma que a crítica apresenta três componentes básicos. O primeiro refere-se aos métodos utilizados para apreciar a obra ou objeto criticado, assim é possível identificar suas qualidades e suas falhas. O segundo fator é a interpretação. É ela que atribui significado à obra. Por fim, o terceiro item é o julgamento, que aborda a valorização do objeto, capaz de interferir na opinião do público. Este pode ou não concordar com a mesma informação e, a partir dessa decisão, é capaz de gerar uma nova releitura sobre o assunto.

De acordo com Sá (1985, p. 38), o humor atribuído às crônicas nacionais permite que o texto aborde assuntos de forma crítica e de fácil entendimento. Para o autor, a narrativa humorística possibilita que o leitor exercite sua capacidade crítica ao mesmo tempo em que se diverte. Como ressalta Sá, o aprendizado também está embutido no ato da diversão. O cronista conduz o leitor a criar opiniões quanto ao tema abordado. Enquanto as notícias apenas informam o essencial para que ele entenda o que aconteceu, a crônica levanta questões das mais variadas para que seja possível criar reflexões sobre o assunto.

Conforme aponta Northrop Frye (1973, p. 34), o conceito de crítica esteve ligado, desde os seus primeiros relatos até o Renascimento, à elite. Na época, os críticos pertenciam a grupos de classes mais elevadas formados por sábios e intelectuais. O autor lembra que a sociedade era representada pela elite humana, que criava e conduzia as normas de todos que nela viviam.

Segundo José Veríssimo (1977, p. 20), cada interpretador terá um olhar, um repertório cultural e intelectual e um gosto individual. Dessa forma, cada análise crítica será feita de uma forma diferente. A crônica oferece a base para que o leitor aprecie a obra e o estimula a degustar minuciosamente a fim de saborear cada elemento.

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. (FREIRE, 2005, p. 11)

A partir de suas próprias experiências e críticas sobre o assunto, o cronista tece a trama com racionalidade, mas também utiliza a intuição, de forma que o produto final levante outros questionamentos em seus leitores. Um exemplo de cronista brasileiro que traz em sua obra suas experiências e seus pontos de vista é o autor Luis Fernando Veríssimo.

De forma crítica e satírica, o escritor gaúcho aborda dos temas mais triviais até os mais complexos como economia e política de forma inteligente e precisa; um dos motivos que levaram à escolha do presente objeto de análise dessa pesquisa. Atualmente, o autor publica suas crônicas nos jornais *O Globo* e o *Estado de S. Paulo*, jornal onde são veiculadas as crônicas estudadas.

### 3.2. LUIS FERNANDO VERISSIMO: O OLHAR ALÉM DO ÓBVIO

Jornalista, escritor e roteirista, Luis Fernando Veríssimo é um dos autores mais lidos no Brasil. Nasceu em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, em 26 de setembro de 1936. Filho do também escritor Érico Veríssimo, passou parte de sua infância nos Estados Unidos, daí a constante presença de temas relacionados ao país em seus textos. Foi em solo norte-americano que o autor teve contato com o Jazz, uma de suas paixões. Em entrevista à revista *Língua Portuguesa*, em 2005, Veríssimo comenta sobre sua relação com o país e como ele o influenciou.

Praticamente eu me alfabetizei em inglês, e sempre li muito os americanos e os ingleses, e isso determinou o meu jeito de escrever. Tem gente que diz que eu escrevo em inglês traduzido. Mas a influência dos cronistas brasileiros, e do meu pai, também foi forte. (VERISSIMO, 2005, p. 14)

No ano de 1956, o autor retorna ao Brasil e começa a trabalhar na Editora Globo, no setor de arte. Em 1967, Veríssimo começa a escrever uma coluna no jornal *Zero Hora*, onde abordava assuntos relacionados ao time gaúcho Internacional. Em 1970, começou a trabalhar no *Folha da Manhã*, onde publicava em uma coluna diária textos sobre cinema, esporte, música e política. Em 1973, o escritor lança seu primeiro livro intitulado como *O popular*, publicado pela editora José Olympio.

No ano de 1979, o escritor gaúcho lançou um de seus mais conhecidos livros, *Ed Morte e Outras Histórias*. Ed é narrado por Veríssimo como um detetive particular sem um tostão no bolso, uma paródia dos detetives norte-americanos famosos na literatura e no cinema.

Meu nome é Mort. Ed Mort. Sou detetive particular. Pelo menos isso é que está escrito numa plaqueta na minha porta. Estava sem trabalho há meses. Meu último caso tinha sido um flagrante de adultério. Fotografias e tudo. Quando não me pagaram, vendi as fotografias. Eu sou assim. Duro. Em todos os sentidos. O aluguel da minha sala- o apelido que eu dou para este cubículo que ocupo, entre uma escola de cabeleireiro e uma pastelaria em alguma galeria de Copacabana- estava atrasado. Meu 38 estava empenhado. Minha gata me deixava por um delegado. A sala estava cheia de baratas. E o pior é que se reuniam num canto para rir de mim. Mort. Ed Mort. Está na plaqueta. (VERÍSSIMO, 1979, p. 9)

Em 1981, Veríssimo lança mais uma obra em que a construção do personagem é baseada no humor. *O analista de Bagé* conta a história de um psicanalista. Um dos pontos humorísticos está na brincadeira que o autor faz ao destacar nos traços do personagem o linguajar característico dos gaúchos. Já em 1982, o escritor passou a assinar uma coluna da revista *Veja*.

Foi no ano de 1989 que Veríssimo começou a escrever para o *Estado de S. Paulo*. E em 2000, o cronista passou a integrar o quadro de colunistas do jornal *O Globo*. O gaúcho não é destaque somente em jornais e revistas. Na televisão, Veríssimo inspirou programas na Rede Globo. O livro *Comédias da Vida Privada*, de 1994, foi adaptado para uma série.

Destacam-se, em meio a sua produção, as obras representadas por crônicas. O ponto de vista crítico, humorístico e irônico, fundamentado em um discurso político, se mostram presentes nessas produções. Veríssimo consegue criar em seus textos um mosaico de temas, discutindo assuntos rotineiros como crise política, questões econômicas, problemas sexuais e



futebol, a partir de suas experiências pessoais.

Durante a entrevista à revista *Língua Portuguesa*, o cronista também fala sobre a matéria-prima de suas obras. Segundo ele, as principais inspirações para a crônica "são as relações humanas. O modo como as pessoas se amam, se enganam, se aproximam ou se afastam num ambiente social definido". (VERISSIMO, 2005, p.14)

Escondem-se, atrás do riso provocado pelos textos de Veríssimo, pontuações complexas e relevantes diante das situações narradas. Diante de tais pontuações e da relevância do material produzido pelo autor, a presente pesquisa direciona-se às crônicas de conteúdo político-social.

#### 4. O DISCURSO IDEOLÓGICO NAS CRÔNICAS DE VERISSIMO

Conforme apontam Marx e Engels (1980, p.25), é através do processo ideológico que o ser humano desenvolve sua forma de enxergar o mundo. Dessa forma, cada um possui o seu próprio jeito de interpretar e discutir uma mesma questão. O presente trabalho busca analisar o discurso ideológico presente nas crônicas de Luis Fernando Verissimo, veiculadas no jornal *O Estado de S. Paulo*, entre 1º de janeiro e 31 de março de 2016. As crônicas foram retiradas do site do periódico. A partir da pesquisa, pretende-se compreender como assuntos debatidos na grande mídia, e também fatos banais, foram abordados através de suas narrativas. Vale ressaltar que essas crônicas são veiculadas tanto no *Estadão* como no jornal *O Globo*. Os textos usados aqui foram retirados do site do *Estado de S. Paulo* e foram publicados sempre aos domingos e às quintas-feiras, no horário das 02h00.

As crônicas aqui analisadas enquadram-se dentro de algumas características apresentadas por Beltrão (1992, p. 68). Elas podem ser consideradas gerais, pois são localizadas em uma coluna fixa e englobam temas variados do cotidiano. Quanto ao tratamento dado a elas por Verissimo, pode-se classificá-las como analíticas, pelo fato de o autor lançar seu olhar crítico sobre os assuntos discutidos, e satírico-humorísticas, por apresentarem a presença de sacadas irônicas e cômicas.

A metodologia escolhida para o estudo é a análise de conteúdo, proposta pela pesquisadora Laurence Bardin (2011). Primeiramente, serão analisadas as crônicas como um todo. Depois os textos serão agrupados por temas. A partir daí, será realizada a observação dos fatos, dos personagens citados e da angulação dada a estes assuntos que aconteceram no Brasil e em outros países. Em um terceiro momento, os textos serão analisados mais profundamente através da análise de conteúdo.

Antes de avaliar as crônicas é preciso compreender o espaço onde elas são publicadas e o método de análise. É preciso conhecer a linha editorial do jornal *O Estado de S. Paulo* e entender como funciona o método de análise.

#### 4.1. ANÁLISE DE CONTEÚDO

Como explica a pesquisadora e professora Laurence Bardin (2011, p. 17), o método da análise de conteúdo passa a ser denominado dessa forma na passagem dos anos 40 para os 50, nos Estados Unidos, porém já era utilizado anos antes. A autora destaca que o primeiro nome a ser de fato lembrado ao se falar nesse tipo de metodologia é o de Lasswell, que em 1915 realizou análises de produções da imprensa e de propagandas. Bardin (2011, p. 17) explica que nesse primeiro momento o método era compreendido como uma técnica investigativa, capaz de descrever de forma objetiva e sistemática um conteúdo da comunicação.

De acordo com Bardin (2011, p; 33), o método é um conjunto de técnicas de análise das comunicações. Cada caso apresenta sua forma de análise. Sendo assim, "não se trata de um instrumento, mas de um leque de apetrechos" (BARDIN, 2011, p. 33). A pesquisadora apresenta três etapas básicas para realizar a análise:

1) Pré-análise: nesse momento, é importante sistematizar as ideias iniciais, a fim de criar um esquema preciso do desenvolvimento da pesquisa. É nesse estágio que os dados são coletados. Segundo Bardin (2011, p. 121), a pré-análise apresenta três missões, "a escolha dos documentos a serem submetidos à análise, a formulação das hipóteses e dos objetivos e a elaboração de indicadores que fundamentam a interpretação final".

2) Exploração do material: em relação à escolha do objetivo estudado, Bardin explica que é preciso se escolher uma amostra, ou seja, fazer um recorte, que represente o universo ao qual ele pertença. De acordo com Bardin (2011, p. 131), o tema escolhido é a "unidade de significação que se liberta naturalmente de um texto". É importante que sejam levantadas hipóteses em relação a esse material. Como explica a autora, a hipótese permite verificar o fato estudado e recorrer aos procedimentos de análise. Após a escolha do material analisado, é preciso realizar o que Bardin chama de leitura flutuante. Nesse período, deve-se explorar os documentos escolhidos para a pesquisa e deixar que surjam impressões e orientações quanto ao material de pesquisa.

3) Tratamento dos resultados obtidos e interpretação: Bardin (2011, p. 127) destaca que nesse estágio os resultados em bruto são abordados de maneira a apresentarem uma

significação. Dessa forma, "operações estatísticas simples (percentagens), ou mais complexas (análise factorial), permitem estabelecer quadros de resultados, diagrama, figuras e modelos, os quais condensam e põem em relevo as informações fornecidas pela análise". Conforme aponta a autora, o analista, tendo em mãos os resultados pode propor interpretações em relação aos objetivos pré-estabelecidos.

A análise pode ser realizada a partir dos elementos presentes no objeto e de suas qualidades. Segundo Bardin (2011, p. 141), a análise quantitativa é fundamentada a partir da frequência em que determinados elementos aparecem no material estudado. A presença ou a falta dela pode ser à base de uma pesquisa a partir de um estudo estatístico.

Bardin (2011, p. 141) esclarece que a análise qualitativa visa a "elaboração das deduções específicas sobre um acontecimento ou variável de interferência precisa, e não em interferências gerais". A especialista levanta hipóteses acerca da pertinência dos índices levantados, sendo assim, o analista corre riscos de a análise apresentar erros, já que a pesquisa lida com elementos isolados e de baixa frequência. A autora conclui que "o que caracteriza a análise qualitativa é o fato de a interferência - sempre que é realizada - ser fundada na presença do índice (tema, palavra, personagem, etc.), e não sobre a frequência da sua aparição" (BARDIN, 2011, p. 142).

Em um primeiro momento, foram recolhidas 24 crônicas publicadas entre os meses pesquisados. Nesse material, estão presentes crônicas sobre política, economia, preconceito racial e outros assuntos cotidianos, como relacionamento e futebol. A presente análise busca demonstrar como Verissimo pontuou seus posicionamentos ideológicos ao tratar de tais temas.

Bardin (2001, p. 145) explica que a separação categórica das mensagens analisadas fica a critério do pesquisador. Nesta pesquisa foram realizadas duas formas de categorização a fim de auxiliar o processo de análise. A primeira reunião de categorias se dá a partir dos temas. Sendo assim, o material foi subdividido em: política brasileira, política norte-americana, economia, preconceito e outros. A categoria "outros" engloba textos sobre futebol, religião, relacionamento, ganância e violência. Essas crônicas foram reunidas dentro da sub-divisão por, separadamente, não chegarem a reunir quatro publicações sobre um

mesmo tema, como as outras subdivisões reuniram.

Política Nacional	4
Política norte- americana	4
Economia	4
Preconceito	4
Outros	8

Tabela 1: Temas (ordem em que serão analisados)

A segunda e a terceira categorização que foram feitas nesta pesquisa, são voltadas para o número de crônicas em que certas palavras e nomes que foram mais citados. Cada palavra/nome aqui destacados se tornaram destaques de uma ou mais crônicas.

Donald Trump	3
Sérgio Moro	2
Lula	1
Dilma Rousseff	1

Tabela 2: Número de citações

Nesse trabalho, acredita-se que a separação por categorias se faz necessária para vislumbrar da melhor forma as temáticas narradas nas publicações de Verissimo. Bardin (2011, p. 145) esclarece que classificar os elementos, nesse caso as crônicas, impõe a investigação sobre o que cada um tem de semelhante com o outro. A autora ressalta para a classificação que o material deve ser reagrupado de forma a criar um significado.

As categorias são rubricas ou classes, as quais reúnem um grupo de elementos (unidade de registro, no caso da análise de conteúdo) sob um título genérico, agrupamento esse efectuado em razão das características comuns destes elementos. (BARDIN, 2011, p. 145)

Em uma segunda fase, a pesquisa se dá em torno do que foi abordado nas crônicas e a contextualização ideológica em que os temas se enquadram. Assim, objetivo é compreender o discurso propagado nas publicações durante o recorte temporal escolhido. Nesse estudo, buscou-se responder questões como: quais temas foram os mais discutidos? Quais assuntos

de maior destaque midiático durante esse período ganharam também o destaque dentro das crônicas? Quais valores ideológicos estiveram presentes nessas discussões?

#### 4.2. O OLHAR IDEOLÓGICO DE VERISSIMO SOBRE A POLÍTICA NACIONAL

Os primeiros meses de 2016 foram marcados pelas pautas políticas no Brasil. Só nos primeiros três meses, impeachment, cassação de mandatos e tomada de poder renderam notícias dentro e fora do país. A maioria das crônicas publicadas por Verissimo, ao longo do período analisado, são de cunho político. Por mais que os assuntos em voga no Brasil envolvessem a política nacional, Verissimo não se prendeu a apenas criticar o cenário ao seu redor. Não só as movimentações de Brasília, mas também as eleições presidenciais norte-americanas ganharam espaço em sua coluna. A operação Lava Jato e as decisões dos parlamentares do PMDB também fomentaram as opiniões do cronista.

Operação Lava Jato. Entre o período analisado, esse foi o tema mais usado por Verissimo ao falar de política brasileira. A operação foi batizada dessa forma porque envolvidos no esquema usavam uma rede de lavanderias e postos de gasolina, em Brasília, como fachada para lavagem de dinheiro oriundo de práticas criminosas e corruptas. Entre as polêmicas desse processo, destacam-se a delação premiada do senador Delcídio do Amaral (PT) e a condução coercitiva do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), que entre as movimentações quase foi nomeado como ministro da Casa Civil. Até a presidente Dilma (PT) foi um dos personagens desse contexto.

A operação é liderada pelo juiz federal Sérgio Moro e também conta com a participação do Ministério Público Federal e da Receita Federal. A maioria dos investigados pertence ao cenário político e a grandes empresas nacionais, como a Camargo Corrêa e a Odebrecht, que admitiram ao longo da investigação terem participado do esquema de corrupção na Petrobrás. Verissimo realiza uma crítica ferrenha ao contexto nacional, porém também não deixa de criticar e analisar o comportamento de Moro em todo esse processo.

Em janeiro de 2016, cem advogados brasileiros assinaram um documento comparando as ações da operação com aspectos da Santa Inquisição. No dia 24 de janeiro,

Verissimo dedicou a crônica "*Analogias*" a essa comparação. No texto, o cronista gaúcho demonstra um esforço em ressaltar palavras ligadas ao fascismo, que aparecem em um mesmo parágrafo três vezes, dando uma conotação política ao argumento por detrás da produção.

O termo é geralmente usado por aqueles que comungam da ideologia esquerdista, contrária aos ideais fascistas. O termo “fascismo” foi usado constantemente em 2015 e 2016 em manifestações públicas pró-governo Dilma. Em protestos, os opositores foram chamados de golpistas e fascistas. Em uma entrevista dada ao jornal *Folha de S. Paulo*, no dia 19 de agosto de 2015, véspera de uma manifestação a favor do governo federal, o presidente do diretório estadual, de São Paulo, do PT, Emídio de Souza, enfatizou que o teor do ato não seria nazifascista como o protesto realizado três dias antes por populares contra o atual governo.

Além de fascismo, outras duas palavras estabelecem a divisão política do texto. “Esquerda” e “direita” trazem ao texto um ar de divisão ideológica. Bobbio (1995, p. 35), afirma em seus estudos que a velha comparação entre esquerda e direita não cabe mais ser usada como única divisão política já que nesse momento observamos diferentes vozes políticas. Pelo aumento do uso desses termos, em momentos de protesto no último ano, Verissimo destaca a banalização dos significados, afirmando que a analogia entre fascismo e a Lava Jato seria uma comparação óbvia.

Desconfio que não usaram a analogia mais óbvia, com métodos fascistas, porque "fascista" foi vulgarizado como xingamento político entre nós. Esquerda e direita se acusam mutuamente de fascismo, tanto que a palavra perdeu todo o sentido. (VERISSIMO, ESTADO DE S. PAULO, 28/01/2016)

Verissimo explica que a palavra neo-inquisição, usada pelos advogados, remete ao Santo Ofício, usado durante a Idade Média pelo Igreja Católica, contra os considerados hereges e até mesmo possuídos por forças malignas. O cronista enfatiza o nome do juiz Moro.

O manifesto deu um pulo no tempo, para trás, por cima de todas as outras comparações cabíveis, como regimes de exceção recentes, e preferiu chamar o juiz Moro e seus comandados de caçadores de hereges e bruxas. [...] O manifesto dos advogados não precisava ir tão longe para buscar um exemplo de arbitrariedade e

descaso por direitos legais. Tinham exemplos bem mais próximos, no tempo e no espaço. (VERISSIMO, ESTADO DE S. PAULO, 28/01/2016)

Nesta crônica, Verissimo brinca com o sentido da palavra analogia, que significa criar uma relação de semelhança entre situações ou coisas distintas. Após explicar a analogia feita pelos advogados, o autor aproveita a aproximação do mês do carnaval e discorre sobre as marchinhas típicas da época, momento em que ele esclarece através de exemplos simples o significado de analogia. Verissimo menciona que a maioria das marchinhas não possuíam duplo sentido, porém, em um dado momento notou que elas começaram a brincar com as palavras, e até quem não sabia o significado de uma palavra ou outra entendia o tema abordado. Levando em consideração todo o conjunto do texto, essa é uma forma do escritor deixar claro de que até quem não conhece a história da Inquisição sabe o sentido que os advogados queriam dar à comparação.

E me lembro de quando as músicas de carnaval perderam sua inocência [...] apareceram duas marchinhas seminiais, que mudaram tudo. Uma era a Índio Quer Apito, baseada numa anedota safada. E a outra tinha o seguinte refrão: "Não importa que a mula manque, o que eu quero é rosetar". Não entendi o que a letra significava, mas não tive a menor dúvida que era bandalheira. (VERISSIMO, ESTADO DE S. PAULO, 28/01/2016)

Em março de 2016, a Operação Lava Jato completou dois anos de ação. No mesmo mês, Verissimo produz a crônica intitulada "A intenção do carnaval" e discorre sobre a condução coercitiva de Lula. A situação aconteceu no dia 4 de março, quando a Polícia Federal (PF) e a Receita Federal cumpriram os mandados de prisão da 24ª fase da operação. Entre esses mandados estavam um referente ao ex-presidente. De acordo com o que foi noticiado pelo portal G1, a PF foi até à casa do petista logo pela manhã e o conduziu coercitivamente até o Aeroporto de Congonhas para prestar depoimento. Mais uma vez o juiz torna-se alvo direto das críticas do gaúcho. O cronista publicou no dia 10, do mesmo mês, o texto em que chama o mandado emitido por Moro de circo desnecessário.

A condução coercitiva determinada pelo Moro foi, mais do que um circo desnecessário, uma ilegalidade. Pela lei, a condução coercitiva é usada quando uma intimação não é atendida. Não foi o caso de Lula, que já havia prestado depoimento três vezes sem necessidade de força. [...] resta especular sobre o que motivou a ação e o estardalhaço. Foi só para humilhar o Lula? (VERISSIMO, ESTADO DE S. PAULO, 10/03/2016)



Verissimo reforça a todo momento no texto que a situação envolvendo o petista foi ampliada sem necessidade. O autor chega a comparar a repercussão do caso a uma novela das 9. De forma irônica, Verissimo usa de uma comparação com Fernando Henrique Cardoso, também ex-presidente do país, para ressaltar a importância que Lula tem na história política nacional.

O Fernando Henrique Cardoso, pelo seu histórico de intelectual engajado e homem público - não importa o que você pensa do governo dele - não merece ter sua vida transformada numa novela das 9 e ter que dar explicações sobre um assunto que é só da conta dele e da família dele. Da mesma forma, o Lula, pela sua história, pelo que ele representa, deveria ter outras considerações além da pequena regalia de não precisar de algemas. (VERISSIMO, ESTADO DE S. PAULO, 10/03/2016)

A opinião, uma das principais características da crônica, está presente principalmente no texto em momentos que Verissimo dirige-se ao juiz federal, Sérgio Moro. O cronista aponta que o juiz se vê acima da lei e que a ação da PF levou o ex-presidente à força. O escritor também discorre sobre o local escolhido para o depoimento ser o aeroporto e não um local mais adequado. Verissimo diz ser difícil acreditar que este era o único local para que essa situação acontecesse. A abordagem do cronista dá a entender que a escolha da PF foi estratégica, levando em consideração que dali seria fácil, caso o depoimento permitisse, a transferência imediata de Lula à prisão, em Curitiba, sede das investigações.

"Ninguém está acima da lei" foi refrão que acompanhou a ida do Lula, à força, para depor [...] É difícil acreditar que a Polícia Federal não tivesse outro canto de São Paulo para ouvir Lula a não ser o Aeroporto de Congonhas, com sua implícita pequena distância de avião, de Curitiba e da prisão, se a polícia assim quisesse. E no fim tivemos a espantosa declaração do Moro de que o método local em que Lula havia prestado depoimento tinham sido escolhidos para proteger o ex-presidente. (VERISSIMO, ESTADO DE S. PAULO, 10/03/2016)

Outro fator observado na crônica é a linguagem escolhida. Verissimo foge da linguagem rebuscada e consegue deixar claro, até para quem não sabe o significado exato, o que é uma condução coercitiva. De acordo com Coutinho (1986, p. 134), o cronista habilidoso consegue fazer com que seus leitores absorvam acriticamente suas ideias. Como lembra o crítico literário, "a linguagem e, mais expressivamente a gíria social, é um tempero importantíssimo na confecção de uma crônica". (COUTINHO, 1986, p. 134)

No dia 13 de março de 2016, milhões de brasileiros tomaram as ruas em diferentes cidades do país em uma manifestação contra o Governo Dilma Rousseff. Verissimo abre o

texto publicado no dia 17, na mesma semana, discorrendo sobre uma saída constitucional da presidente como forma de conter a crise política instaurada no país. Ironicamente, o escritor inclui no texto uma crônica antiga e imagina como seria se Dom Pedro I fosse clonado, a partir de um pelo pubiano, encontrado no Rio de Janeiro. A inspiração do escritor veio de uma notícia lida por ele.

Me lembrei da notícia que li, há alguns anos, sobre a descoberta, na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, de um pêlo pubiano de Dom Pedro I. Não sei se era brincadeira ou verdade, o fato é que não se falou mais no assunto. Na época escrevi uma crônica a respeito da descoberta com uma sugestão sobre o que fazer com ela. Repito à crônica como minha contribuição para a reforma do regime de governo sendo discutida, e para acalmar os ânimos. (VERISSIMO, ESTADO DE S. PAULO, 17/03/2016)

O autor presume que o pelo havia sido encontrado em um dos livros do monarca e cita pesquisas científicas que afirmam que a partir de uma célula já é possível reconstituir a genética de uma pessoa, se estivesse em bom estado de conservação. Através do humor, Verissimo discorre sobre a reforma política e critica a cultura corrupta dos políticos brasileiros, mencionando a compra de votos e de cargos de destaque. Nesse mesmo trecho, o escritor usa a palavra regime. Nas manifestações contra o governo, em alguns momentos pessoas (isoladas, diga-se de passagem) que durante palavras de ordem demonstraram o interesse em um retorno do regime militar.

Monarquistas poderiam muito bem acenar com a possibilidade de restituição não apenas da monarquia, mas do nosso primeiro monarca, - o que, junto com alguns votos comprados, como manda a tradição brasileira - inspiraria o Congresso a aprovar uma mudança do regime. [...] Dom Pedro de volta seria a solução para o Brasil. Não seria preciso me recompensar por ter tido a ideia, salvo, talvez, com a embaixada em Paris. (VERISSIMO, ESTADO DE S. PAULO, 17/03/2016)

A movimentação entorno do processo de impeachment de Dilma contou com a intensa participação de membros do PMDB. O então presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha, se fez opositor explícito ao governo, mesmo que o vice-presidente, Michel Temer, fosse seu companheiro de partido. Temer também cortou laços de confiança com Dilma, o que pesou ainda mais o clima em Brasília, deixando claro seu interesse em comandar o Brasil em um possível afastamento da presidenta.

Quem também esteve presente nas declarações contra a presidente foi o líder da

oposição, Aécio Neves, parlamentar do PSDB, partido que vive há décadas uma "richa" particular com o PT. Este também é alvo da opinião do gaúcho, tendo em vista que há alguns anos tornou-se o principal candidato nas disputas com os petistas. Delações e acusações. Palavras em voga nesse momento no país. Verissimo usa do texto para criticar o oportunismo do PMDB no momento de queda na aceitação populacional do Governo Dilma.

Mas acabo de me dar conta que, como o clone necessitaria de tempo para ser gerado e crescer, precisaríamos de uma regência provisória até ele atingir a maioridade, com 18 anos e já com suas costeletas. O PMDB, claro, reivindicaria o cargo, o Aécio Neves não se conformaria em não ser o escolhido e a guerra política reiniciaria. (VERISSIMO, ESTADO DE S. PAULO, 17/03/2016)

A corrupção brasileira é motivo de ironia e humor na crônica "*Em bronze*". Nesse texto, Verissimo cita escritores famosos no Brasil. Millôr Fernandes, Mario Quintana, Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade. O cronista parte da tese de Millôr sobre a construção de um túnel na China. Segundo a teoria, 10 mil chineses cavariam de um lado e outros 10 mil de outro até se encontrarem no subterrâneo e assim formarem um caminho que daria em um túnel. Se desse errado, pelo menos haveriam dois túneis. Como afirma Verissimo, seria um erro que acabaria bem.

A partir daí, Verissimo levanta outra divagação e leva o leitor a imaginar uma inauguração de uma estátua de bronze de Drummond na calçada de Copacabana. Porém em um dado momento do evento de lançamento, alguém grita que aquele não era o Drummond e sim Manuel Bandeira. Dessa vez, seria um erro irremediável, e relembra uma fala de Quintana, que afirma ser um erro eterno aquele que é de bronze.

A crítica do escritor se dá em relação à cultura da perpetuação de figuras idealizadas pelos brasileiros. Segundo Verissimo, personagens políticos nacionais foram categorizados a partir de características fáceis e agradáveis, sem que houvesse um censo crítico em relação a suas atitudes corruptas. Seria o famoso discurso de que "errou", mas fez muita coisa boa também. O autor usa o exemplo do ex-presidente Juscelino Kubcheck, que ficou marcado pela construção de Brasília e não pelo seu papel político e participação nos processos corruptos. O mesmo é feito sobre Getúlio Vargas, que para muitos é chamado de o benfeitor dos trabalhadores, mas que também liderou um período ditatorial marcado por censura e golpes de estado.

Jucelino, segundo clichê, foi o presidente que galvanizou o país com seu desenvolvimento alegre. Pouco se fala do seu papel na história da corrupção brasileira também. Jânio Quadros foi um maluco e pronto. [...] Carlos Lacerda foi um exemplo de administrador moderno ou um golpista inveterado, ou duas coisas? E a própria história não sabe o que dizer de Getúlio Vargas, que foi o nosso grande emancipador social, ou um ditador filo-facista irredimível, a escolher. Que Getúlio, afinal, ficou em bronze? (VERISSIMO, ESTADO DE S. PAULO, 07/01/2016)

A crítica de Verissimo não se prende apenas às duas faces dos governantes brasileiros, mas sim ao processo de escolha que a população faz ao perpetuar uma delas. O Getúlio que ficou talhado no bronze foi justamente o que promoveu reformas trabalhistas, o JK que é lembrado é o que edificou a capital brasileira, o Lula que é reconhecido é aquele que deu protagonismo as classes mais baixas e não o investigado pela Lava Jato. O que Verissimo deixa claro em sua narrativa é que, ao escolher suas "estátuas", o brasileiro tende a lembrar apenas do que lhe foi agradável.

#### 4.3 VERISSIMO E A POLÍTICA NORTE-AMERICANA

Como já foi mencionado nesta pesquisa, Luis Fernando Verissimo viveu grande parte de sua vida nos Estados Unidos. Por sua intensa relação com o país, o gaúcho traz em destaque em alguns dos seus textos situações norte-americanas. Nos primeiros três meses de 2016, o assunto mais latente nos EUA foi a corrida presidencial. Figuras como Hillary Clinton, Barack Obama, George Bush e Donald Trump tornaram-se personagens de suas narrativas.

As eleições para presidente americano estão marcadas para novembro de 2016. Porém, o período eleitoral dos EUA acontece meses antes, durando mais tempo que o processo brasileiro. As eleições norte-americanas se dão através de três etapas. Os moradores dos 50 estados da União e dos cinco territórios realizam eleições internas dos partidos Democrata e Republicano. Em um primeiro momento, são realizadas assembleias nos estados, em que os pré-candidatos devem obter o maior número de delegados. Quem obtiver a maioria absoluta desses delegados garante sua indicação pelo partido. Após esse período, ambos os partidos realizam suas convenções para definir os candidatos. A partir daí começa a eleição geral, que segue até o dia dos americanos escolherem seu representante.

No dia 4 de fevereiro, o cronista abordou no texto "*Históricos*" a disputa americana. Para Verissimo, a eleição de 2016 poderá ser considerada histórica, assim como foi à vitória de Obama, o primeiro presidente negro na Casa Branca. Este ano, uma das candidatas dos Democratas é Hillary Clinton. Caso vença, Hillary será a primeira mulher a assumir os Estados Unidos.

Dessa vez, a crítica afiada do cronista cai sobre Trump, o caricato candidato republicado. O magnata é conhecido por seus comentários xenofóbicos e extremistas e já chegou a mencionar em discursos, durante sua campanha, que imigrantes mexicanos se mudavam para os EUA para serem traficantes e estupradores. Verissimo aponta que uma possível vitória de Trump seria algo lamentável e compara o candidato com os ex-presidentes Nixon e Bush, afirmando que ele seria um "bufão" como os dois antecessores.

Trump eleito seria histórico por incorporar tudo que é lamentável na política - do poder do dinheiro à demagogia mais rasteira - na forma de autocaricatura, mas diz a verdade: se o que acontece na Casa Branca não nos afetasse tão diretamente, a perspectiva de Trump e sua cabeleira dourada na presidência não seria a mais divertida de todas? (VERISSIMO, ESTADO DE S. PAULO, 31/01/2016)

Outra novidade nas eleições norte-americanas é o desempenho do candidato progressista, também do partido Democrata, Bernie Sanders. Verissimo discorre que outros políticos com tendências esquerdistas como Sanders já haviam chegado perto da presidência no país, porém não tão longe quanto ele. Até então, o candidato estava empatado com Hillary nas pesquisas. O cronista destaca que o discurso de Sanders, voltado para a crítica contra as desigualdades sociais e o capitalismo, tornaria dele um presidente histórico. Verissimo usa do termo "capitalismo" de forma ironica, para fazer uma relação entre o significado da palavra e o sistema regente nos Estados Unidos. Para reforçar essa relação, o autor menciona o distrito financeiro de Wall Street, rua onde está localizada a bolsa de valores de Nova Iorque.

A novidade da candidatura de Sanders é, antes de mais nada, ter chegado onde chegou, muito mais longe do que os "progressistas" de antanho [...] e o fato de sua pregação contra a desigualdade e o poder de Wall Street ter encontrado ressonância entusiasmada - está sim inédita - entre os eleitores mais jovens. Um crítico declarado do capitalismo na Casa Branca seria sem dúvida histórica. ? (VERISSIMO, ESTADO DE S. PAULO, 04/02/2016)

Em um segundo momento, Donald Trump torna-se novamente motivo de crítica e piada para Verissimo. Na crônica "*Na TV*", o gaúcho conta como foi assistir o programa *Tonight Show*, quando o apresentador, Donald J. Jimmy Fallon, fez imitações do então candidato republicano. O humor na narrativa se dá a partir da crítica à inteligência e centralidade de Trump.

Ele tem feito imitações do candidato a candidato à presidência dos Estados Unidos Donald J. Trump, o que não é muito difícil, o Trump de verdade já é uma piada. Na outra noite, o "Trump" interpretado por Fallon explicou o significado de "J" no seu nome: É de "jênio". (VERISSIMO, ESTADO DE S. PAULO, 14/02/2016)

No dia 3 de março, Donald Trump volta a ser criticado por Verissimo. O autor usa o filme *The candidate*, que narra a história do candidato do partido Republicano que tenta uma reeleição. O personagem torna-se tão forte ao longo da campanha que nenhum outro político quer ser seu adversário. Porém, o partido Democrata convence o personagem, interpretado por Robert Redford, a disputar o cargo. Acreditando que ia perder, ele decide criticar em seus discursos a influência do dinheiro na política e os velhos métodos de liderança. Por surpresa de todos, o democrata vence a eleição.

Luis Fernando Verrismo relaciona o filme com a história de Trump, afirmando que os dois são uma piada que acabaram chegando mais longe do que deveriam. Até então, Trump ainda não havia sido confirmado como o representante republicano.

O personagem de Redford no filme e o candidato a candidato do Partido Republicano nas próximas eleições presidenciais americanas, Donald Trump, não têm nada em comum, salvo o cabelo amarelo. Mas são duas piadas que chegaram mais longe do que alguém poderia imaginar. Esta não é a primeira vez que Trump se apresenta como candidato à presidência dos Estados Unidos, mas é a primeira vez que passa de uma opção ridícula a uma possibilidade clara. (VERISSIMO, ESTADO DE S. PAULO, 03/03/2016)

Os comentários racistas de Trump fomentam as críticas de Verissimo, e mais uma vez ele cria uma ponte entre a situação política e o cinema. O cronista levanta a polêmica gerada sobre a ausência de indicações de negros ao Oscar 2016. A ironia do autor se dá a partir de duas pontuações; os discursos do candidato só ganharam espaço e o fizeram ter destaque na disputa entre os concorrentes republicanos porque seu conservadorismo ainda é enraizado dentro dos Estados Unidos; e a ironia de que a presidente da Academia de Cinema, Cheryl Boone Isaacs, é negra. A partir das duas questões levantadas, o leitor pode concluir que não

só mesmo o cenário político, mas até mesmo os próprios afro descendentes dentro do país possuem uma resistência racista, ainda que inconscientemente.

Foi o mais performativo e saliente de uma trupe de concorrentes particularmente opacos e pode dizer tudo o que quiser. Está dizendo às barbaridades que sempre disse só que, hoje, elas são o que muito mais gente está pensando. O conservadorismo responsável não conseguiu deter Trump enquanto era tempo. O ridículo também não. E agora? (VERISSIMO, ESTADO DE S. PAULO, 03/03/2016)

O atual presidente dos Estados Unidos também ganhou espaço nas narrativas de Verissimo. Em março, Obama deu fim a um silêncio entre EUA e Cuba que durou mais de 50 anos. No texto "*Em Cuba*", mais uma vez o cronista recorre a elementos que dividem a questão entre políticas de esquerda e direita, como, por exemplo, a expressão "comunista sanguinário". Cuba vive um regime socialista e durante muitos anos, Fidel se mostrou crítico ao capitalismo norte-americano. O encontro entre os presidentes foi marcado pela reabertura da embaixada americana em Havana, capital cubana.

Obama in Habana, quem diria? De acordo com o Fox News, o programa de TV preferido da direita americana, o encontro de Obama e Castro foi a primeira vez que um ditador comunista sanguinário esteve com um líder americano. [...] Kennedy não pôde ir a Cuba, mas mandou uma delegação, a força-tarefa que invadiu a ilha, mas não passou da Baía dos Porcos. [...] Muitos outros americanos visitaram Cuba depois disso, a maioria infiltrada pela CIA [...] para matar o Fidel, que continua vivo. (VERISSIMO, ESTADO DE S. PAULO, 24/03/2016)

A relação conflituosa entre os países também foi pauta da crônica. Ao mencionar a entrevista dada à imprensa durante o encontro, Verissimo destaca as prisões de presos políticos, ainda não esclarecida na história das duas nações.

Contam que, na entrevista à imprensa dada Obama e Castro, houve um momento de confusão, quando tocaram no assunto dos presos políticos em Cuba, e não ficou claro se incluíram os presos sem julgamento na base americana em Guantánamo. Mas tudo acabou bem, e o Baraca foi, mais uma vez, histórico. (VERISSIMO, ESTADO DE S. PAULO, 24/03/2016)

Nesta mesma crônica Verissimo retoma a crítica ao comportamento dos manifestantes contra o Governo Dilma e novamente discorre sobre os protestos do dia 13 de março. Tanto na longa trajetória de separação entre Cuba e Estados Unidos, como nos atos de oposição à presidente, estiveram presentes discursos de ódio, nas entrelinhas das manifestações escritas e faladas. Verissimo também estabelece uma relação entre atitudes de

um regime ditatorial com os cartazes e opiniões dos manifestantes.

Vi uma foto da última manifestação gigante contra a Dilma em que aparece um cartaz com a frase "Cadeia é pouco, fuzilamento já". [...] Seu conteúdo não era uma frase raivosa pichada numa faixa de pano para levar na passeata. Era um cartaz bem pensado, executado com esmero, em duas cores, coisa de profis. (VERISSIMO, ESTADO DE S. PAULO, 24/03/2016)

Verissimo direciona seu olhar não para os protestos em si, mas para o discurso defendido pelos participantes. Para isso, o escritor observa a qualidade dos cartazes expostos durante os atos e compara com as cartas que recebia quando criticava o Governo Collor. Quem as escrevia, assim como as pessoas que produziram os cartazes, aparentavam ser pessoas letradas, o que dá a entender, a princípio, que são indivíduos bem informados e com senso crítico.

Lembrei-me da época da eleição do Collor em que eu recebia cartas anônimas de pessoas descontentes com minha opinião sobre o candidato. E o que mais me impressionava não era a ameaça do que fariam comigo e com meus filhos, era a qualidade das cartas. Bem escritas, em bom papel, sem um erro gramatical que denunciasse um autor energúmeno, até inspiradas na descrição da variedade do que faria conosco. (VERISSIMO, ESTADO DE S. PAULO, 24/03/2016)

O destaque que o cronista dá a elementos como a qualidade do papel de carta e da boa escrita deixa claro que a sua crítica vai além do discurso presente nos textos, mas também se dirige a classe social daqueles que a produziram; pessoas de melhores condições financeiras e que tiveram acesso à boa educação, membros de uma pequena parte do país. Para Verissimo, o mais assustador é perceber que até mesmo pessoas com uma alta bagagem de instrução podem ser capazes de defender ideologias extremistas.

Ingenuidade minha, a de pensar que o bom gosto previne o instinto assassino, ou que pessoas civilizadas são imunes ao ódio. Mais assustador do que o bom acabamento, claro, é pensar que o que dizia no cartaz era a vontade de mais do que as duas pessoas que o carregavam. (VERISSIMO, ESTADO DE S. PAULO, 24/03/2016)

Assim como aponta Bobbio (1995, p. 53), o extremismo político opõe-se a qualquer manifestação democrática, infligindo direitos como a liberdade de expressão. O discurso de ódio também é característico de comportamentos extremistas.



#### 4.4 CRÍTICA AO CAPITALISMO DESENFREADO

Os escândalos envolvendo a Petrobrás despertaram o interesse de Verissimo não apenas de forma política, mas também como fator econômico. O autor volta no tempo em que o petróleo era considerado o ouro negro, um luxo comandado por poucos, para discorrer sobre a série de casos de corrupção que surgiram em torno da petrolífera nacional. Verissimo associa a queda no valor dos barris com o cenário político. Segundo notícia do jornal *O Estado de S. Paulo*, veiculada no dia 14 de fevereiro, a cotação do barril havia caído, comparado aos 18 meses anteriores, em 70% e apresentava uma dívida de mais de R\$ 500 bilhões.

Segundo Verissimo, não fazia muito tempo em que investir em uma companhia de petróleo era o melhor negócio do mundo. O escritor usa do humor para ressaltar que, hoje, nem uma empresa mal administrada precisa ser uma Petrobrás para ser roubada. O gaúcho também levanta um questionamento quanto à queda dos valores dos barris, já que as pessoas ainda continuam comprando carros e consumindo gasolina e outros produtos derivados.

O petróleo em baixa é o mais intrigante. É cada vez maior o número de carros queimando gasolina nas ruas do mundo, a questão não é de menos demanda. [...] O acaso das commodities corresponde a um aumento na produção de celulares e outros efeitos da mudança de hábitos da humanidade, na era da comunicação instantânea e da padronização internacional do consumo. Quando uns perdem outros ganham. (VERISSIMO, ESTADO DE S. PAULO, 10/03/2016)

Os escândalos envolvendo a estatal, como propinas e rombos fiscais, distorceram a imagem pública do país, que sentiu a desvalorização de seu nome no cenário econômico nacional e internacional. Vale lembrar que só esse ano o Brasil chegou a receber o selo de mau pagador. Verissimo novamente deixa clara sua opinião em um dos trechos da crônica. Para o autor, o que levou à queda dos preços dos barris foi a crise política.

Wall Street foi inspiração de mais uma crônica de Verissimo ao longo do período analisado, dessa vez para além das eleições presidenciais. O autor cria uma associação com o filme *A grande aposta* (2015). A publicação "*Para o infinito e além*" brinca com os jargões financeiros dos personagens do filme, que muitos tiveram dificuldade de entender, e alerta

para os reflexos e resultados que pensamos nunca nos atingir.

Uma das táticas do escritor é a utilização de elementos culturais em suas analogias. O longa se passa durante a crise financeira que estourou no ano de 2008, em Wall Street. Alguns meses antes da crise explodir, quatro investidores tornam-se diante do espectador a personificação do espírito capitalista norte-americano: pretendem lucrar a todo custo. Os personagens buscam lidar com a situação econômica que refletiu no mercado americano e mundial.

Mesmo sem um curso intensivo sobre títulos, hipotecas temerárias e etc. Você sabe que a possibilidade sempre de fraude bancária afeta, direta ou indiretamente a sua vida. Você "entende" o que está acontecendo em "A grande aposta" mesmo sem entender o vocabulário. A precariedade retratada, no filme, do sistema que, afinal, manda no mundo, deve assustar mesmo quem nunca entrou num banco. Já a nossa ignorância do que acontece no Universo só aumentava com cada nova descoberta. (VERISSIMO, ESTADO DE S. PAULO, 18/02/2016)

Retomamos os estudos de Bobbio (1995, p, 100) sobre as distinções políticas entre esquerda e direita para esclarecer a menção de Verissimo a Wall Street. Como aponta Sader (apud Verissimo, 2015), os ideais esquerdistas criticam o comportamento capitalista e a visão de igualdade que eles defendem, enxergando a condição de pobreza como falta de empenho de uma pessoa. No cenário norte-americano, o polo econômico firmado pela bolsa de valores é um dos principais símbolos do capitalismo vigente no país.

O cronista usa de uma indagação para amarrar a questão: afinal, o que toda essa situação tem a ver com o pão com manteiga dos brasileiros? A crítica de Verissimo vem sobre o reflexo, ainda que tardio, dessa culminação econômica nos EUA. Segundo a matéria divulgada no Portal BBC, no dia 4 de março de 2009, um ano após o estopim, os países pertencentes ao chamado G20, entre eles o Brasil, sentiram o impacto da crise norte-americana. A publicação aponta que o país foi atingido pela redução das demandas de exportação de produtos como café e laranja. O real e a Bolsa de Valores de São Paulo (Bovespa) também sentiram o freio na economia, e alguns investidores estrangeiros retiraram recursos no Brasil em busca de recuperar prejuízos em seus próprios países.

Mesmo com o então presidente Lula afirmando que a crise não havia afetado o Brasil e que se chegasse seria uma marolinha comparada ao Tsunami que ela representou

internacionalmente, o país vive, principalmente hoje, oito anos depois, uma desestruturação econômica, associada ao setor político. Situação que pode ter sim fios esquecidos daquele momento de crise. As pontuações de Verissimo destacam como é comum viver acreditando que uma situação alheia, principalmente em localidades distantes, não vai chegar ou se repetir onde estamos.

O consumo desenfreado, as diferenças de classes e o comportamento capitalista, são ingredientes das críticas de Luis Fernando Verissimo. A partir de ideias um dia pensadas por visionários, o autor discorre, no texto "*O futuro que não veio*", sobre o desejo de compra do ser humano. Verissimo lembra que os Volkswagens voadores não saíram do papel muito menos as megalópoles bem organizadas. Segundo o escritor, o Concorde deu a acreditar que pelo menos uma das idealizações se realizaria; ainda que suas poltronas fossem apertadas e que fosse tripulado por pessoas que sabiam distinguir a granulação de um caviar de qualidade.

Ao usar a descrição do caviar, Verissimo dá a entender, ainda que nas entrelinhas, que por mais visionário que o Concorde fosse, ele era um projeto voltado para quem tivesse condições financeiras, ainda que despertasse o interesse de todos. Verissimo conclui que as ideais de um mundo melhor, progressista e mais acessível, pensadas nos anos 20 e 30, não se concluíram.

[...] o preço das passagens só era acessível a quem distingue o grão do caviar. Mas o Concorde acabou antes de poder ficar viável. E o que se chora não é o fim de uma máquina muito cara e talvez desnecessária, mas de um sonho: o que a vida poderia ser, se todas as possibilidades abertas pela ciência e a tecnologia depois da Primeira Guerra Mundial tivessem dado em outro mundo. (VERISSIMO, ESTADO DE S. PAULO, 31/01/2016)

Verissimo abre a crônica "*Metáforas*" com uma indagação: "Qual é o ponto em que a ganância humana deixa de ser um propulsor econômico e volta a ser pecado?" Para argumentar sobre o assunto, o cronista retoma a história de Margaret Thatcher, a também conhecida como dama de ferro. A ex-primeira ministra inglesa propôs o que muitos acreditavam ser impossível, desenvolver a Inglaterra a partir dos valores da época vitoriana, baseando-se, segundo o autor, no egoísmo sem limites. O período de regência da rainha Vitória, durou 64 anos e foi marcado pelo colonialismo e o desenvolvimento industrial e da

burguesia. Mais uma vez, ao realizar sua crítica, o autor utiliza elementos ideológicos esquerdistas, como o uso do termo burguesia relacionado com o sentimento egoísta.

Para Margaret essa coisa chamada sociedade não existia, só existia o indivíduo. Mas o egoísmo do indivíduo precisa conviver com a moral burguesa, e a mistura só pode dar certo se acertassem o ponto em que a ganância é absolvida pela hipocrisia, que teve sua apoteose na era vitoriana. O capitalismo e a moral burguesa devem definir esse ponto. (VERISSIMO, ESTADO DE S. PAULO, 20/03/2016)

O cronista usa de uma metáfora baseada em uma receita de pudim para calcular o ponto em que a ganância desanda e torna-se uma atitude vergonhosa. Para ele, o que interfere nessa receita é o peso que o instinto humano tem na balança. Nesse momento do texto, Verissimo usa a expressão "você", como se chamasse a atenção de seu leitor para seu argumento. Como aponta Coutinho (1986, p. 118), o cronista usa desse artifício para estabelecer um diálogo direto com seu público, a fim de tornar a narrativa ainda mais próxima de sua realidade.

Você sabe, nas entranhas, que é um outro nome para a consciência, quando e como intervir para salvar o pudim. Digo a moral burguesa. Claro que para isso funcionar é preciso confirmar que todas as pessoas sejam, no fundo, social-democratas, ou capitalistas, só até um ponto certo do cozimento, ou de bom coração. (VERISSIMO, ESTADO DE S. PAULO, 20/03/2016)

Nesse ponto do texto, o escritor volta a sua crítica para as consequências que a ganância desenfreada pode causar: escândalos e crises financeiras. Verissimo chama de apologia ao capital, o comportamento que a maioria das pessoas tem. O que se pode trazer para o contexto brasileiro. Após as movimentações econômicas e propinas por detrás das cortinas, sentimos, após o "pudim" desandar e mostrar a falta de dotes culinários de nossos gestores, o impacto no país.

Há tempos, a respeito de um dos tantos escândalos financeiros e desastres sociais que pularam por aí, um apologista do capital, sem controle disse que não adianta esperar que a ganância se autocorrija, é preciso confiar na vergonha inata das pessoas. Estava, no fundo, pedindo para termos a vergonha que falta ao sistema financeiro, na sua pregação de austeridade para todo o mundo e liberdade irrestrita para os poucos donos do dinheiro. [...] Em outras palavras, é preciso acreditar que é possível destruir uma ideia de sociedade solidária e esperar que ela sobreviva nas pessoas como uma espécie de nostálgica produção de comida caseira. (VERISSIMO, ESTADO DE S. PAULO, 20/03/2016)

#### 4.5 UM OLHAR ATENTO AOS PRECONCEITOS

O racismo e qualquer outro tipo de atitude preconceituosa não aparecem nas narrativas de Verissimo apenas em segundo plano, mas também fomentaram críticas principais de alguns textos aqui estudados. No dia 11 de fevereiro, o autor publicou a crônica "*Jogo secreto*". Sua inspiração saiu da disputa em um jogo do *Super Bowl* no domingo anterior.

Verissimo abre o texto afirmando que algumas pessoas acreditam que rúgbi é o futebol americano para homens. O autor questiona a afirmação dizendo que ela é injusta. Para o gaúcho, ambos esportes são violentos, e, mesmo com os jogadores de futebol americano usando mais equipamento de proteção, ainda assim machucam-se com frequência. E é a partir da tradicional violência presente em tais esportes que o escritor constrói sua crítica.

O Super Bowl do último domingo foi um jogo feio, truncado, que ainda teve que competir como espetáculo, com o show do intervalo e as coxas da Beyonce. Mas foi uma boa mostra da violência do esporte, tanto que sua melhor figura foi o defensor dos "Broncos" que conseguiu chegar mais vezes ao "quarterback" dos "Panthers" e, literalmente, o patolar. (VERISSIMO, ESTADO DE S. PAULO, 11/02/2016)

O escritor explica que *quarterback* é quem determina quais jogadas serão realizadas dentro do campo, seja por decisão própria ou por instrução do treinador. O *quarterback* é protegido por outros jogadores que formam uma barreira em torno dele. Verissimo chama a atenção para um importante detalhe: os encarregados de proteger o *quarterback* são geralmente afro descendentes.

Verissimo destaca que até pouco tempo nenhum *quarterback* era negro. Uma tradição mantida, implícita, e que define um preconceito perpetuado na cultura norte-americana. Uma das raridades dentro desse quadro é o jogador Can Newton, *quarterback* dos Panthers.

[O *quarterback*] É o intelectual do time e, como qualquer intelectual, precisa de tempo e tranquilidade para pensar no que fazer. Os armários alinhados na sua frente estão ali para lhe garantir o tempo e a tranquilidade, que no domingo, para o "quarterback" dos "Panthers", nunca veio. (VERISSIMO, ESTADO DE S.

PAULO, 11/02/2016)

No texto, o foco do autor não está na exceção, mas sim em uma disputa interna dentro de campo. Uma disputa entre antigos valores e a resistência diante da discriminação. Aquele duelo ocorreu sem que muitos percebessem. Enquanto de um lado estava Peyton Manning, o líder branco, clássico, de outro estava Newton. Como ressalta Verissimo, ainda que o novo se mostrasse capaz, a tradição novamente foi vitoriosa. De acordo com Bobbio (1995, p. 100), como já foi exemplificado nesta pesquisa, o significado de igualdade não é absoluto.

Ao longo da crônica, percebe-se que a palavra Panthers e *quarterback* aparecem entre aspas. Isso indica que Verissimo quer chamar a atenção para além de seus significados etimológicos. Panthers, traduzido para o português, significa pantera. Nas histórias em quadrinhos, o herói Pantera Negra é um príncipe africano. No texto, Newton é o símbolo do herói que resiste ao preconceito, e o *quarterback*, a representação do branco escravocrata. O *quarterback* é o indivíduo pensante, aquele que toma as decisões e que "manda" dentro do jogo. Ele precisa de criados que promovam sua tranquilidade e segurança. Antes se usava a chibata, hoje as estratégias e hierarquias do jogo. Antes era a relação entre patrão e escravo, hoje, é a superioridade do *quarterback* sobre seus jogadores.

O escritor recorre a seu pai Erico Verissimo para criar uma analogia sobre a relação entre índios e brancos em "*Os Stones*". Verissimo abre o texto de forma a criar um ambiente de descontração e faz uma piada com os Rolling Stones, afirmando que eles são os Beatles após muito tempo expostos ao sol. Daí o escritor parte para a crítica aos colonizadores.

A princípio, Verissimo conta que Erico, em uma sessão de autógrafos em Portugal, perguntou à pessoa que o aguardava o nome que deveria escrever na assinatura. O português respondeu que deveria colocar o dele mesmo. De acordo com Verissimo, tanto os escritores ao autografar um livro, como os índios possuem um temor em comum: o branco.

Escritores em sessões de autógrafos têm em comum com tribos indígenas um justificável temor dos brancos. Não são boas as experiências dos dois grupos com brancos. No caso dos escritores o "branco" é a parte mental que lhes impede de lembrar o nome do melhor amigo, na hora da dedicatória, e seus efeitos são iguais aos dos brancos entre povos primitivos: confusão, mal estar e, muitas vezes,

guerras. (VERISSIMO, ESTADO DE S. PAULO, 06/03/2016)

Como mesmo pontua o autor, os brancos podem vir a qualquer hora. Talvez esse tivesse sido o pensamento de muitos índios quando se depararam com os visitantes. Da mesma forma que os "brancos" esvaziam a mente de um escritor, os portugueses esvaziaram reservas, minas, florestas e grande parte da cultura nativa. Esvaziaram crenças religiosas em busca de uma catequese obrigada. Esvaziaram a inocência da terra e de seus verdadeiros donos.

O cronista gaúcho também volta seu olhar para outra tradição preconceituosa: a perseguição aos judeus. No texto "*Scliar*", Verissimo novamente critica o comportamento alemão durante o governo nazista. O autor conta que, ao ser convidado para discursar em uma homenagem que marcava os cinco anos de morte do escritor Moacyr Scliar, recorreu aos textos do escritor judeu Saul Bellow.

Segundo Verissimo, o texto escolhido de Bellow narrava como o judeu é capaz de inventar parábolas didáticas. Como destaca o autor, Scliar passou sua vida criando parábolas sobre a realidade mesclada de fantasia.

A imaginação judaica já foi inclusive acusada de sobre-humanizar tudo, de supervalorizar o humano e atribuir a tudo significados demais. Para alguns, o próprio cristianismo seria uma criação de contadores de histórias judeus, festejando a vitória de cristãos oprimidos sobre os opressores na sua origem. (VERISSIMO, ESTADO DE S. PAULO, 28/02/2016)

Opressão. A ideologia esquerdista acusa aqueles de extrema direita de apresentarem comportamentos opressores. Os nazistas se comportavam assim a, ponto de exterminar milhares de judeus, movidos por ideais antissemitas. Verissimo cita uma das parábolas de Bellow, que conta a história de um lenhador cansado de praguejar contra sua velhice pediu a Deus que o matasse. Quando Deus envia o Anjo da Morte, o lenhador pede ajuda para carregar a lenha para casa e o dispensa dizendo que desistiu da decisão. Moral da história, nenhum ser humano está pronto para morrer. Do mesmo modo que os judeus não estavam prontos para serem mortos pelos alemães. Para Verissimo, a parábola enxerga a tragédia da vida de forma bem-humorada.

Nela há a tragédia da condição humana, da velhice, da revolta contra um destino irremediável, e o humor do desenlace, em que o Anjo da Morte é desviado da sua função e posto a trabalhar. [...] Em alguns casos, o humor judeu existe apenas para estabelecer uma ideia de equilíbrio e sanidade num mundo maluco. (VERISSIMO, ESTADO DE S. PAULO, 28/02/2016)

Verissimo retoma ao período de perseguições aos judeus a partir da imaginação de Bellow. Segundo o cronista, o escritor afirma que a experiência de viver no gueto estimula a criatividade para além do confinamento que o espaço proporciona. Nesse momento o escritor gaúcho cria uma relação entre o sentido de gueto aqui no Brasil e o significado que ele possui na cultura judaica. Scliar viveu em um gueto no Bairro Bonfim, em Porto Alegre, onde, segundo Verissimo, nunca aconteceu um *pogrom*. A palavra russa *pogrom* significa uma série de assassinatos cometidos contra uma comunidade étnica ou religiosa, o que remete ao extermínio feito com os judeus.

Para o cronista, a visão de mundo de Scliar foi definida a partir do Bonfim, enquanto o gueto que influenciou o processo literário de Bellow foi mais desumano e violento. Esses fatores levaram seus textos a não se prenderem apenas ao lado bonito da vida, mas também à face trágica que ela tem.

Se sua experiência fosse a de um gueto como o de Varsóvia suas histórias seriam outras, ainda dentro da tradição judaica, e sua imaginação mais trágica e menos livre. Para nossa felicidade como leitores, o gueto que formou sua imaginação foi o de Porto Alegre. O mundo e o universo vistos de lá eram maiores e mais humanos, o Bonfim literalmente não tinha fim. (VERISSIMO, ESTADO DE S. PAULO, 28/02/2016)

O gueto de Varsóvia foi o maior gueto formado por judeus e ficava localizado na Polônia, durante a Segunda Guerra Mundial. Ele foi criado pelos nazistas durante o período do Holocausto. Por cerca de três anos, o local foi marcado por fome, doenças e carregamentos que transferiam a população para os campos de extermínio. Verissimo dá destaque tanto para esse lugar como para a palavra *pogrom* para basear seu argumento quanto à arte que emergiu do sofrimento de todo um povo e criticar o comportamento violento dos nazistas. Comportamento que é fruto de um extremo ideológico, que, como aponta Chauí (1980), tende a se tornar uma espécie de dominação social.



#### 4.6 O CRONISTA SENSÍVEL AOS TEMAS COTIDIANOS

Verissimo volta a discorrer sobre judeus como ponta pé inicial para abordar a violência moderna. Na crônica "*Drones*" o escritor relembra sua infância, no período em que tinha sete anos de idade, e como a influência dos discursos difundidos durante a Segunda Guerra Mundial o influenciaram.

Luis Fernando Verissimo conta que nesse período morava na Califórnia, e que, de tanto ouvir nos noticiários sobre as ações nazistas passou a matar alemães e japoneses imaginários em suas brincadeiras. A situação chegou a tal ponto que seu pai o levou ao médico.

Fui levado ao médico, que me contou que as tropas aliadas estavam fazendo um bom trabalho matando inimigo e não precisavam da minha ajuda, pelo menos não tão entusiasmada. Não parei com os massacres. O resultado do episódio foi que me tornei um pacifista para o resto da vida, mas meu maior problema então, aos 7 anos, era a qualidade do armamento com que contava para minhas missões no Norte da África e nas selvas do Pacífico. (VERISSIMO, ESTADO DE S. PAULO, 14/01/2016)

Segundo Verissimo, se na época ele tivesse um lança-chamas ou uma metralhadora de verdade, e não uma réplica como era a de brinquedo, sem dúvidas os inimigos teriam se rendido mais cedo. O curioso no discurso do escritor é como o noticiário americano, inimigo de guerra dos exércitos japoneses e nazistas, foi capaz de criar uma revolta na cabeça de uma criança. Como um posicionamento ideológico construiu na mente daquele menino um "ódio" aos inimigos, mesmo que naquele momento eles fossem apenas imaginários.

Após contar sobre sua experiência infantil, o autor chama a atenção para o lançamento dos *drones* e como eles estão sendo usados em estratégias de guerra no Oriente Médio para guiar mísseis e até mesmo encontrar esconderijos. Dessa vez a crítica do escritor direciona-se para a facilidade que hoje se tem ao comprar armas tão precisas e sofisticadas quanto os *drones*. Hoje, compra-se armas como quem compra uma pistola de brinquedo.

Verissimo amarra seus argumentos, retomando ao garoto de sete anos que exterminava seus inimigos de guerra. E afirma, com um tom irônico, que, com um *drone* em

casa, estaria equipado com um exército moderno. Como mesmo discorre em seu texto, agora é possível adquirir uma arma teleguiada capaz de realizar mais estragos mas com menos estardalhaço. O que uma arma dessa não faria durante a segunda guerra? O que um drone não seria capaz de fazer com os alemães e os japoneses? E com os judeus? A comercialização de uma arma a torna independente dos ideais de seus criadores. A partir do momento em que ela entra em circulação, seu destino passa a ser programado, por aquele que a detém.

A violência volta a dar o tom cômico mas também crítico à crônica "*Serenata*". No texto, Verissimo cria o personagem O Último Romântico. Este escreve poemas para sua paixão platônica. Ao criar os textos, o personagem costuma pedir a opinião dos amigos no bar. E esses às vezes fazem piadas de suas criações.

O Último Romântico não liga para a gozação. Põe seus poemas em envelopes que manda para sua amada, quase que diariamente.

- Sua amada alguma vez respondeu uma carta sua?
- Nunca. Mas o amor tem que ser assim. Dilaceramente. Se não for dilaceramente não é amor. Eu morro de amor todos os dias.
- Ninguém mais morre de amor.
- Pois deveriam.
- A última vez que alguém morreu de amor no Brasil foi nos anos 50 e suspeita-se que foi intoxicação alimentar. (VERISSIMO, ESTADO DE S. PAULO, 13/03/2016)

Conforme narra Verissimo, um dia o romântico decide fazer uma serenata para sua amada e convidou os amigos para participar. Nenhum dos presentes animou e, como destaca o autor, apenas o Pires, que sabia tocar violão, o acompanhou. Ao chegarem ao prédio onde ela morava, descobriram que o local não possuía nenhuma sacada. Para piorar, o apaixonado não sabia seu nome e nem o número do apartamento de sua musa. Ambos apenas sabiam que ela morava no oitavo andar.

- Como é o nome dela? - quis saber o Pires, consultando o painel de moradores ao lado do portão.
  - E eu sei?
  - Um dos moradores do oitavo se chama Susuki. Sua amada é japonesa?
  - Não. Aperta o outro botão.
- Depois de um longo tempo, ouviu-se uma voz feminina sonolenta:
- Quem é? (VERISSIMO, ESTADO DE S. PAULO, 14/01/2016)

A crítica nesse texto se dá a partir da narrativa simples e da inserção de diálogos

diretos dos personagens. Quando Pires e o Último Romântico se preparam para começar a cantar **Carinhoso**, de Pixinguinha, chegaram os assaltantes. Não há a descrição do assalto, apenas a indicação dele. Assim, Verissimo cria na mente de seu leitor diversas imagens recorrentes à realidade vivida hoje no país, um alto índice de violência e assaltos desenfreados a qualquer hora e lugar. Como destaca Massaud Moisés (2003), o cronista busca sua inspiração em pequenas situações corriqueiras, mas que de fato interferem na vida das pessoas.

Na publicação "*Xororô*", Verissimo traz um assunto muito conhecido pelos brasileiros: futebol. No texto, o cronista conta a história de Pedrão, o capitão de um time de futebol. Este acha que sua principal função dentro de campo é justamente pressionar e incomodar o juiz. Alguns juízes reclamam de seu comportamento e o mandam se afastar. Porém, quando o árbitro é estrangeiro, o jogador usa de outras artimanhas para reclamar, já que não sabe falar nada além do português.

Não importava se o juiz era brasileiro, castelhano, alemão ou coreano. Quando pressionava o juiz, o Pedrão só dizia "Xororô". Nenhuma palavra inteligível, só "xororô, xororô, xororô". O importante não eram as palavras, era a cena. Era o juiz se sentir pressionado e a torcida ver o Pedrão pressionando o juiz, cumprindo sua obrigação de capitão. (VERISSIMO, ESTADO DE S. PAULO, 17/01/2016)

Verissimo chama a atenção para o comportamento ignorante do personagem. Em um jogo em que o juiz era da Guatemala, no momento em que gritou xororô, o árbitro levantou o cartão vermelho e o expulsou de campo. Ao contrário de desistir de tais comportamentos, Pedrão parte para a alternativa. A partir daquele dia, decidiu que quando, os juízes estrangeiros o incomodassem, iria cantar um trecho do hino nacional ou uma música sertaneja, sempre gesticulando para pressioná-los. Diante disso observamos duas críticas imersas. A primeira volta-se à música sertaneja, em voga no país, mas que, como aponta o escritor, não tanto conhecida assim fora daqui. A segunda se dá ao fato de que o capitão do time mantém sua ignorância ainda que dê o famoso jeitinho brasileiro, trocando sua forma de chamar a atenção.

Luis Fernando Verissimo também mostra que as relações humanas podem se tornar bons temas para crônicas. No texto "*O Dragãozinho na Coxa*", o autor conta como dois colegas que trabalham em um laboratório encontram-se em uma praia. Ambos ficavam se imaginando sem o jaleco branco. Verissimo brinca com a situação imaginando se um foguete

fosse lançado até Marte apenas para fazer fotos espaciais sobre o que teria embaixo dos jalecos.

Ele já a imaginara nua, claro. E vice-versa. [...] Seria um pouco como a exploração de Marte: primeiro teriam que construir um foguete, depois um robô, depois colocar o robô na superfície de Marte, depois esperar que o robô começasse a mandar fotos do que havia sob o jaleco de Marte. (VERISSIMO, ESTADO DE S. PAULO, 10/01/2016)

A brincadeira das fotos remete ao processo de exploração de imagens e vídeos na internet, e a constante imaginação do ser humano, quanto ao corpo do outro. Toda a graça ao redor do processo de especulação como seria o outro nu perde um pouco da graça ao se verem na praia, mesmo ele tendo descoberto as curvas dela e o dragão tatuado na coxa. Verissimo deixa essa situação demarcada, para abordar como o processo de idealização dentro das relações humanas faz com que o resultado do processo chegue à frustração.

Mas ali na praia, de repente, tinham toda a informação que queriam da superfície um do outro. Sem ter que esperar. O que era estranho. Até meio antinatural. Dois seminus não conversam como dois de jaleco. [...] Era melhor só voltarem a se encontrar no laboratório. Como se nada tivesse acontecido. [...] Na exploração de Marte também é assim: tem que ser por etapas. (VERISSIMO, ESTADO DE S. PAULO, 10/01/2016)

Na publicação "*Fofa*", o escritor brinca com os tratamentos infantilizados utilizados por alguns casais. No aniversário de 35 anos de casamento, Valdir pediu a Eunice que não o chamasse mais de fofa, já que aquele apelido estava se tornando motivo de zombaria.

- Não me chama mais de fofa.
- Ai, fofa! Por quê?
- Porque eu não quero mais.
- Mas fofa...
- É ridículo.
- É um apelido carinhoso. Por que você nunca reclamou, antes?

Era verdade. Todos aqueles anos sendo chamado de fofa, desde o tempo de namorados, e Valdir nunca se queixara. E agora aquela rebelião. (VERISSIMO, ESTADO DE S. PAULO, 07/02/2016)

A justificativa do marido foi que não havia reclamado antes por a situação se tratar de um efeito cumulativo e que seus amigos sempre realizaram gozações quanto ao apelido. A mulher então questiona que nunca foi chamada de fofa, e Valdir rebate afirmando que

nenhum ser humano é fofo. Todos possuem dificuldades, falhas desesperos e defeitos.

- Porque nós não somos fofos, Eunice. Somos de uma raça cheia de defeitos, condenada ao desespero e à morte, sem nada que nos salve. Nosso caráter é inconfundível, nosso destino é trágico, somos tudo menos fofos. (VERISSIMO, ESTADO DE S. PAULO, 07/02/2016)

Em "*Casais*", Verissimo novamente traz como pano de fundo um casal discutindo sobre a relação; dessa vez, a crítica se dá em cima da superficialidade dos relacionamentos atuais. Um casal, em uma mesa do restaurante, não para de olhar cada um para o seu celular. Após um tempo, o homem recebe uma foto, de uma situação semelhante.

- Que coisa triste - diz o homem.  
 - O quê?  
 - O que postaram aqui no meu celular. Um casal numa mesa de restaurante, os dois entretidos com seu celular e nem se olhando.  
 - Deixa ver...  
 O Homem vira o celular para a mulher ver.  
 - Triste mesmo. Serão casados?  
 - Certamente. Namorados não ficam assim. Se fossem namorados estariam de mãos dadas, olhos nos olhos. São casados. E há tempo.  
 - Como é que um casal chega a esse ponto? Cada um no seu mundo, longe um do outro...  
 - Talvez tenham brigado.  
 - Você acha? Acho que não. Acho que é puro tédio. (VERISSIMO, ESTADO DE S. PAULO, 21/02/2016)

O casal continua a divagar sobre o que estaria se passando na mesa da foto. A mulher acredita que aquele casamento acabou e que eles permanecem juntos apenas por causa dos filhos. A partir daí, Verissimo começa a traçar sua crítica e dá alguns sinais disso aos leitores. O homem imagina que, ao retorno daquele jantar, o esposo da imagem vai perguntar à esposa o que ela achou sobre a comida, e ela responderia: Ahn. Nesse momento sua mulher tem a mesma reação.

- Será que eles ainda fazem sexo?  
 - Não. Usam o celular. Deitam-se na cama lado a lado e ele liga para o celular dela. E pergunta: "Você está com vontade?" E ela diz...  
 - "Ahn."  
 - O quê?  
 - "Ahn." Significando nada. Nem sim nem não. O som do tédio. O som do amor se esvaziando, como um balão de aniversário. (VERISSIMO, ESTADO DE S. PAULO, 21/02/2016)

Após algum tempo de especulações, o homem percebe que os dois da foto são eles mesmos e que alguém os havia fotografado como forma de criticar seu comportamento. Nesse momento, eles percebem há quanto tempo eles não conversavam. Verissimo usa de uma narrativa simples para criticar o comportamento assumido por muitos depois do avanço da tecnologia dos *smarthphones*. As conversas se abreviaram na linguagem de internet, e até mesmo os relacionamentos, amorosos ou não, se condensaram em mensagens. Perdeu-se a capacidade de enxergar além da pequena tela.

Já na crônica "*Criadores*", Verissimo cria uma situação em que o doutor Victor Frankenstein procura um advogado para revogar seus direitos autorais sobre sua criação. Segundo o doutor, a criatura que usa seu nome para a carreira artística e ganhando por isso, sem lhe dar nenhum pagamento em troca.

É sobre isso que vim consultá-lo.

- O senhor quer que...

- Que ele pare de usar o nome "Frankenstein". E me pague por ter usado o nome sem minha permissão. Todos esses anos. Quero meus direitos de criador! Fui eu que juntei e costurei as partes do seu corpo, fui eu que dei vida ao monstro. Tudo sem receber um tostão! Ou, ao menos, um "muito obrigado". (VERISSIMO, ESTADO DE S. PAULO, 03/01/2016)

Após algumas semanas, o doutor foi chamado ao escritório do advogado. Mais uma pessoa havia cobrado seus direitos em cima do monstro. Dessa vez era a escritora Mary Shelley. A autora cobrava seus direitos sobre o Victor e a criatura Frankenstein. Sendo assim, só restou a opção de se realizar um acordo entre as partes.

Foi feito o acordo com Mary Shelley. Mas...

- Surgiu outro que se diz criador - disse o advogado.

- Quem? - perguntaram o Dr. Frankenstein e Mary Shelley, em uníssono.

- Deus.

- Deus Nosso Senhor? Criador do Céu e da Terra?

- O mesmo. Ele diz que guiou a mão de Mary Shelley, quando ela escreveu o livro. Que guia a mão de todos os artistas. (VERISSIMO, ESTADO DE S. PAULO, 03/01/2016)

Ao saber da notícia, ambos questionaram se Deus queria seus direitos autorais. O advogado então informou que sim, mas que Ele estava disposto a conversar. Logo o doutor

Frankestein perguntou se ao abrir espaço para o diálogo eles poderiam estar criando precedentes. Verissimo traz nas entrelinhas do pequeno texto um questionamento sobre o frequente desejo humano de sempre querer tirar proveito de alguma situação. Não basta fazer algo, é preciso lucrar com ele. Não basta se contentar pelo sucesso alheio, é sempre preciso tirar uma casquinha daquilo que o outro conquistou.

A religião também não escapou dos olhos de Verissimo. Na crônica "*Na cama*", o gaúcho relaciona política e religião. Na narrativa, um reacionário chega de viagem antecipadamente e encontra a mulher na cama com outro. Ao ser questionada sobre quem é o homem, a esposa diz que aquele era o comunista.

- Quem é esse? - perguntou o reacionário.
- É o comunista - respondeu a mulher.
- O que?!
- Você não olha embaixo da cama todas as noites para ver se não tem um comunista escondido? (VERISSIMO, ESTADO DE S. PAULO, 03/01/2016)

O destaque de Verissimo vai não apenas para o uso das palavras comunista e reacionário, que significa ser contrária à revolução e a todo movimento que possa ser subversivo ao sistema sócio-político de uma sociedade. Seu olhar também se volta para a analogia feita sobre o medo dos comportamentos esquerdistas. O texto remete às antigas comparações feitas por regimes políticos, como a própria ditadura militar, de que os comunistas eram espécies de "bichos papões".

A partir daí, o autor discorre sobre um outro fato: o tema do filme **Spotlight - Segredos Revelados**, vencedor do oscar de melhor filme em 2016. No longa, uma equipe de jornalistas investiga um esquema de pedofilia acobertado pela Igreja Católica na cidade norte-americana de Boston. Verissimo entende que a falta de detalhes quanto à vida pessoal dos repórteres é uma escolha para que o olhar do público fixe principalmente na corajosa ação jornalística, que começou no âmbito de um município corrupto e estourou internacionalmente.

[...] - em Boston, o epicentro de uma certa cadeia de cumplicidade (tradicional corrupção política, abençoada por uma igreja conservadora e poderosa, tudo quase absorvido pela simpatia irlandesa) de cuja força só se tm pequenos vislumbres no filme. (VERISSIMO, ESTADO DE S. PAULO, 21/01/2016)

Segundo o cronista, foi em Boston que começou o legado dos Kennedy leva o leitor, até mesmo aquele que ainda não assistiu à produção, a compreender o porquê de incluir na narrativa a família de políticos.

Foi em Boston que começou a dinastia dos Kennedy, com o patriarca Joseph, historicamente ligado ao crime organizado e que, dizem, comprou o cargo de embaixador americano em Londres para si e, depois, a presidência dos Estados Unidos para o filho John. (VERISSIMO, ESTADO DE S. PAULO, 21/01/2016)

Luis Fernando Verissimo lembra que nem toda a família foi marcada por desvios de caráter como o patriarca, chamado pelo autor de personificação da aristocracia bostoniana, devota e criminosa. O escritor destaca que o filho mais jovem de Joseph, Edward, teve como marca principal de seu discurso político o engajamento social. E durante seu percurso como senador, atuou com ideais de esquerda. A comparação da família com os membros da sociedade de Boston nos leva a entender o ponto ao qual o gaúcho deseja chegar.

E o maior escândalo mostrado pelo filme vem no fim, nas legendas que mostram os desdobramentos das revelações publicadas, e pelas quais ficamos sabendo que o cardeal banido de Boston pela sua inanição diante dos crimes foi para um alto cargo no Vaticano. (VERISSIMO, ESTADO DE S. PAULO, 21/01/2016)

Para o escritor, a tradição da corrupção e do acobertamento na cidade permanecem. Tanto que Verissimo chama de grande monstruosidade o processo de acobertamento da igreja, da mídia, que a princípio dá grande importância ao caso, e até mesmo político, na história narrada por **Spotlight**. A perseguição reacionária aos comunistas construiu uma face de vilão ao movimento ideológico; da mesma forma que a igreja criou uma face de bem-feitora ao redor do clero bostoniano, em busca de disfarçar o processo de aliciamento de menores ocorrido nas sacristias.

No texto "*A Oposição*", o autor discorre sobre os filósofos ocidentais poderem ser divididos entre os que usaram a matemática como referencial para o entendimento do mundo, assim como Platão e Descartes, e aqueles que usaram as motivações humanas para compreender a sociedade. Nesse caso, Verissimo usa entre seus exemplos, Nietzsche, Hegel e Sartre.

Havia o tempo mensurável do matemático sem que o qual a ciência e a,



experimentada por seres em constante devir. O passado e o futuro articulados pela memória e pela imaginação, de maneiras que a ciência não explicava. A literatura contra o cronômetro, o mistério contra a lógica. Os filósofos "matemáticos" não representavam a razão sem alma assim como os outros não partiam, necessariamente, de premissas metafísicas (não se imagina Sartre começando por Deus) mas a oposição ciência/religião era parecida com a oposição cronômetro/literatura. (VERISSIMO, ESTADO DE S. PAULO, 24/01/2016)

Entre os exemplos dados por Verissimo destacam-se dois que podem traduzir os argumentos do cronista nesse texto. São esses Friedrich Nietzsche e Hegel. Nietzsche é conhecido por suas teorias em torno da crítica à religião e à moral humana. Em suas duas obras *Humano, demasiado humano*, de 2000, e *Aurora*, de 1881, o filósofo discorre sobre as duas temáticas. O escritor alemão entende o processo religioso como uma medida anestésica dos males humanos. Ao dizer que Deus está morto, Nietzsche cria seu argumento afirmando que a morte da figura divina não está no ateísmo mas sim no momento em que se deixa de consultá-la a substituindo pela ciência. Sendo assim, ao sentir sua limitação diante de seus seguidores, resta à Igreja criar o sentimento de culpa nos fieis que restaram no rebanho. Esse sentimento é uma fonte de manter o receio em abandonar a fé.

Verissimo lembra em sua crônica que todas as religiões são construções literárias. Histórias épicas de homens que alcançaram a santidade. Em suas obras, Nietzsche aponta que o Cristianismo encontrou solo ideal para o plantio dessa tática em meio daqueles que viviam em situação de miséria e dificuldades. Em contrapartida a todos os males pelos quais eles passavam, o Cristianismo lhes oferecia a possibilidade de salvação na eternidade. Nietzsche também lembra que até mesmo os mártires e os santos, destaques da religião católica, também são marcados por dualidades como a encantadora glória divina e as falhas naturalmente humanas, a culpa e a redenção sagrada. Bons exemplos de oposição.

Georg Hegel (1980) também aborda em seus estudos a religião e a associa com o processo de salvação do mundo profano pelo sagrado. Conforme aponta o autor, a religião constrói um "sublime santuário da verdade onde se dissolvem as ilusões do mundo sensível, [...] dos fins limitados, da esfera das opiniões e do arbítrio" (p. 361). Sendo assim, a concepção religiosa afasta o ser humano de todo o processo pensante e argumentativo. Segundo Verissimo, a ciência, ao contrário da religião, lida com fenômenos sem histórias. O processo científico lida com argumentos e comprovações reais.

O autor também usa o exemplo da mecânica quântica, para pontuar a influência da religião na ciência e vice-versa. Veríssimo explica que, segundo teorias da mecânica, quando uma partícula subatômica é dividida, uma metade, mesmo que distante, afeta a outra parte. Um bom exemplo de interferência é o aumento dos discursos papais sobre anticoncepcionais, por exemplo. Há alguns anos esses assuntos estavam presentes nas pautas do Vaticano em tom de crítica.

Em 2016, conforme destaca a matéria divulgada no dia 20 de janeiro deste ano, no portal **BBC Brasil**, o Papa Francisco pediu aos católicos que não procriassem feito coelhos e que se comportassem de forma responsável. Já no dia 18 de fevereiro, o papa voltou a tocar no assunto sobre gravidez, admitindo que a Igreja Católica permitiria discutir o uso de contraceptivos como forma de controlar a transmissão do Zika Vírus. O papa também pediu aos cientistas que se esforçassem em busca de uma cura para a doença. Ao analisar o processo entre os lados opostos, Veríssimo chega à conclusão que sobram mais argumentos para a religião.

Descobriu-se que há partículas subatômicas imprevisíveis como heróis picarescos e temperamentais como divas. O mundo natural, ai de nós, também tem sua retórica e suas ironias e também pode ser uma narrativa rumo a uma epifania ou mias. Na guerra ciência X religião, a ciência - que diria - dá armas e argumentos para a religião, com a revelação do comportamento nada matemático, ou lógico, de partículas em constante devir. (VERISSIMO, ESTADO DE S. PAULO, 24/01/2016)

O cronista cita os filósofos, do campo matemático e das ciências humanas, como forma de exemplificar há quanto tempo a queda de braço entre ciência e religião acontece. Aqui foram destacados dois dos citados, como forma de apontar as camadas de interpretação que o autor deixa em suas obras. Ao mesmo tempo em que Veríssimo trata a velha briga, também traz, no material escolhido para construir seu texto, mensagens e críticas quanto ao processo doutrinador da igreja. Seja na oferta da salvação pela martirização, na criação de personagens sagrados ou pelo boicote do livre arbítrio, ela ainda nos dias atuais consegue criar um campo de influência na vida humana.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentro do período estudado, as crônicas políticas mostraram-se maioria. Entre os personagens mais citados dentro do cenário político brasileiro, destacaram-se o juiz Sérgio Moro, o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva e a atual presidente Dilma Rousseff. As investigações da Operação Lava Jato serviram de fermento para levantar questões sobre corrupção, abuso de poder, golpes políticos, oportunismo e até mesmo o comportamento do eleitor no país. Ao serem abordados a disputa presidencial e o contexto político-social norte-americano, o republicano Donald Trump e o atual presidente, Barack Obama, ganharam espaço.

Ao tratar de golpes e oportunismo no Brasil, Verissimo trouxe o comportamento dos parlamentares do partido PMDB, que ganharam destaque durante o processo de impeachment de Dilma. Os coadjuvantes tornaram-se protagonistas em meio às acusações feitas pelo deputado Eduardo Cunha ao atual governo e o interesse de Michel Temer em assumir o comando do país.

O processo de crítica e ideologia dá-se a partir de assuntos que a primeiro momento são banais, como as estátuas de bronze de personalidades famosas. É a partir daí que o escritor expõe seus argumentos sobre o comportamento brasileiro diante dos processos políticos. Verissimo destaca a relação do eleitor com os governantes. Seja na idolatria a algum candidato ou até mesmo nos discursos inflamados de oposição, os brasileiros criam em cima de seus políticos a figura do herói. A partir dessa construção ideológica extrema, a população tende a deixar de lado qualquer tipo de deslize ou resquício de erro daquele personagem. A figura que fica no quadro oficial, ou no caso a estátua, será sempre aquela que lhe trouxer maiores benefícios.

Verissimo traz em seus textos uma forte presença opinativa, complementada por experiências pessoais. A sua relação com os Estados Unidos entra em destaque no material pesquisado, devido ao teor das publicações do autor voltadas para as eleições no país.

Donald Trump representa para Verissimo tudo o que é repudiado em um candidato.

Para explicitar isso, são destacados nos textos traços de seu comportamento, como discursos preconceituosos voltados aos imigrantes, seu poder aquisitivo e a identificação que muitos conservadores criaram com o republicano. Trump não é apenas um candidato, ele é a personificação de toda uma sociedade que repete os mesmos comportamentos de séculos atrás.

Para falar de preconceito, Verissimo usa fatos rotineiros, como a premiação do Oscar e a escolha de jogadores no esporte. Como aponta o autor, o mesmo comportamento preconceituoso reflete nas escalões de futebol americano, em que negros não ganham posições de liderança. O cronista também elenca Trump como o magnata símbolo de um capitalismo desigual e desenfreado, característico dos EUA.

O mesmo capitalismo ganha destaque entre os termos mais citados pelo autor ao longo do período estudado. O sistema é criticado de diferentes formas pelo escritor. Seja através de uma relação com o filme *A grande aposta* e o efeito dominó da crise de 2008, como na analogia entre um pudim desandado e a economia brasileira.

Ao falar sobre abuso do poder público, a comparação da Lava Jato com a Inquisição se torna destaque e dá um tom opinativo ao discurso do escritor sobre Moro. O juiz aparece nas argumentações de Verissimo como um opressor, que tende a realizar ações carnavalescas para promover o poder que seu cargo lhe proporciona. Ao falar sobre Lula, Verissimo deixa, nas entrelinhas de seu texto, uma ressalva sobre o legado deixado pelo petista, que se torna relevante, independente das investigações.

Verissimo desenha Moro como um perseguidor dos políticos petistas, já que oferece tratamento mais hostil a estes. O juiz representa todo um sistema que elegeu os petistas como culpados e incitadores de todo o processo de corrupção e desgaste político atual. Nas crônicas, Moro não é apenas um juiz líder de uma operação, ele também é a pauta midiática tendenciosa à crítica ao Governo Federal. Moro é aquele que foi escolhido como herói de muitos que se opõem ao PT. E o PT é o eleito como o fomentador de toda a crise nacional.

Buscou-se aqui neste trabalho esclarecer os questionamentos levantados no início dessa pesquisa quanto à escolha de temas e ao discurso ideológico. Ao analisar as crônicas de Verissimo, podemos destacar alguns pontos que se mostram recorrentes nos textos aqui

estudados. Na maioria das crônicas, o processo de crítica do escritor cria discursos ideológicos em cima de fatos aparentemente banais.

Partimos do conceito de ideologia como conjunto de ideias, valores e costumes compartilhados dentro de um grupo social e que é capaz de influenciar opiniões, decisões e ações. Ao longo da análise, observamos uma unanimidade ideológica nos discursos destacados pelo escritor. Para Verissimo, a política apresenta-se como uma disputa de questões pessoais, seja no momento de escolha do candidato, nas campanhas eleitorais ou nas manifestações populares.

A crítica ao capitalismo e o uso de termos do campo semântico esquerdista como burguesia, poder e comunista deixam explícitos nos textos de Verissimo seu posicionamento ideológico esquerdista. Seja nas críticas aos políticos corruptos, como na escolha de quais personagens serão destaques em seus textos, o cronista lança aos poucos seus argumentos políticos. Em perspectiva nacional, quando Lula ganha destaque por suas realizações políticas, e o juiz Sérgio Moro recebe os traços de inquisidor, deduzimos que por mais legitimidade que, a operação desencadeada pela Polícia Federal possua, a crítica do autor sobrecai em cima do comportamento egocêntrico do juiz, abordado pelo gaúcho como uma espécie de abuso de poder.

Além do valor ideológico, principal marca das crônicas, também foi possível observar que Verissimo compartilha em seus textos seu repertório cultural. Vemos que, em alguns momentos, ele cita filmes, bandas musicais e outros escritores, a fim de ilustrar seus temas.

Também observa-se que o autor usa de recursos literários para criar camadas textuais. O processo crítico se dá a partir do uso de analogias, humor e jogos de sentido entre o que fica explícito e o que se encontra nas entrelinhas, subentendido, à espera que o leitor vá além do que está apresentado no papel. A maioria de suas crônicas, acompanha os fatos de maior destaque da semana na qual foram publicadas, tornando-as assim um relato do momento o qual pertencem.

São essas diferentes camadas que possibilitam mais de uma interpretação. Em uma leitura superficial, ou ao passar os olhos rapidamente pelo texto, entende-se o processo

crítico do escritor de uma certa forma. Ao aprofundar-se na leitura, é possível perceber outras nuances, o que leva o leitor a ter uma outra compreensão daquele material.

Assim, Verissimo constrói seus textos de forma que qualquer leitor não saia de sua viagem literária indiferente. Ainda que ele não chegue ao grau mais íntimo de conversa com o escritor, será possível um entendimento do assunto abordado. Já para aqueles que possuem uma bagagem intelectual maior, será possível entender o que o gaúcho diz por detrás das palavras organizadas em uma lauda.

O material aqui coletado não mostra apenas diferentes camadas de interpretação, muito menos um discurso esquerdista, este também apresenta um relato documental de um período que ficará marcado na história do Brasil. Ainda que nem todas as crônicas fossem focadas em temas nacionais, Verissimo conseguiu relatar de forma literária as situações de destaque como a Lava Jato e o pedido de abertura do processo de impeachment de Dilma Rousseff, liderado por parlamentares do PMDB.

Sendo assim, levanta-se duas questões relacionadas ao presente estudo: qual a importância das crônicas em um momento histórico? Qual o papel das narrativas jornalístico-literárias em períodos de crise política? A crônica possui como principal característica a relação com o tempo, inspirada em fatos cronológicos. Os questionamentos feitos aqui se mostram necessários a partir do momento em que as publicações do escritor apresentaram narrativas que poderão ser utilizadas futuramente em busca de um olhar literário sobre um momento político de destaque. A crônica é um documento narrado em forma de ficção, mas inspirado na vida real.

**REFERÊNCIAS**

ARENDDT, Hannah. **O que é política**. Rio de Janeiro: BCD União de Editoras S.A, 1998.

ARRIGUCCI, Davi Jr. **Fragmentos sobre a crônica**. In: \_\_\_\_. **Enigma e comentário: ensaios sobre literatura e experiência**. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.

BAKHTIN, Mikhail (V. N. Volochínov). **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução: Michel Lahud, Yara Frateschi Vieira; colaboração: Lúcia Teixeira Wisnik, Carlos Henrique D. Chagas Cruz. 11ª edição. São Paulo: Editora Haucitec, 2006.

BARBOSA, Marialva Carlos. **Jornalismo no Brasil: dois séculos de história**. Rio de Janeiro: Editora da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2000.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.

BAUMAN, Zygmunt. **Em busca da política (tradução Marcos Penchel)**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

BELTRÃO, Luiz. **Iniciação à filosofia do jornalismo**. Belo Horizonte: Editora Com Arte, 1992.

BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo interpretativo**. Porto Alegre: Sulina, 1980.

BOBBIO, Norberto. **Esquerda e direita: razões e significados de uma distinção política**. São Paulo: Unesp, 1995.

BORDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

CHAUÍ, Marilena. **O que é ideologia**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1980.

CÂNDIDO, Antonio. **Crônica**. São Paulo: Unicamp, 1992.

CÂNDIDO, Antônio. **Vários Escritos**. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1970.

CAPELATO, Maria Helena. **Os arautos do liberalismo: imprensa paulista (1920 - 1945)**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

COUTINHO, Afrânio. **Introdução à literatura no Brasil**. 8. ed. Rio de Janeiro: Civilização

brasileira, 1986.

DIAS, Luiz Antônio. **Imprensa e poder:** uma análise da ação dos jornais O Estado de São Paulo e Folha de S. Paulo no Golpe de 1964. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

FIGUEIREDO, Celso Ramos . **A escola superior de guerra e o jornal O Estado de São Paulo na passagem do regime democrático para o regime militar.** Afinidades e discórdias ('963- 1965). São Paulo: FFLCH - USP, 2001.

FIORIN, José Luiz. **Linguagem e ideologia.** São Paulo: Ed. Ática, 2007.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. 46 ed. São Paulo: Cortez, 2005.

FRYE, Northrop. **O caminho crítico.** São Paulo: Editora Perspectiva, 1973.

GARGUREVICH, Juan. **Gêneros periodísticos.** Quito: Ciespal, 1982.

HEGEL, George. **Fenomenologia do espírito.** São Paulo: Abril Cultural, 1980.

HERSCH, Jeanne. **Idèologies et réalités.** Paris: Plon, 1956.

HURTIG, Serge. **Science politique and defense.** New York: Harper, 1962.

KUCINSKI, Bernardo e BRANFORD, Sue. **A ditadura da dívida.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

LUCAS, Fábio. **O caráter social da literatura brasileira.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

MARCONDES, Ciro. **Comunicação, mídia e política.** Rio de Janeiro: Editora Rio de Janeiro, 1994.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã.** Martins Fontes, 1980

MARTIN - BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações:** comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro. Editora UFRJ, 1997.

MANNHEIM, Karl. **Ideologia e utopia.** 2a ed. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: Editora Zahar,



1972.

MELO, José Marques de. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis - Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1985.

MOISÉS, Massaud. **A criação literária – Prosa II**. São Paulo: Cultrix, 2003.

MEYER, Marlyse. **Folhetim: uma história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

NEIVA, Érica Michelline Cavalcante. **A crônica no jornal impresso brasileiro**.

Disponível em <[www.unirevista.unisinos.com.br](http://www.unirevista.unisinos.com.br)>. Acesso em: 10 de novembro de 2015.

NIETZCHE, Friedrich. **Humano, demasiadamente humano: um livro para espíritos livres**. São Paulo: Companhia das letras, 2000.

ORTIZ, Renato. **A moderna tradição brasileira**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

POLISTCHUK, Ilana; TRINTA, Aluizio Ramos. **Teorias da comunicação: o pensamento e a prática da comunicação**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

ROSSETTI, Regina; VARGAS, Herom. **A recriação da realidade na crônica jornalística brasileira**. São Paulo: UNirevista Vol. 1, nº 3, 2006.

SÁ, Jorge de. **A Crônica**. São Paulo: Editora. Ática. Col. Princípios, 1985.

SABINO, Fernando. **A mulher do vizinho**. Rio de Janeiro: Sabiá, 1962.

SERRA, Antônio. **O desvio nosso de cada dia a representação do cotidiano num jornal popular**. Rio de Janeiro, RJ: Editora Achiamé, 1980.

SCHEIBE, Roberta. **A crônica e seus diferentes estilos na obra de Humberto de Campos**. Imperatriz: Ética, 2008.

THOMPSON, John. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. Petrópolis: Editora Vozes, 1995.

TAROUCO, Gabriela da Silva; MADEIRA, Rafael Machado. **Partidos, programas e o debate sobre esquerda e direita no Brasil**. Revista de Sociologia Política. Volume XXI,

número 45, março de 2013.

VERISSIMO, José. **Teoria, crítica e história literária**. São Paulo: Editora da universidade de São Paulo, 1977.

VERISSIMO, Luis Fernando. **Ed Morte e outras histórias**. Rio de Janeiro: Círculo do Livro, 1979.

## ANEXOS

### ANEXO A - CRIADORES

Luis Fernando Verissimo

03 Janeiro 2016 | 02h 00 - Atualizado:01 Janeiro 2016 | 22h 17

O doutor Victor Frankenstein finalmente procurou um advogado. Que o recebeu com surpresa, e depois se desculpou:

- É que eu vi o nome “Frankenstein” na minha agenda e pensei...
- Que eu era o monstro, não é? Todo mundo se engana. Frankenstein sou eu, não o monstro que eu criei. Ele não tem nome, mas se apresenta como “Frankenstein”, e está fazendo uma carreira artística de sucesso, ganhando muito dinheiro. Com o meu nome! É sobre isso que vim consultá-lo.
- O senhor quer que...
- Que ele pare de usar o nome “Frankenstein”. E me pague por ter usado o nome sem minha permissão, todos esses anos. Quero meus direitos de criador! Fui eu que juntei e costurei as partes do seu corpo, fui eu que dei vida ao monstro. Tudo sem receber um tostão! Ou, ao menos, um “muito obrigado”.
- Vamos ver o que se pode fazer - disse advogado.

Semanas depois, o dr. Frankenstein foi chamado ao escritório do advogado. Que lhe deu a notícia:

- A questão da sua ação contra o Frank... Digo, contra o monstro que usa o seu nome, se complicou.
- Como?
- Apareceu outra pessoa que se diz criadora do monstro. Aliás, ela alega que criou o senhor também.

– O quê? Quem é essa impostora?

– O nome dela é Mary Shelley. Escritora. Ela diz que inventou o senhor e que o senhor inventou o monstro, portanto ela se considera criadora dele também. E também reclama que nunca recebeu nada dele.

– Não podemos fazer um acordo com ela? Dividir os direitos de criação, qualquer coisa assim?

– Vamos ver o que se pode fazer – disse o advogado.

Foi feito o acordo com Mary Shelley. Mas...

– Surgiu outro que se diz criador – disse o advogado.

– Quem? – perguntaram o dr. Frankenstein e Mary Shelley, em uníssono.

– Deus.

– Deus Nosso Senhor? Criador do Céu e da Terra?

– O mesmo. Ele diz que guiou a mão de Mary Shelley, quando ela escreveu o livro. Que guia a mão de todos os artistas. E que dá vida a todas as criaturas, monstruosas ou não.

– E Ele quer receber os direitos de criação também?

– Quer, mas está disposto a conversar. O que vocês acham?

– Sei não..., disse Mary Shelley

E o dr. Frankenstein:

– Não se estaria criando um precedente?

## ANEXO B - EM BRONZE

Luis Fernando Verissimo

07 Janeiro 2016 | 02h 00 - Atualizado:07 Janeiro 2016 | 02h 43

O Millôr tinha uma tese sobre a construção de túneis na China. Dizia que 10 mil chineses começavam a cavar de um lado da montanha e 10 mil chineses começavam a cavar do outro lado. Quando se encontravam formavam um túnel. Se não se encontravam, formavam dois túneis. Seria um exemplo de erro que acaba bem.

Agora imagine o seguinte: a inauguração de uma estatua de bronze em tamanho natural do Carlos Drummond de Andrade na calçada de Copacabana. A estátua está coberta por um pano, que só será descerrado quando chegarem as autoridades, a imprensa etc. Chegam todos, e começa a solenidade. Discursos, música. E, finalmente, a descoberta da estátua, sob aplausos. Até que alguém diz:

– Mas esse não é o Drummond!

– Como que não?

– É o Manuel Bandeira!

Isto não aconteceu, claro, mas o poeta errado seria exemplo de um engano irremediável, um engano em bronze. E, citando outro poeta, o Mario Quintana, um erro em bronze é um erro eterno.

A História tem o mau hábito de perpetuar suas figuras em enganos, ou no mínimo em clichês reincidentes. Durante muito tempo, qualquer matéria sobre Albert Einstein que saía na imprensa vinha acompanhada daquela foto dele botando a língua. Para muita gente, Einstein não era o autor da teoria da relatividade, era aquele velhinho com a língua pra fora.

Figuras da nossa história política também foram reduzidas a categorizações fáceis, e imprecisas. Juscelino, segundo o clichê, foi o presidente que galvanizou o país com seu desenvolvimentismo alegre. Pouco se fala do seu papel na história da corrupção brasileira também.

Jânio Quadros foi um maluco, e pronto. Alguns nomes resistem à categorização rápida. Carlos Lacerda foi um exemplo de administrador moderno ou um golpista inveterado, ou as duas coisas? E a própria História não sabe o que dizer de Getúlio Vargas, que foi o nosso grande emancipador social ou um ditador filo-fascista irredimível, a escolher. Que Getúlio, afinal, ficou em bronze?

## ANEXO C - O DRAGÃOZINHO NA COXA

Luis Fernando Verissimo

10 Janeiro 2016 | 02h 00 - Atualizado:10 Janeiro 2016 | 02h 00

Trabalhavam juntos num laboratório. Nunca tinham se visto sem os jalecos brancos que usavam no trabalho. E um domingo se encontraram na praia. Ela de biquíni, ele de sunga. Do jaleco que cobria tudo para a seminudez, sem etapas intermediárias.

Ele já a imaginara nua, claro. E vice-versa. Imaginavam o que haveria por baixo do jaleco que cobria tudo. Normalmente, levariam tempo para descobrir. Seria um pouco como a exploração de Marte: primeiro teriam que construir um foguete, depois um robô, depois colocar o robô na superfície de Marte, depois esperar que o robô começasse a mandar fotos do que havia sob o jaleco de Marte...

Teriam que analisar as fotos com cuidado, para não haver enganos. Aquilo era uma sombra ou uma cratera? E aquilo, seriam pegadas? Um longo e lento processo. Mas ali, na praia, de repente, tinham toda a informação que queriam da superfície um do outro. Sem ter que esperar. O que era estranho. Até meio antinatural. Dois seminus não conversam como dois de jaleco.

Examinaram-se.

Ele: “Nada mau. Grandes seios, quem diria. Barriguinha, mas no limite do aceitável. Meu Deus, aquilo é uma tatuagem?”.

Ela: “Podia ser pior. Pernas finas, mas tudo bem. Iih, ele viu a tatuagem”.

Ele: “O que significa uma tatuagem ali? Nada, todas têm tatuagem, hoje em dia. Mesmo as patologistas. Mas ali? Parte de dentro da coxa? Perigo. Perigo”.

Ela: “Ele vai dizer alguma coisa sobre a tatuagem? Eu deveria dizer? É brincadeira, sai lavando. Não. Melhor ficar quieta. Melhor dizer alguma coisa”.

- Você vem sempre aqui?

- Venho, venho. Domingos. Quando dá sol.

- Eu também.

E pronto. Não conversaram mais, não combinaram mais nada. Afastaram-se, e ele nem se virou para examiná-la por trás. Era melhor só voltarem a se encontrar no laboratório. Como se nada tivesse acontecido. Como se nada tivesse sido visto, nem o dragãozinho tatuado na coxa. Recomeçar a amizade de jaleco e deixar que o que tivesse que acontecer, acontecesse normalmente. Na exploração de Marte também é assim: tem que ser por etapas. Ninguém deve se precipitar. Para não haver o risco de um desastre. Ou de confundirem uma rocha com uma tartaruga.



## ANEXO D - DRONES

Luis Fernando Verissimo

14 Janeiro 2016 | 02h 00 - Atualizado: 13 Janeiro 2016 | 19h 10

Já contei que, morando na Califórnia na época da Segunda Guerra Mundial, com 7 anos de idade e influenciado pelo noticiário e pelo clima de guerra, comecei a matar alemães e japoneses imaginários nos meus jogos solitários com tanta fúria que meu pai se preocupou. Fui levado a um médico, que me contou que as tropas aliadas estavam fazendo um bom trabalho matando inimigo e não precisavam da minha ajuda, pelo menos não tão entusiasmada. Não parei com os massacres. O resultado do episódio foi que me tornei um pacifista para o resto da vida, mas meu maior problema então, aos 7 anos, era a qualidade do armamento com que contava para minhas missões no Norte da África e nas selvas do Pacífico. Minha metralhadora era uma réplica perfeita de uma metralhadora de verdade, mas não disparava balas, só fazia barulho. Meu capacete era igual aos capacetes do exército americano, mas para criança. Minha pistola 45 só serviria para assustar o inimigo – também não disparava balas reais. Ah, se eu tivesse um lança-chamas que lançasse chamas. Uma bazuca. Um tanque. Um avião! Os alemães e os japoneses teriam se rendido muito mais cedo.

Tenho visto anúncios de “drones” que podem ser comprados por qualquer um. Imagino que sejam iguais aos que estão sendo usados no Oriente Médio, para escolher alvos e guiar mísseis. Há tempo que qualquer um pode comprar armas de guerra reais, mas esta é a primeira vez que uma arma com a sofisticação letal do “drone” – a arma do futuro, da guerra teleguiada, do combate por painéis de controle, o máximo de estragos com o mínimo de risco – é oferecido ao público como um 45 de plástico.

Claro que “drone” não é só para guerra. Serve para espiar o quintal do vizinho, até para entrar pela janela e assustar a vizinha no banho. Pode-se pensar – por exemplo – numa versão atualizada de Romeu e Julieta: Julieta na sua sacada no vigésimo andar recebe a visita do “drone” controlado por Romeu a quilômetros de distância. Nada poético, é verdade. Mas o que sobrou de poético hoje em dia?

O fato é que, com um “drone” em casa, você está equipado como um exército moderno. Ah,

eu com um “drone” nos meus 7 anos...

## ANEXO E - XORORÔ

Luis Fernando Verissimo

17 Janeiro 2016 | 02h 00

O Pedrão é o mais velho do time e, só por isso, o capitão. Acha que a principal função de um capitão é pressionar o juiz, e que juiz deve ser pressionado sempre. Tem que ouvir reclamações quando apita qualquer coisa, certo ou errado. E o encarregado de reclamar é o capitão. Respeitosamente, alto nível. Mas sempre.

Segundo Pedrão, o juiz precisa saber que estão de olho nele. Que ele não está enganando ninguém. E a missão de expressar essa desconfiança constante e implacável é do capitão. Que, afinal, também é uma autoridade em campo. Uma autoridade menor, mas autoridade. Por isso, as torcidas se acostumaram a ver o Pedrão conferenciando com o juiz, às vezes longamente. Alguns juízes não querem conversa e mandam o Pedrão se afastar. O Pedrão se afasta, mas reclamando.

E quando o juiz é estrangeiro? Em que língua o Pedrão reclama? Que se saiba, o Pedrão é monoglota convicto. Como ele faz? Um dia, o Pedrão contou, para um grupo de amigos. Com instruções para jamais revelarem seu segredo. Não importava se o juiz era brasileiro, castelhano, alemão ou coreano. Quando pressionava o juiz, o Pedrão só dizia “Xororo”. Nenhuma palavra inteligível, só “xororo, xororo, xororo”.

O importante não eram as palavras, era a cena. Era o juiz se sentir pressionado e a torcida ver o Pedrão pressionando o juiz, cumprindo sua obrigação de capitão, “Xororo, xororo, xororo”, só variando o tom e gesticulando muito. Alguns juízes já conheciam o Pedrão e quando ele se aproximava diziam “Ih, lá vem xororo”. Outros davam risada. Mas alguns não entendiam. Diziam “O quê?” E o Pedrão: “Xororo, xororo, xororo”.

– O quê?!

– Xororo, xororo, xororo.

Sempre com muito gesto.

Um dia, contou o Pedrão, o juiz era da Guatemala. Dois minutos de jogo, falta contra o time do Pedrão. O juiz em cima: piii!. E o Pedrão em cima do juiz: “Xororo, xororo, xoro...”. Não completou sua argumentação. Foi expulso de campo antes do último “ro”. Cartão vermelho. O juiz da Guatemala dando pulos. Se houvesse cartão roxo, mostraria o roxo.

Até hoje, o Pedrão não sabe o que quer dizer “xororo” na Guatemala. Imagina que seja algo envolvendo a mãe ou algum exótico hábito sexual. Hoje, antes do “xororo”, ele testa o juiz, recitando um verso de música sertaneja ou um trecho do hino nacional para ver sua reação. Mas sempre gesticulando.

## ANEXO F - NA CAMA

Luis Fernando Verissimo

21 Janeiro 2016 | 02h 00

Contam que o reacionário voltou de uma viagem antes do previsto e encontrou sua mulher na cama com outro homem.

– Quem é esse? – perguntou o reacionário.

– É o comunista – respondeu a mulher

– O quê?!

– Você não olha embaixo da cama todas as noites, para ver se não tem um comunista escondido?

– Olho.

– Pois hoje, como você não estava aqui, eu mesmo olhei.

– E aí?

– Tinha.

Boston. Fica-se sabendo pouco sobre a vida privada dos repórteres que investigam os casos de pedofilia acobertados pela Igreja Católica, no filme *Spotlight – Segredos Revelados*. Talvez para não desviar nossa atenção do que interessa, as idas e vindas, magnificamente filmadas, da investigação em si. A mesma preocupação em fixar-se na trama deve explicar a ausência de maiores detalhes sobre o que significava, em termos de audácia jornalística e pura coragem, enfrentar o assunto – que começou municipal antes de se tornar internacional – em Boston, o epicentro de uma certa cadeia de cumplicidades (tradicional corrupção política abençoada por uma igreja conservadora e poderosa, tudo quase absolvido pela simpatia irlandesa), de cuja força só se tem pequenos vislumbres, no filme. Foi em Boston que começou a dinastia dos Kennedy, com o patriarca Joseph, notoriamente ligado ao crime organizado e que, dizem, comprou o cargo de embaixador americano em Londres para si e,

depois, a presidência dos Estados Unidos para o filho John. Seu filho mais moço, Edward, acabou sendo um representante de outra tradição política da Nova Inglaterra, onde fica Boston: a do engajamento social. Edward deixou um respeitável currículo de esquerda, como senador. Mas Joseph Kennedy personificou como ninguém a aristocracia bostoniana, devota e criminosa, que o filme, de certa forma, poupa.

O melhor de *Spotlight* é que a investigação é o filme. Assim como pouco vemos vida pessoal dos investigadores, não vemos nenhum “flashback” com cenas de sedução de menores. Não há vilões na trama. O que vemos são as vítimas, as consequências. O filme não precisa de monstros – a grande monstruosidade é o acobertamento. E o maior escândalo mostrado pelo filme vem no fim, nas legendas que mostram o desdobramento das revelações publicadas, e pelas quais ficamos sabendo que o cardeal banido de Boston pela sua inanição diante dos crimes foi para um alto cargo no Vaticano.

## ANEXO G - A OPOSIÇÃO

Luis Fernando Verissimo

24 Janeiro 2016 | 02h 00

Segundo o crítico George Steiner, os filósofos ocidentais poderiam ser divididos em dois times: os que, como Platão, Descartes, Spinoza, Pascal e Wittgenstein, entre outros, usaram a matemática como referência para entender o mundo e deram mais valor a códigos e padrões do que ao discurso e à especulação, e os que, como Aquinas, Hegel, Nietzsche, Heidegger e Sartre foram fundo nas motivações humanas e preferiram a História e suas surpresas às equações e suas certezas. No fim o que os diferenciava era o modo de encarar o tempo.

Havia o tempo mensurável do matemático sem o qual a ciência e a tecnologia seriam impossíveis, e o tempo como “durée”, ou duração, experimentada por seres em constante devir. O passado e o futuro articulados pela memória e pela imaginação, de maneiras que a ciência não explicava. A literatura contra o cronômetro, o mistério contra a lógica. Os filósofos “matemáticos” não representavam a razão sem alma assim como os outros não partiam, necessariamente, de premissas metafísicas (não se imagina Sartre começando por Deus) mas a oposição ciência/religião era parecida com a oposição cronômetro/literatura.

Todas as grandes religiões são construções literárias, narrativas episódicas e histórias de homens santos ou a caminho da santidade, e seu devir no mundo. Já a ciência lida com reincidências, com fenômenos sem história e sem desenlaces, com o que é e não com o que acontece. Mas isto mudou com o surgimento da teoria e das subsequentes experiências com a mecânica quântica, quando a ciência subitamente, fascinadamente, adquiriu características literárias.

Descobriu-se que há partículas subatômicas imprevisíveis como heróis picarescos e temperamentais como divas. O mundo natural, ai de nós, também tem sua retórica e suas ironias e também pode ser uma narrativa rumo a uma epifania ou mais. Na guerra ciência x religião, a ciência – quem diria – dá armas e argumentos para a religião, com a revelação do comportamento nada matemático, ou lógico, de partículas em constante devir. Impossíveis de serem cronometradas.

Uma das revelações mais intrigantes da mecânica quântica é a de que quando uma partícula subatômica é dividida e vai cada metade para um lado, o que acontece com uma metade afeta a outra, mesmo que estejam a grande distância uma da outra. Neste caso, a ciência apenas chegou onde a literatura já tinha estado, com histórias de gêmeos com a mesma sincronia a distância. Ponto para o mistério.



## ANEXO H - ANALOGIAS

Luis Fernando Verissimo

28 Janeiro 2016 | 02h 00

Cem advogados brasileiros assinaram um manifesto comparando aspectos da Operação Lava Jato em curso com métodos da Inquisição. A palavra “neoinquisição” é usada, entendendo-se que a clara referência é à ação do Santo Ofício contra inimigos da Igreja e possuídos pelo demônio, na Idade Média. Descontando-se tudo que cerca o manifesto publicado - as razões de cada signatário e a procedência ou não do seu protesto, e até os exageros da retórica -, é curioso que a analogia escolhida para os excessos da Lava Jato tenha sido a Inquisição. O manifesto deu um pulo no tempo, para trás, por cima de todas as outras comparações cabíveis, como regimes de exceção recentes, e preferiu chamar o juiz Moro e seus comandados de caçadores de hereges e bruxas.

Desconfio que não usaram a analogia mais óbvia, com métodos fascistas, porque “fascista” foi vulgarizado como xingamento político entre nós. Esquerda e direita se acusam mutuamente de fascismo, tanto que a palavra perdeu todo sentido. De qualquer maneira, o manifesto dos advogados não precisava ir tão longe para buscar um exemplo de arbitrariedade e descaso por direitos legais. Tinham exemplos bem mais próximos, no tempo e no espaço.

Carnaval. Eu ia começar este parágrafo com a frase “No meu tempo...”, mas me contive: nada espanta leitores como começar um parágrafo com “no meu tempo”. Mas a proximidade do carnaval me fez pensar no tempo em que todos os anos, por esta época, já se conheciam as músicas “de carnaval” novas. A maioria das músicas tinha vida efêmera, eram cantadas no carnaval do ano e depois esquecidas, mas algumas ficavam e se tornavam clássicas. E me lembro de quando as músicas de carnaval começaram a perder sua inocência. Até então, nenhuma letra “de carnaval” tinha duplo sentido, a não ser que você descobrisse alguma alusão escondida no Pirata da Perna de Pau. E, então, não me lembro se no mesmo ano - me acuda, Ruy Castro - apareceram duas marchinhas seminais, que mudaram tudo. Uma era a Índio Quer Apito, baseada numa anedota safada. E a outra tinha o seguinte refrão: “Não importa que a mula manque, o que eu quero é rosetar”. Não entendi o que a letra significava,

mas não tive a menor duvida de que era bandalheira. Ainda não sei bem o que é rosetar, mas sei que cada vez se roseta mais no carnaval.

## ANEXO I - O FUTURO QUE NÃO VEIO

Luis Fernando Verissimo

31 Janeiro 2016 | 02h 00

Se todas as previsões feitas no passado sobre como seria a vida hoje dessem certo, cada um de nós teria um helicóptero – ou coisa parecida – na garagem, e para viagens mais longas só usaríamos aviões supersônicos. Os Volkswagens voadores não vieram, para não falar nas megalópoles superorganizadas com calçadas rolantes num mundo em paz permanente e sem pragas, mas o Concorde parecia ser um sinal de que pelo menos parte da visão se cumpriria, mesmo com atraso. Era um protótipo que, com o tempo, se aperfeiçoaria e se democratizaria. Seus defeitos eram desculpáveis, tratando-se de um protótipo. Fora as críticas irrelevantes (sim, querida, o caviar é Beluga, mas com a granulação errada), o pior que se dizia de uma viagem no estreito Concorde, com suas poltronas apertadas, era parecido com o que aquele inglês disse do ato sexual: o prazer é fugaz e a posição é ridícula. Tudo isso seria corrigido com o tempo, inclusive o seu maior defeito, o preço das passagens, só acessível a quem distingue o grão do caviar. Mas o Concorde acabou antes de poder ficar viável. E o que se chora não é o fim de uma máquina muito cara e talvez desnecessária, mas de um sonho: o que a vida poderia ser, se todas as possibilidades abertas pela ciência e a tecnologia depois da Primeira Guerra Mundial tivessem dado em outro mundo.

As idílicas previsões dos anos 20 e 30 pressupunham um progresso da natureza humana comparável ao da sua técnica. Não aconteceu. No fim o que a gente mais sente falta, do passado, é o futuro que ele previa. O Concorde podia ser só uma extravagância feita para você poder almoçar em Paris e almoçar de novo em Nova York. Acabou como símbolo do fim prematuro de um século que só ficou na imaginação.

Mas, enfim, o futuro previsto no passado não incluía uma palavra, uma pista, uma sugestão que fosse (fora, talvez, o rádio de pulso do Dick Tracy) da grande revolução que viria e ninguém sabia, a da informática. Quer dizer, já era um futuro obsoleto.

E, pensando bem, a substituição da máquina de escrever pelo computador não afetou muito o que se escreve. Quer dizer, existe toda uma geração de escritores que nunca viram um

tabulador (que, confesso, eu nunca soube bem para o que servia) e uma literatura pontocom que já tem até os seus mitos, mas mesmo num processador de texto de último tipo ainda é a mesma velha história, a mesma luta por amor e glória botando uma palavra depois da outra com um mínimo de coerência. Como no tempo da velha pena de ganso.

## ANEXO J - HISTÓRICOS

Luis Fernando Verissimo

04 Fevereiro 2016 | 02h 00

A eleição do novo presidente americano em novembro se encaminha para ser tão histórica quanto foi, há oito anos, a eleição do Barack Obama, um afrodescendente (de primeira geração, seu pai era africano) nascido no Havaí. O Baraca está chegando ao fim do seu segundo mandato e, nos Estados Unidos, ainda tem gente que discute se sua biografia não foi forjada e se ele tinha condições legais de ser presidente, tamanha a reação àquele fato impensável, um negro na Casa Branca.

Se Hillary Clinton for escolhida como candidata do Partido Democrata à eleição, será a primeira vez na história que uma mulher chega tão alto na política americana. Já o mesmo ineditismo não se aplica à candidatura de Bernie Sanders pelo mesmo partido.

Outros socialistas, com ou sem aspas, como ele já chegaram perto da presidência, notadamente Eugene Debs, que, no começo do século passado, mobilizou sindicatos e outros insatisfeitos com o capitalismo selvagem que rugia na época e alcançou votações respeitáveis em duas eleições presidenciais.

Outros candidatos progressistas ou francamente esquerdistas que passaram do traço nas pesquisas de intenção de voto foram Robert La Follette e Norman Thomas. Este último foi o candidato do Partido Socialista da América em seis eleições consecutivas. Teve a má sorte de ser contemporâneo de Franklin Roosevelt, que, na presidência, com suas medidas econômicas contra a recessão e sua legislação social, apelidadas de “New Deal”, sequestrou o voto de esquerda e tornou-se imbatível.

A novidade da candidatura de Sanders é, antes de mais nada, ter chegado onde chegou, muito mais longe do que os “progressistas” de antanho (está praticamente empatado com a Hillary nas pesquisas) e o fato de a sua pregação contra a desigualdade e o poder de Wall Street ter encontrado ressonância entusiasmada – esta sim, inédita – entre os eleitores mais jovens. Um crítico declarado do capitalismo na Casa Branca seria sem dúvida histórico.

Donald Trump na Casa Branca não seria inédito. Uma presidência pela qual já passaram Richard Nixon e George Bush, só para ficar em recentes, não tem nenhum tipo de seriedade a ser ameaçada por outro bufão. Trump eleito seria histórico porque ele incorpora tudo que é lamentável na política – do poder do dinheiro à demagogia mais rasteira – na forma de autocaricatura, mas diz a verdade: se o que acontece na Casa Branca não nos afetasse tão diretamente, a perspectiva de Trump e sua cabeleira dourada na presidência não seria a mais divertida de todas?

## ANEXO K - FOFO

Luis Fernando Verissimo

07 Fevereiro 2016 | 02h 00

No dia em que completaram 35 anos de casados, Valdir perguntou a Eunice:

– Posso lhe pedir uma coisa?

– Claro, fofo.

– Não me chama mais de fofo.

– Ai, fofo! Por quê?

– Porque eu não quero mais.

– Mas fofo...

– É ridículo.

– É um apelido carinhoso. Por que você nunca reclamou, antes?

Era verdade. Todos aqueles anos sendo chamado de fofo, desde o tempo de namorados, e Valdir nunca se queixara. E agora aquela rebelião.

– É o efeito cumulativo, entende? – disse Valdir, sem certeza se “cumulativo” estava certo. – Não quero mais.

– Mas todo o mundo chama você de fofo.

– Chamam porque você chama. É gozação. Devem rir muito de nós, nas nossas costas. Devem pensar que eu também chamo você de fofa, na intimidade. Para eles, somos “os fofos”.

– Você nunca me chamou de fofa.

– Porque nós não somos fofos, Eunice. Somos de uma raça cheia de defeitos, condenada ao desespero e à morte, sem nada que nos salve. Nosso caráter é inconfiável, nosso destino é

trágico, somos tudo menos fofos.

– Valdir, eu nunca vi você amargo assim!

– Pois agora está vendo como eu não sou fofo. Ninguém é fofo.

– Mas você não acha que a gente deveria... deveria...

– Deveria o que, Eunice?

– Deveria viver como de fôssemos fofos? Pelo menos um para o outro?

– Você quer dizer viver uma mentira?

– Não, mas também não desistir. Se fingir de fofos para não acabar desse jeito, amargos como você, depois de 35 anos.

– A vida é um absurdo e nada faz sentido.

– Viu só como você ficou, fofo?

– Fofo não.

– Como é que eu posso chamar você, então?

– Dico.

– Dico?!

– Era como a minha mãe me chamava...

Dico. E olha aí, você ficou comovido! Que fofura.



## ANEXO L - JOGO SECRETO

Luis Fernando Verissimo

11 Fevereiro 2016 | 02h 00

Alguém já disse que “rúgbi” é o futebol americano pra homem. Os dois são esportes violentos, mas os jogadores de “rúgbi” não usam nenhum tipo de proteção, enquanto os do “football” se protegem dos capacetes de astronauta aos pés. A piada é um pouco injusta. Apesar da proteção, jogadores de futebol americano se machucam com mais frequência do que os de “rúgbi”, e são tantas as consequências dos choques constantes durante uma partida, e as sequelas neurológicas que perseguem ex-jogadores, que já se cogitou até de proibir o esporte.

O “Super Bowl” do último domingo foi um jogo feio, truncado, que ainda teve que competir, como espetáculo, com o show do intervalo e as coxas da Beyonce. Mas foi uma boa amostra da violência do esporte, tanto que sua melhor figura foi o defensor dos “Broncos” que conseguir chegar mais vezes ao “quarterback” dos “Panthers” e, literalmente, o patolar. O “quarterback” é quem determina, por sua conta ou obedecendo a instruções do técnico, que tipo de jogada será tentada, se ele fará um passe ou dará a bola para um subalterno carregar através das linhas inimigas. É o intelectual do time e, como qualquer intelectual, precisa de tempo e tranquilidade para pensar no que fazer. Os armários alinhados na sua frente estão ali para lhe garantir o tempo e a tranquilidade, que no domingo, para o “quarterback” dos “Panthers”, nunca vieram.

Os armários encarregados de proteger o “quarterback” e fazer o trabalho pesado do time são, geralmente, afrodescendentes. Até há pouco tempo, nenhum “quarterback” num time de futebol americano era afrodescendente. Era uma tradição nunca claramente explicitada, mistura de estereotipagem racial e pura discriminação, consciente ou inconsciente. Hoje, ainda é raro ver-se um negro na posição. E uma dessas raridades é Can Newton, não apenas o “quarterback” dos “Panthers”, mas a sua principal estrela, com comportamento de estrela. No Super Bowl de domingo aconteceu outro jogo, secreto, implícito. De um lado Peyton Manning, um “quarterback” branco clássico, em fim de carreira. No outro o brilhante Can Newton, negro, segundo muitos um modelo para um novo tipo de “quarterback”. A tradição

conta os novos tempos. Ganhou a tradição.

## ANEXO M - NA TV

Luis Fernando Verissimo

14 Fevereiro 2016 | 02h 00

O filme era uma daquelas comédias “para toda a família” que os americanos fazem melhor do que ninguém. Vi na TV até o final só porque o controle remoto estava longe e deu preguiça de ir pegá-lo para mudar de canal. E o final do filme era uma Natividade, encenada no auditório da escola por crianças, todas adoráveis. Maria, José, o bebê na manjedoura, os reis magos com suas barbas postiças, etc.

A representação acabava com Maria dirigindo-se à plateia:

– Foi assim que veio ao mundo o meu filho Jesus.

José a corrige:

– O NOSSO filho Jesus....

Maria:

– É o que você pensa...

O humor irreverente pode aparecer onde menos se espera, até para toda a família.

Donald J. Jimmy Fallon apresenta o Tonight Show na TV americana. É um apresentador competente, um pouco empolgado demais, mas engraçado. Ele tem feito imitações do candidato a candidato à presidência dos Estados Unidos Donald J. Trump, o que não é muito difícil, o Trump de verdade já é uma piada. Na outra noite, o “Trump” interpretado por Fallon explicou o significado do “J” no seu nome:

– E de “jênio”.

Amigos. O filme do Ettore Scola sobre Fellini, reapresentado na TV há dias, tem várias coisas saborosas, a escolher. Mistura tomadas reais e encenadas de Fellini e seu trabalho e da

amizade dos dois diretores desde o tempo em que Scola era um chargista de jornal e Fellini começava no cinema, inclusive fazendo pontas como ator. Há uma sequência fantástica dos testes que Fellini fez para escolher o ator que faria o papel de Casanova. Os testados foram Alberto Sordi, Ugo Tognazzi e Vittorio Gassman, cada um improvisando para Fellini ver, um mais inseguro e canastrão do que o outro. Curiosamente, Fellini nem pensou em Marcello Mastroianni – seu alter ego idealizado – para fazer Casanova, que acabou sendo Donald Sutherland. O próprio Scola desagrovou Mastroianni e o colocou como Casanova no seu filme *A Noite de Varennes*. Outra ótima cena é a da filmagem da Anita Ekberg entrando na Fontana de Trevi, uma das sequências inesquecíveis de *A Doce Vida*. Fellini é apresentando a “um coronelo” que se declara extasiado por estar conhecendo “o grande Rossellini”... Nota biográfica: eu estava em Roma na ocasião e assisti a parte da filmagem da cena na Fontana. Não, não apareço no filme. Que termina com o velório de Fellini, seu caixão ornamentado cercado de guardas em uniforme de gala, num dos estúdios da Cinecittà. Mas na versão do Scola, Fellini foge do seu velório. Sai correndo, perseguido pelos guardas, e acaba num carrossel, cercado pelas suas lembranças e pelos seus personagens. Com música, claro, do Nino Rota.

## ANEXO N - ALÉM

Luis Fernando Verissimo

18 Fevereiro 2016 | 02h 00

"Para o infinito – e além!"

(Buzz Lightyear, boneco astronauta do filme ‘Toy Story’.)

“Não entendi nada, mas adorei” deve ter dito muita gente depois de ver o filme “A grande aposta”, sobre os meandros e as matreirices de um sistema financeiro descontrolado.. A mesma frase serve para uma composição do Schoenberg ou uma tira do Laerte: entender não é condição para gostar. A prova de que as ondas gravitacionais previstas por Einstein há cem anos existem mesmo encheu de entusiasmo os responsáveis pela prova, o que é natural, mas também quem não tem a menor ideia do significado da descoberta. Estes personalizaram sua admiração e festejaram o desagravo ao Einstein, que, aparentemente, sabia tudo. Nos fez bem a revelação que o simpático velhinho era mais fera do que se supunha.

Mesmo sem um curso intensivo sobre títulos, hipotecas temerárias e etc. você sabe que a possibilidade sempre presente de fraude bancária afeta, direta ou indiretamente a sua vida. Você “entende” o que está acontecendo em “A grande aposta” mesmo sem entender o vocabulário. A precariedade retratada, no filme, do sistema que, afinal, manda no mundo, deve assustar mesmo quem nunca entrou num banco. Já a nossa ignorância do que acontece no Universo só aumentava com cada nova descoberta. Aceitamos a ideia de um Universo em expansão infinita - ou, talvez, até que comece uma implosão, de volta ao big bang que nos pariu – e nos resignamos às suas leis obscuras, à excentricidade das suas partículas subatômicas e aos limites da nossa capacidade de explicar tudo isso – e de repente surge a possibilidade de haver um “além” além do que se conhece, além do infinito, como previu o Buzz Lightyear. Dizem que com as ondas gravitacionais temos agora uma maneira de auscultar o Universo e ouvir seus segredos. Vá entender.

O que a descoberta das ondas tem e ver com o nosso pão e manteiga de cada dia?. A mãe do

Woody Allen se irritava quando ele, ainda garoto, dizia se angustiar com o destino do Universo, e perguntava “O que você tem a ver com o Universo?” antes de lhe dar um tapa. É melhor não ter nada a ver com o Universo. Ele lá e nós aqui. Como estamos no mundo só de passagem, o Universo realmente não nos diz respeito. É como festa na casa do vizinho. Mas dizem que as ondas podem trazer sons inimagináveis do passado, além do choque de buracos negros e estrelas. Sussurros, gemidos, trechos de batalhas e de operas, Ed Lincoln e seu conjunto... E o próprio big bang, o pum inaugural.

## ANEXO O - CASAIS

Luis Fernando Verissimo

21 Fevereiro 2016 | 02h 00

Casal numa mesa de restaurante. Enquanto esperam a comida, cada um olha o seu celular. Não se falam. O tempo passa. Então:

– Que coisa triste – diz o homem.

– O quê?

– O que postaram aqui no meu celular. Um casal numa mesa de restaurante, os dois entretidos com seu celular e nem se olhando.

– Deixa ver...

O homem vira a celular para a mulher ver.

– Triste mesmo. Serão casados?

– Certamente. Namorados não ficam assim. Se fossem namorados estariam de mãos dadas, olhos nos olhos. São casados. E há tempo.

– Como é que um casal chega a esse ponto? Cada um no seu mundo, longe um do outro...

– Talvez tenham brigado.

– Você acha? Acho que não. Acho que é puro tédio.

– Você tem razão. Tédio. Tédio terminal. Eles não têm mais sobre o que conversar. Já disseram tudo que tinham para dizer, um pro outro.

– Eles não têm mais ilusões a respeito do casamento. Foi bom enquanto durou, agora eles estão só cumprindo a tabela. O amor acabou. Foi cada um para um lado, mas continuam juntos. Talvez por causa das crianças.

– Imagina como será a volta deles para casa. No carro, ela pergunta “o que você achou da comida?” e ele diz “Ahn...”.

- “Ahn”, você acha?
- Não. Não dirão nada. Nem no carro nem em casa.
- Será que eles ainda fazem sexo?
- Não. Usam o celular. Se deitam na cama lado a lado e ele liga para o celular dela. E pergunta “Você está com vontade?” E ela diz....
- “Ahn.”
- O quê?
- “Ahn.” Significando nada. Nem sim nem não. O som do tédio. O som do amor se esvaziando, como um balão de aniversário. Isso se ela não imitar a voz da operadora e disser “sua mensagem está sendo encaminhada para a caixa postal e estará sujeita a cobrança após o sinal”. O que significará que já estão na fase do sarcasmo, que precede o rompimento total.
- Triste, triste.
- Escuta... E se este for o último jantar deles, antes que um mate o outro?
- Será?
- Eles se odeiam. Não podem mais se ver. Hoje mesmo, um vai matar, o outro vai morrer.
- E as crianças?
- Quem disse que eles têm crianças? Ou ele mata ela, ou ela... Espera um pouquinho
- Que foi?
- Agora vi o homem com mais clareza... E sou eu!
- Você?!
- E a mulher é você! Nos filmaram aqui nos restaurante e me mandaram o filme pelo celular.
- Quem foi?
- Sei lá. Já deve ter ido embora.



– De qualquer jeito, foi bom isto ter acontecido. Fazia tanto tempo que a gente não conversava, né?

## ANEXO P - MISTÉRIO

Luis Fernando Verissimo

25/02/2016 | 02h00

Não faz muito, dizia-se que o melhor negócio do mundo era uma companhia de petróleo bem administrada e o segundo melhor uma companhia de petróleo mal administrada. Hoje, nenhuma companhia de petróleo, bem ou mal administrada, precisa ser uma Petrobrás para se sentir roubada: os preços do sangue negro do planeta não param de cair. Outras commodities de prestígio, como o minério de ferro, também perdem mercado e valor. Está tudo de pernas pro ar, mas o caso do petróleo em baixa é o mais intrigante. É cada vez maior o número de carros queimando gasolina nas ruas do mundo, a questão não é de menos demanda. Fala-se que a desvalorização do petróleo é uma manobra do Ocidente para acabar com a chantagem política dos produtores do Oriente Médio, ainda mais agora que a produção de óleo nos Estados Unidos quase supre o mercado doméstico. De qualquer maneira, não deixa de ser divertido ver uma Arábia Saudita subitamente com problemas de orçamento, em cima de toda aquela riqueza subterrânea tornada hipotética.

Mas, como diz a canção, até as nuvens mais negras têm uma auréola de prata. O ocaso das commodities corresponde a um aumento na produção de celulares e outros efeitos da mudança de hábitos da humanidade, na era da comunicação instantânea e da padronização internacional do consumo. Quando uns perdem outros ganham. Me lembrei do que diziam da Alemanha antes da ascensão do nazismo. A inflação descontrolada na República de Weimar era tamanha que as fraus tinham que ir à feira levando o dinheiro em carrinhos de mão. A economia estava em ruínas, havia miséria e desesperança por todo lado e nenhuma perspectiva de melhora – a não ser por um setor, que prosperava enquanto os outros penavam. Que milagre era aquele? Que gênios conseguiam sobreviver em meio à derrocada? Foram investigar e descobriram que a exceção à penúria geral era a indústria de carrinhos de mão.

Especulava-se sobre o tamanho das reservas de combustível fóssil no mundo, o que estimulava o desenvolvimento de alternativas renováveis e de outras fontes de energia, como o sol e o vento. Tudo no pressuposto de reservas minguantes de petróleo, o que justificava o

preço alto. O que justifica os atuais preços baixos, se não é a política é um mistério. Ou eu é que não estou entendendo mais nada.

Papo vovô. Não gosto de cortar as unhas do pé. (Pronto, achei que você deveria ter esta informação.) Deixo cortarem minhas unhas regularmente em respeito à saúde pública, mas sob protestos. A Lucinda, nossa neta de 7 anos, acompanha algumas dessas sessões de tortura, e de outras apenas quer saber: “Foi com fiasco ou sem fiasco?”.

## ANEXO Q - SCLiar

Luis Fernando Verissimo

28/02/2016 | 02h00 0

Convidado pela Casa do Saber, do Rio, para participar de uma homenagem ao Moacyr Scliar, nos cinco anos da sua morte, e não querendo apenas falar do prazer e do privilégio de ter sido seu amigo, fui atrás de um texto do Saul Bellow que me lembrava de ter lido, sobre o judeu como inventor de parábolas didáticas, o que o Scliar fez sua vida inteira, disfarçando-as com a realidade e com a fantasia. Segundo Bellow, nas histórias da tradição judaica, o mundo e até o universo têm um sentido humano. A imaginação judaica já foi inclusive acusada de sobre-humanizar tudo, de supervalorizar o humano e atribuir a tudo significados demais. Para alguns, o próprio cristianismo seria uma criação de contadores de histórias judeus, festejando a vitória de cristãos oprimidos sobre os opressores, na sua origem.

Bellow conta que seu pai tinha sempre uma história pronta para qualquer questão, moral ou corriqueira. Todas as respostas começavam como uma história. “Havia um certo homem que morava...” “Uma viúva e sua filha...” “Um cavaleiro vinha por uma estrada na floresta...” A história que Bellow mais gostava era a do lenhador que saía de casa para juntar lenha na floresta e, na hora de voltar para casa, tinha juntado tanta lenha que não conseguia levantar sua carga. Depois de praguejar contra a sua própria velhice e sua falta de força, o lenhador pediu a Deus que mandasse a morte buscá-lo, pois era um homem imprestável. E Deus apiedou-se do lenhador e mandou o Anjo da Morte para buscá-lo, e o lenhador pediu para o Anjo ajudá-lo a levar a lenha para casa e depois dispensou-o, dizendo que mudara de ideia e não queria mais morrer. O que provava, para o pai de Bellow, que ninguém está realmente pronto para morrer.

A parábola do lenhador, que Bellow lembra como exemplo de uma história tipicamente judaica, poderia ter sido inventada pelo Scliar. Nela há a tragédia da condição humana, da velhice, da revolta contra um destino irremediável, e o humor do desenlace, em que o Anjo da Morte é desviado da sua função e posto a trabalhar. Em toda a obra do Scliar há essa mistura do trágico e do cômico, ou do trágico redimido pelo cômico. Em alguns casos, o humor judeu existe apenas para estabelecer uma ideia de equilíbrio e sanidade num mundo

maluco. Mas quase sempre o humor judaico é misterioso e impossível de ser analisado, até por gente como Sigmund Freud, segundo Bellow. Alguém já argumentou que o riso, um senso cômico da vida, pode ser visto como prova da existência de Deus. A existência seria engraçada demais para não ter uma causa mais alta. O ateu Scliar responderia que a ideia de um deus piadista é que é muito engraçada.

Bellow diz que a experiência do gueto, da vida confinada, longe de produzir um sentimento claustrofóbico abre a imaginação para o alto e para o mundo fora dos limites. Scliar é o produto de um gueto, o bairro Bomfim de Porto Alegre, em que nunca, que eu saiba, houve um pogrom. Se sua experiência fosse a de um gueto como o de Varsóvia suas histórias seriam outras, ainda dentro da tradição judaica, e sua imaginação mais trágica e menos livre. Para nossa felicidade como leitores, o gueto que formou sua imaginação foi o de Porto Alegre. O mundo e o universo vistos de lá eram muito maiores e mais humanos, o Bomfim literalmente não tinha fim.

## ANEXO R - PIADAS

Luis Fernando Verissimo

03/03/2016 | 02h00 0

Não me lembro de muita coisa do filme. O título em inglês era *The Candidate* e o ator era o Robert Redford. Numa eleição para senador no Estado da Califórnia, o candidato republicano à reeleição é tão forte que nenhum democrata quer ser seu adversário. O partido convence Robert Redford a concorrer. Como não há a menor possibilidade de derrotar o popular e corrupto republicano, Redford pode dizer o que quiser durante a campanha, aproveitando para criticar a influência do dinheiro na política e gozar dos políticos profissionais, como o seu supostamente imbatível oponente. E acontece o imprevisível: Redford ganha a eleição, para a surpresa de todo o mundo, principalmente do seu próprio partido, que tomou seu crescimento nas pesquisas de intenção de voto como um equívoco passageiro de pessoas que não tinham entendido a piada. A última cena do filme é a de um Redford, perplexo, perguntando ao seu gerente de campanha: “E agora?”.

O personagem de Redford no filme e o candidato a candidato do Partido Republicano nas próximas eleições presidenciais americanas, Donald Trump, não têm nada em comum, salvo o cabelo amarelo. Mas são duas piadas que chegaram mais longe do que alguém poderia imaginar. Esta não é a primeira vez que Trump se apresenta como candidato à presidência dos Estados Unidos, mas é a primeira vez que passa de uma opção ridícula a uma possibilidade clara. É difícil – agora já matematicamente – que não seja ele o candidato escolhido pela próxima convenção do seu partido. Foi o mais performático e saliente de uma trupe de concorrentes particularmente opacos e pode dizer tudo o que quiser. Está dizendo as barbaridades que sempre disse, só que, hoje, elas são o que muita mais gente está pensando. O conservadorismo responsável não conseguiu deter Trump enquanto era tempo. O ridículo também não. E agora?

Oscars. Não entendi o Oscar para o Leonardo DiCaprio, que, no filme, passa tanto tempo sofrendo que não tem tempo para atuar (deveriam ter dado o prêmio para a urso), mas a Academia se saiu bem no que todos esperavam ver, sua reação às alegações de racismo, já que este ano nenhum indicado para qualquer prêmio era afro descendente. Optou pela

autogozoção, no que fez bem. Mas a melhor resposta que se viu foi a da presidente da Academia, Cheryl Boone Isaacs, que falou sobre a importância da diversificação no cinema, mas não precisava ter dito nada. Ou foi uma ilusão de ótica minha ou a sra. Isaacs é negra.

## ANEXO S - OS STONES

Luis Fernando Veríssimo

06/03/2016 | 02h00

Os Rolling Stones, como se sabe, são os Beatles depois de muito tempo expostos à chuva e ao vento. Outra tese: todos os Stones já morreram e só saem do museu de cera uma vez por ano para excursionar. Piada: como o Mick Jagger tem rugas! Isso que você não viu as que ele deixa em casa para viajar. Por que o Mick Jagger tem tantas rugas? São provocadas pelo riso. Impossível, nada pode ser tão engraçado!

Branco. O Millôr contava que uma vez dera um autógrafo no interior de uma carteira de cigarro. Pedira desculpa pela precariedade do papel e ouvira como resposta “Não faz mal, quando chegar em casa eu passo a limpo”. Meu pai dava autógrafos em Portugal e, com a caneta pousada sobre a página em branco para fazer a dedicatória, perguntou “Que nome eu ponho?” E o português, tentando esconder sua decepção com a burrice do escritor: “O de vossa senhoria”.

Escritores em sessões de autógrafos têm em comum com tribos indígenas um justificável temor dos brancos. Não são boas as experiências dos dois grupos com brancos. No caso dos escritores o “branco” é a pane mental que lhes impede de lembrar o nome do melhor amigo, na hora da dedicatória, e seus efeitos são iguais aos dos brancos entre povos primitivos: confusão, mal estar e, muitas vezes, guerras.

Todo escritor que já deu autógrafos tem sua história de terror para contar. De pessoas que o cumprimentam efusivamente, e que portanto ele tem a obrigação de saber quem são, e que nome têm, e não sabe. De pessoas que ele está cansado de saber quem são mas não lembra o nome. E – o pior de tudo – de pessoas que ele lembra o nome, mas o nome errado. Como na vez em que dediquei um livro ao Paulo Hecker Filho para espanto de quem me pedira o autógrafo, Antônio Carlos Rezende.

Os “brancos” podem vir a qualquer hora.

– Desculpe, não estou lembrando o seu nome...



– Sou sua mãe!

– Eu sabia que começava com “eme”...

E não há como disfarçar um branco. Você pode perguntar “Para quem?”, tentando dar a entender, pela expressão ou o tom de voz, que sabe o nome da pessoa, claro, mas que talvez ela queira dar o livro de presente a outra. Uma técnica que perde qualquer sentido quando a pessoa diz “Para mim mesmo”, e, impiedosamente, não diz seu nome.

Já apelei para perguntas suicidas como “Seu nome é com “i” ou com “y”?”. Não adianta. Seja qual for a resposta, pode levar a indignação ou tapas se o nome dela for, por exemplo, Noelma. Mas pelo menos se ganha tempo para o cérebro funcionar. Vã esperança. O cérebro não costuma funcionar em sessões de autógrafos.

## ANEXO T - A INTERVENÇÃO DO CARNAVAL

Luis Fernando Verissimo

10/03/2016 | 02h00

“Ninguém está acima da lei” foi o refrão que acompanhou a ida do Lula, à força, para depor na semana passada. Perfeito. Numa República democrática ninguém deve se considerar acima da lei, nem ex-presidentes. Mas faltou um adendo: “Nem juízes”.

A condução coercitiva determinada pelo Moro foi, mais do que um circo desnecessário, uma ilegalidade. Pela lei, a condução coercitiva é usada quando uma intimação não é atendida. Não foi o caso do Lula, que já havia prestado depoimento três vezes sem necessidade da força. Se uma ação policial é descabida e fora da lei e mesmo assim é realizada, e com estardalhaço, resta especular sobre o que motivou a ação e o estardalhaço. Foi só para humilhar o Lula? Foi uma deliberada demonstração de força, tão compulsiva que se fez mesmo em desafio à sua evidente ilegalidade e sua previsível repercussão?

É difícil acreditar que a Polícia Federal não tivesse outro canto de São Paulo para ouvir o Lula a não ser o Aeroporto de Congonhas, com sua implícita pequena distância, de avião, de Curitiba e da prisão, se a polícia assim quisesse. E, no fim, ainda tivemos a espantosa declaração do Moro de que o método e o local em que Lula havia prestado depoimento tinham sido escolhidos para proteger o ex-presidente.

Ninguém está imune a ela, de acordo, mas a biografia de alguém deveria valer alguma coisa ao se avaliar sua posição, acima ou abaixo da lei. Para ficar só nos ex-presidentes: o Fernando Henrique Cardoso, pelo seu histórico de intelectual engajado e homem público – não importa o que você pensa do governo dele – não merece ver sua vida privada transformada numa novela das 9 e ter que dar explicações sobre um assunto que é só da conta dele e da família dele. Da mesma forma, o Lula, pelo sua história, pelo que ele representa, deveria ter outras considerações além da pequena regalia de não precisar usar algemas. Ou talvez a intenção do carnaval fosse essa mesmo, a de mostrar para essa gatinha metida a grande coisa que só porque foi presidente, o ex-torneiro mecânico que idolatram, com sua adega de vinhos caros e os pedalinhos pras crianças, mereça algum respeito.

Militares. Um leitor me adverte que 90% dos militares brasileiros concordam com o que diz o Jair Bolsonaro. 90% dos militares brasileiros concordam que a ditadura deveria ter matado, em vez de apenas torturado, quem prendeu? Duvido.

## ANEXO U - SERENATA

Luis Fernando Verissimo

13/03/2016 | 02h00 7

O Último Romântico escreve poemas para a mulher amada. Às vezes, pede ajuda aos amigos do bar.

– O que rima com “primavera”?

Os amigos acham graça do Último Romântico, mas ajudam.

– Tenta “quimera”.

– “Quimera”. Boa.

– Você sabe, claro, que esta será a última vez na história do mundo que alguém rima “primavera” com “quimera”.

– Não importa!

Às vezes, os amigos gozam do Último Romântico.

– “Amor” rima com? Não vale “flor”, que eu já usei.

– Isopor.

– Horror.

– Bolor!

O Último Romântico não liga para a gozação. Põe seus poemas em envelopes que manda para sua amada, quase que diariamente.

– Sua amada, alguma vez, respondeu uma carta sua?

– Nunca. Mas o amor tem que ser assim. Dilacerante. Se não for dilacerante não é amor. Eu morro de amor todos os dias.

– Ninguém mais morre de amor.

– Pois deveriam.

– A última vez que alguém morreu de amor no Brasil foi nos anos 50 e suspeita-se que foi intoxicação alimentar.

– Pois não sabem o que estão perdendo.

Um dia, o Último Romântico chegou no bar empolgado com uma ideia. Faria uma serenata para a mulher amada. Os amigos o acompanhariam? Ninguém se entusiasmou.

– Serenata, cara?

– Exato. À moda antiga. Debaixo da sacada dela. Minha voz não é das piores. Só preciso de acompanhamento.

Todos olharam para o Pires, o único da turma que tocava violão.

– E aí, Pires. Vai encarar?

O Pires hesitou, depois disse:

– Topo.

– Você sabe Carinhoso? – perguntou o Último Romântico.

– Arranho.

O Último Romântico e o Pires chegaram ao prédio onde morava a amada, no meio da noite. Primeira constatação: o prédio não tinha sacada. O Último Romântico sabia qual era a janela da amada? Só sabia que era no oitavo andar. O jeito seria fazer a serenata pelo interfone. Mas qual dos dois apartamentos do oitavo andar era o da amada?

– Como é o sobrenome dela? – quis saber o Pires, consultando o painel de moradores ao lado do portão.

– E eu sei?

– Um dos moradores do oitavo se chama Susuki. Sua amada é japonesa?

– Não. Aperta o outro botão.

Depois de um longo tempo, ouviu-se uma voz feminina sonolenta:

– Quem é?

O Último Romântico só teve tempo de começar a cantar “Meu coração...”, quando chegaram os assaltantes.

## ANEXO V - UMA SOLUÇÃO

Luis Fernando Verissimo

17/03/2016 | 02h00 31

Discute-se uma saída constitucional para a crise política brasileira e já foi proposto um semipresidencialismo, ou até um semiparlamentarismo com a atual presidente promovida a rainha, para fins puramente protocolares e ornamentais. Me lembrei da notícia que li, há alguns anos, sobre a descoberta, na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, de um pelo pubiano de Dom Pedro I. Não sei se era brincadeira ou verdade, o fato é que não se falou mais no assunto. Na época, escrevi uma crônica a respeito da descoberta com uma sugestão sobre o que fazer com ela. Repito a crônica como minha contribuição para a reforma do regime de governo sendo discutida, e para acalmar os ânimos.

Presumivelmente, o pelo pubiano tinha sido usado para marcar o lugar num livro, não se sabe se por ele ou por alguma admiradora. De qualquer maneira, era um pentelho imperial. Pesquisas com reconstituição genética indicam que já é possível remontar um organismo inteiro a partir de uma única célula. Alguma célula do púbis de Dom Pedro deveria se encontrar na raiz do pelo providencial – contando, claro, que a relíquia tivesse sido bem preservada.

Monarquistas poderiam muito bem acenar com a possibilidade de restituição não apenas da monarquia, mas do nosso primeiro monarca, o que – junto com alguns votos comprados, como manda a tradição brasileira – inspiraria o Congresso a aprovar uma mudança do regime. Quem resistiria ao apelo publicitário da volta ao poder do proclamador da nossa Independência, um currículo que nenhum outro pretendente poderia igualar, ou criticar?

A infância, a educação e a preparação de Dom Pedro – ou do Pentelho Primeiro, como ele fatalmente seria conhecido – para o cargo seriam acompanhadas pela nação enternecida, e, depois, se o clone tivesse metade da personalidade ferosa da matriz, suas aventuras seriam o assunto da corte e o divertimento do País. E não estaria afastada a hipótese de um eventual casamento dele com uma plebeia ou uma moça da nossa aristocracia, na catedral de Brasília, ou numa cerimônia privada em Petrópolis.

Dom Pedro de volta seria a solução para o Brasil. Não seria preciso me recompensar por ter tido a ideia, salvo, talvez, com a embaixada em Paris.

Mas acabo de me dar conta que, como o clone necessitaria de tempo para ser gerado e crescer, precisaríamos de uma regência provisória até ele atingir a maioridade, com 18 anos e já com suas costeletas. O PMDB, claro, reivindicaria o cargo, o Aécio Neves não se conformaria em não ser o escolhido e a guerra política reiniciaria.

Esquece, esquece.



## ANEXO W - METÁFORAS

Luis Fernando Verissimo

20/03/2016 | 02h00

Comparamos mulheres a frutas e revoluções a omeletes, dizemos que as pessoas envelhecem como o vinho – ou ficam melhores ou azedam, com o tempo – e reduzimos tudo a metáforas culinárias. O neoliberalismo dominante, por exemplo, precisa lidar com um recorrente problema de cozinha: o do ponto.

Qual é o ponto em que a ganância humana deixa de ser um propulsor econômico e volta a ser pecado? Da sra. Thatcher disseram que ela queria o impossível: devolver à Inglaterra os valores morais da era vitoriana ao mesmo tempo que desencadeava a era do egoísmo sem remorso. Para Margaret essa coisa chamada sociedade não existia, só existia o indivíduo. Mas o egoísmo do indivíduo precisa conviver com a moral burguesa, e a mistura só pode dar certo se acertarem o ponto em que a ganância é absolvida pela hipocrisia, que teve sua apoteose na era vitoriana. O capitalismo e a moral burguesa devem definir esse ponto.

Qual é o ponto da ganância? Quando é que a mistura começa a desandar, o molho queima e o que era para ser um pudim vira uma vergonha? Há quem diga que o ponto se identifica com instinto e controle. Você sabe, nas suas entranhas, que é um outro nome para a consciência, quando e como intervir para salvar o pudim. Digo, a moral burguesa. Claro que para isso funcionar é preciso confiar que todas as pessoas sejam, no fundo, social-democratas, ou capitalistas só até um ponto certo do cozimento, ou de bom coração.

Há tempos, a respeito de um dos tantos escândalos financeiros e desastres sociais que pululam por aí, um apologista do capital sem controle disse que não adianta esperar que a ganância se autocorrija, é preciso confiar na vergonha inata das pessoas. Estava, no fundo, pedindo para termos a vergonha que falta ao sistema financeiro, na sua pregação de austeridade para todo o mundo e liberdade irrestrita para os poucos donos do dinheiro. E para confiarmos que uma solidariedade instintiva prevalecerá no seu convívio com a moral do lucro acima de tudo, como ingredientes compatíveis num bolo. Em outras palavras, é preciso acreditar que é possível destruir uma ideia de sociedade solidária e esperar que ela sobreviva nas pessoas como uma espécie de nostálgica produção de comida caseira.

## ANEXO X - EM CUBA

Luis Fernando Verissimo

24/03/2016 | 02h00

Obama in Habana, quem diria? De acordo com o Fox News, o programa de TV preferido da direita americana, o encontro de Obama e Castro foi a primeira vez em que um ditador comunista e sanguinário esteve com um líder americano. Até a visita do Obama, a relação mais próxima de um presidente americano com Cuba tinha sido o que, alegadamente, Clinton fazia com a estagiária e charutos Montecristo. Kennedy não pôde ir a Cuba, mas mandou uma delegação, a força-tarefa que invadiu a ilha, mas não passou da Baía dos Porcos. Muitos outros americanos visitaram Cuba depois disso, a maioria infiltrada pela CIA – às vezes, dizem, com a ajuda da Máfia – para matar o Fidel, que continua vivo. Contam que, na entrevista à imprensa dada por Obama e Castro, houve um momento de confusão, quando tocaram no assunto dos presos políticos em Cuba, e não ficou claro se incluíam os presos sem julgamento na base americana em Guantánamo. Mas tudo acabou bem, e o Baraca foi, mais uma vez, histórico.

Acabamento. Vi uma foto da última manifestação gigante contra a Dilma em que aparece um cartaz com a frase “Cadeia é pouco, fuzilamento já”. Não eram necessárias mais do que duas pessoas para carregar o cartaz, que, talvez, só expressasse o sentimento ou o desejo delas, em meio a uma maioria que protestava em paz e não pedia sangue. Mas era notável o bom acabamento do cartaz. Seu conteúdo não era uma frase raivosa pichada numa faixa de pano para levar na passeata. Era um cartaz bem pensado, executado com esmero, em duas cores, coisa de profis. Me lembrei da época da eleição do Collor em que eu recebia cartas anônimas de pessoas descontentes com minha opinião sobre o candidato. E o que mais me impressionava não era a ameaça do que fariam comigo e com meus filhos, era a qualidade das cartas. Bem escritas, em bom papel, sem um erro gramatical que denunciasse um autor energúmeno, até inspiradas na descrição da variedade do que fariam conosco. E, mais assustador do que os castigos anunciados, para mim, era aquele acabamento caprichado das cartas. Uma pessoa letrada, com uma noção de estilo literário e layout gráfico, pensara no que iria escrever, escolhera as barbaridades com que nos intimidariam, selecionara

critériosamente um envelope fino – e, dentro do envelope, inha puro ódio. Ingenuidade minha, a de pensar que o bom gosto previne o instinto assassino, ou que pessoas civilizadas são imunes ao ódio.

Mais assustador do que o bom acabamento, claro, é pensar que o que dizia no cartaz era a vontade de mais do que as duas pessoas que o carregavam.